REVISTA DA SEMANA



NESTE NÚMERO:

S. JORGE - GENERAL DO POVO

O santo guerreiro nas macumbas

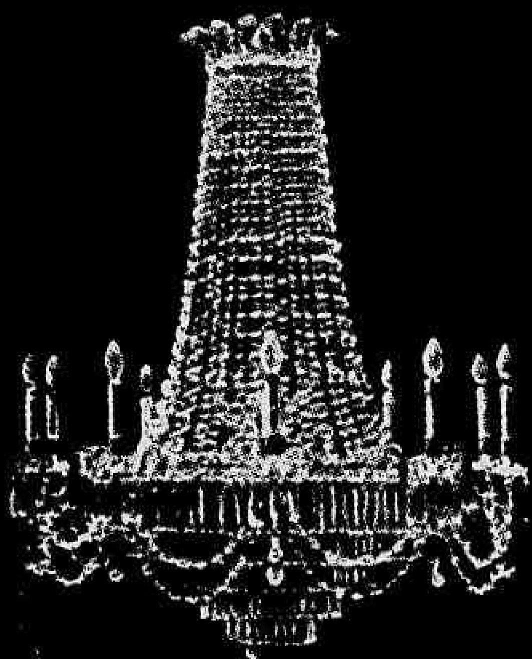
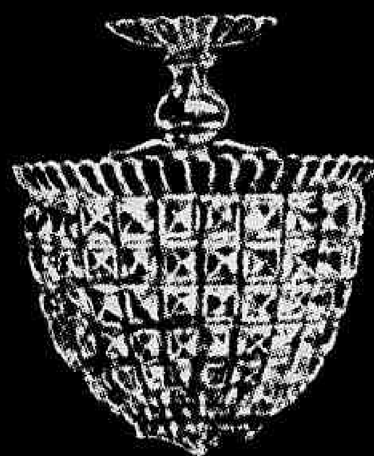
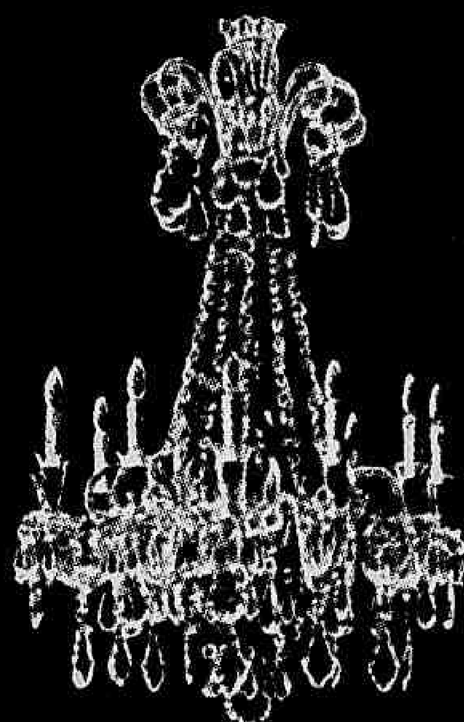
CARNAVAL PROIBIDO

A Aleluia no Club dos Gran-gestes

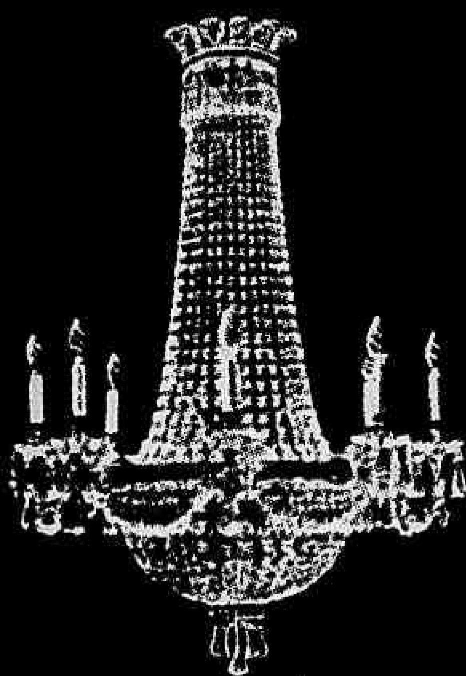


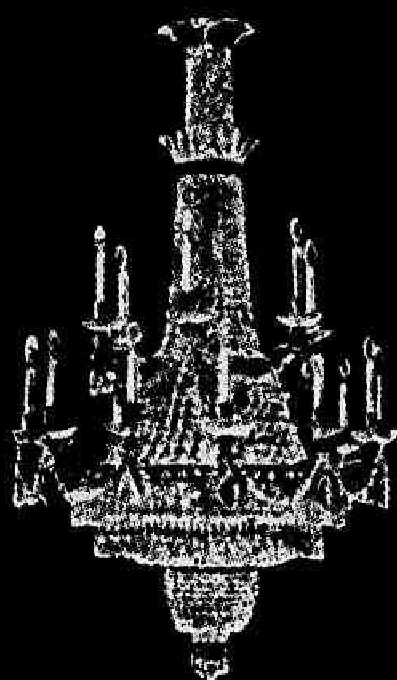
A MAIOR EXPOSIÇÃO DO BRASIL EM LUSTRES FINOS, IMPORTADOS DIRETAMENTE DAS MELHORES FABRICAS DA EUROPA.

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA E FRANCESES EM AUTENTICOS ESTILOS MARIA TEREZA, ISABELINO, CLASSICO, IMPERIO, VERSALLES E MODERNO E TAMBEM EM BRONZE ARTISTICAMENTE TRABALHADOS.

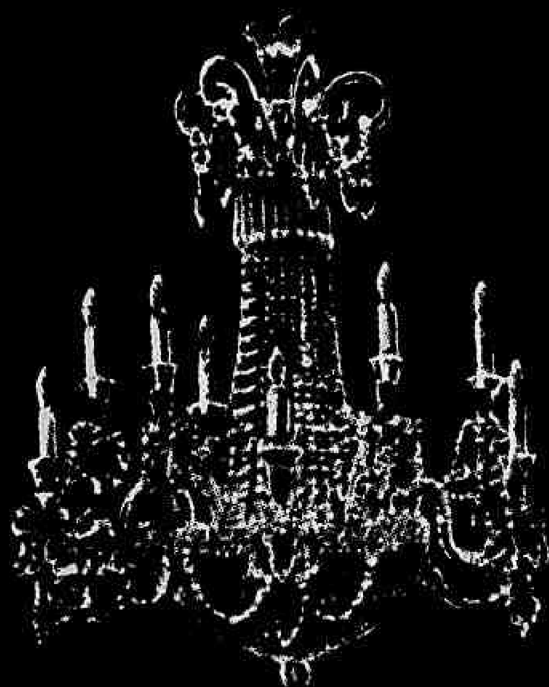
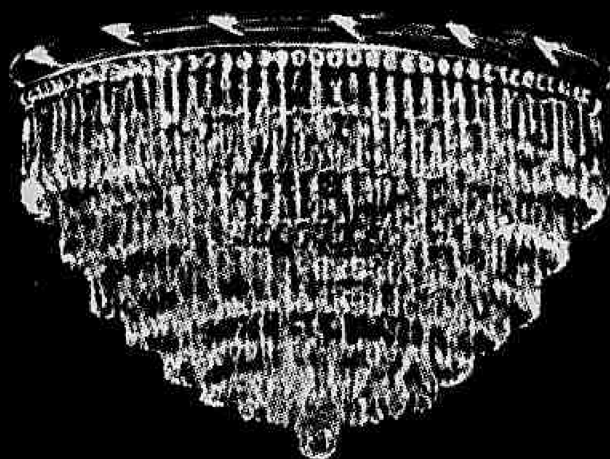
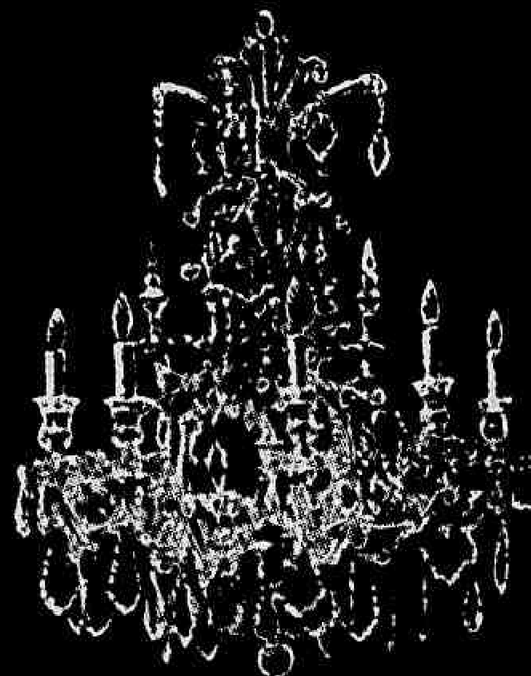




Especialidades em grandes lustres sob encomenda para finas residencias, Igrejas, Hoteis, Bancos, Cinemas, etc. — Colocação gratuita por pessoal especializado.





ARTISTAS DECORADORES PARA ORIENTAÇÃO NA ILUMINAÇÃO DE SUA RESIDENCIA

LUSTRES
MASUET
EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. BRASIL, 216 — FONE: 8-2958
S. PAULO

REVISTA DA SEMANA

Sumário

REPORTAGENS EXCLUSIVAS

Quebra-quebra em Uberaba 4
O Jurinho absolve (Por A. Marcanti 5/7
São Jorge, General do Povo (Por Solano Trindade) 11/15
Revelações do Continente Negro (Por Marcos Carneiro de Mendonça) 16/17
Carnaval Proibido (Por Humberto Alencar) .. 27/31
Moda — inferno dos maridos (Por Milton Tierry) 32/34
Estrondosa recepção aos campeões (Por Levy Kleiman) 56/57

LITERATURA

Fé em Deus (Por Renato de Alencar) 3
O Pequeno Conto (Por Geo William) 8
Semana Literária (Por Edmundo Lys) 18/19
Aquilo que o vento não levou... (Conto de Lourdes Judice) 26
Noção do Tempo (Conto de Elizabeth Taylor) 35

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 8/9
A Personagem da Semana (Zezé Moreira) .. 9
À Luz da Psicanálise (Pelo Dr. Luiz Fraga) .. 47
Puxe pelo cérebro 48
Passatempo (Por Renato Cartaxo) 49
Correio da Revista 50
A Revista há 50 anos 51
Tudo isto aconteceu 52/53
A pergunta da semana (Por Sinimbu) 58

CERTAME FOTOGRÁFICO (Regulamento) ... 20

VARIEDADES

Um mistério a decifrar (Por Everard Young) 10

FOLHETINS

Aventuras do Capitão Rob 24/25
Espinhos do Amor 38

ROMANCE

A Insatisfeita (Por Irene Temple Bailey) 22/23

FEMININAS

Modelos (Por Ramon) 36/37
Conversa feminina 44
Figurinos 44/45
O grande gesto (Por Isolete) 46
Week-End na Cozinha 47

CINEMA (Por Leon Eliachar) 39

CARICATURA

Barbas de môlho (Por Théo) 21
Êste mundo e o outro (Por Darcy) 55

NA CAPA:

Rita Hayworth
(Foto Columbia)



FÉ EM DEUS

MACÁRIO era um pobre sertanejo, cujo sonho final de sua vida, desde a carta do A-B-C, lá no povoado de Cumbuca, era o de vir morar no Rio. Quando ia ao cinema da cidade e via as belezas sem igual da Guanabara, mais acesa ficava sua idéia, e dizia aos seus pais preocupados, que viver naquelas brenhas era trocar a vida pela morte. Os pais de Macário o consolavam: "Meu filho, o mundo é grande e Deus sabe o que faz. Esta terrinha já nos vem de longe. Quando deixarmos esta vida é a você que cabe prosseguir nos trabalhos que recebemos dos outros da família. Para que sair daqui? Quem não quer sofrer pouco, sofre muito. E a terra, meu filho, é o único patrão digno do homem. Mas o Macário era mesmo de cabeça dura. E, um dia, já pai de família, tomou a bênção de seus pais à luz vacilante da alvorada, e se botou a caminho do sul, arrastando consigo a mulher e a filharada de olhos assustados e consciência distante de sua compreensão.

"Fé em Deus, meu filho!" — Foram estas as palavras dos velhinhos, estátuas a chorar o filho e os netos, numa aventura sem par na sua história. Não podiam compreender como se deixa o torrão que nos pertence, do qual se é dono e nêle se pode mandar, para pedir arrimo em terra estranha, levando como base de conquista, economias que serão tragadas nos primeiros imprevistos. Macário não chorou. A emoção fechou-lhe a veia do coração. Entalou. Cerrou os lábios como quem sofre a maior dor dêste mundo, a dor moral do filho que vê os pais a soluçar e não pode mudar-lhes o pranto em risos. Mas era o seu sonho. O sonho de sua infância, de sua juventude, de seu adultecer.

E veio bater no Rio. Seu dinheiro se foi. A mulher adoeceu. Os filhos choravam e perguntavam por vovô e por vovó. Uma família desgarrada em busca de ilusões, de miragens que o deserto da vida lhe desenhava com um pincel da imaginação febril. O Rio com todo o seu esplendor, já não parecia a Macário a terra sedutora com que sonhava. Tudo lhe resultara adverso. Por misericórdia se refugiou em casa de um amigo que o destino improvisara. Mas sendo gente pobre, era impossível a solução por êsse lado. E no cérebro de Macário começou a avultar a idéia do suicídio. Voltar, nunca! Quando a espôsa percebeu os seus intentos, pediu ao hospedeiro que a socorresse. Um telegrama urgente foi expedido à família do angustiado. E chegaram recursos para a sua volta. Macário tivera um sonho. Seu pai lhe implorava humildemente: "Filho, eu estou para deixar o mundo. Volta e toma conta de nossas terrinhas e protege tua velha mãe". Macário meditou. Consultou a mulher. E decidiram regressar ao sìtiozinho. Iriam por mar. O Ministério do Trabalho forneceu-lhe passagens até Salvador. Macário, olhando da proa do navio a majestade da imensa Guanabara, relembrava as palavras de seu pai: "Filho, a terra é o único patrão digno do homem". E êle chorou, pela primeira vez.

RENATO DE ALENCAR



Assim começaram acontecimentos: a greve pacífica e deira dos motoris A foto foi batida primeiras horas, pôsto do Vau.

QUEBRA-QUEBRA EM UBERABA

GREVE E SEDIÇÃO

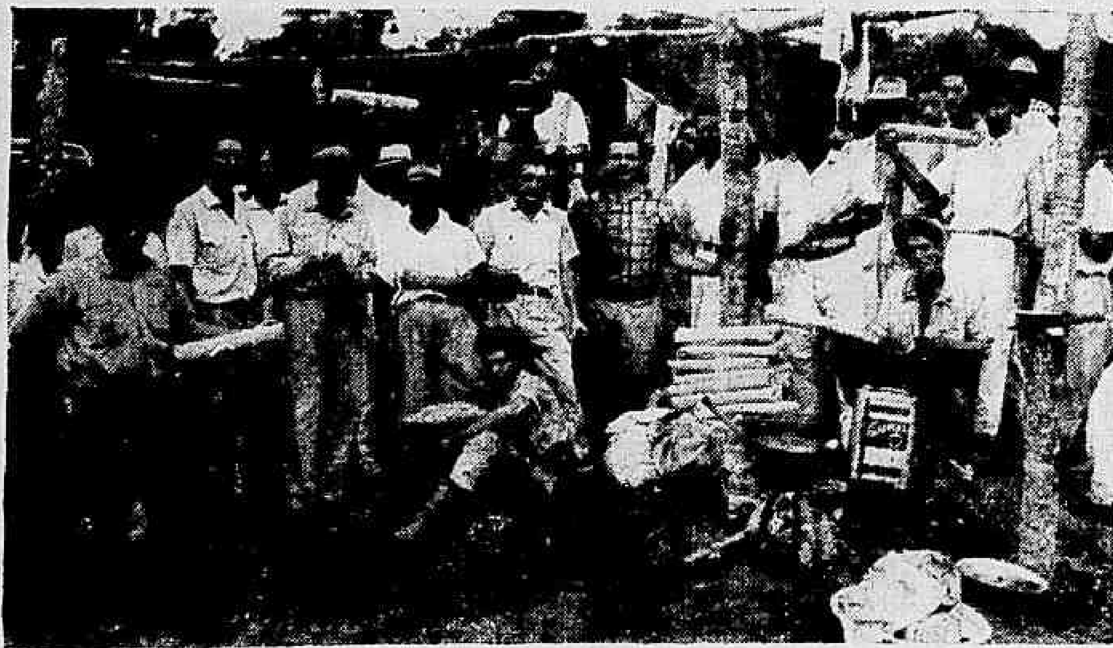
PREJUIZOS: 120 MILHÕES

UMA quinzena atrás, as duas principais cidades do Triângulo Mineiro — Uberaba e Uberlândia — viveram momentos de agitação motivados pela greve dos motoristas, que se insurgiram contra a criação de novos impostos que viriam aumentar o custo dos gêneros de primeira necessidade.

O movimento teve início em Uberlândia, quando os motoristas locais, em atitude pacífica, protestaram contra os postos fiscais estabelecidos na entrada da cidade e contra os dispositivos da lei 760, que regula a Taxa Rodoviária do Estado. Também revoltados com os novos impostos decretados pelo govêrno mineiro, o comércio local aderiu à greve dos profissionais do volante, não abrindo suas portas, o que paralisou completamente a vida urbana.

Vinte e quatro horas depois, um calamitoso quebra-quebra ocorreu em Uberaba pelos mesmos motivos que originaram a greve dos motoristas e do comércio de Uberlândia. Encontrando-se a cidade completamente desguarnecida, já que a poli local fôra enviada à Uberlândia a fim de assegurar a manutenç da ordem, populares devastaram por completo a sede de tôd as instalações da Delegacia Secional do Impôsto de Renda, Agências do IAPTEC e IAPC, da Superintendência dos Serv Fiscais do Estado e da Segunda Coletoria Estadual, adiantand que só os prejuízos sofridos pela União sobem a 120 mil de cruzeiros.

Após serenados os ânimos, quando as duas cidades tri linas voltaram à vida normal, procuraram-se as causas que t provocado o movimento. Entretanto, após acirrados deba Assembléia Legislativa Estadual, chegou-se à conclusão d as ocorrências não foram provocadas apenas pelos elemen munistas da região mas não se poderia negar a participaç vermelhos nos acontecimentos de Uberlândia e Uberaba.



No pôsto de abastecimento, à hora da bóia, ainda não se tinha idéia de que os acontecimentos degenerassem em cenas de tumulto.



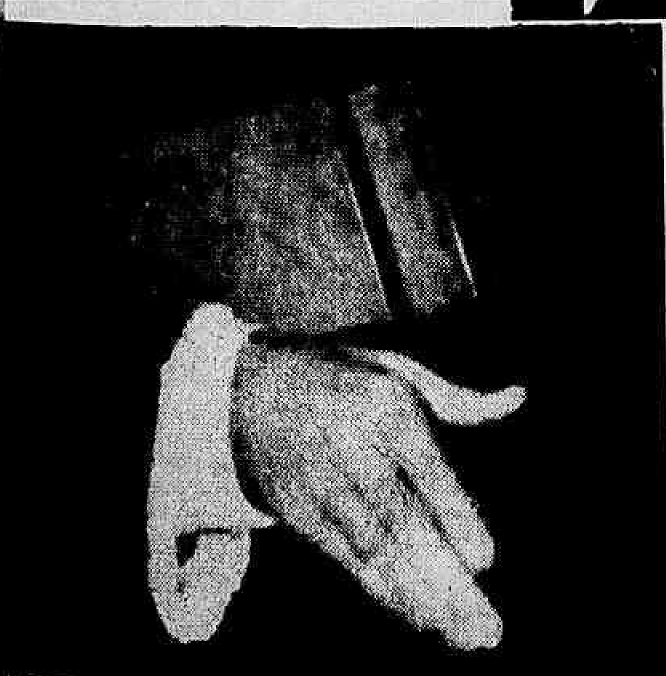
A adesão dos motoristas foi total e a fila de veículos estacionados não tardou em atingir dois quilômetros de comprimento.

O JURINHO ABSOLVE



O DEDO DA LEI

A acusação durou quarenta minutos e foi feita pelo promotor público Lúcio Marques de Souza.









AS MÃOS DA LEI

Todo um estudo expressional das mãos do promotor público, enquanto êste proferiu a acusação.



O JUIZ-PRESIDENTE — A lei que vigia.



O ACUSADO — Adão e o crime da maçã.



O ADVOGADO — A lei também defende.

O JURINHO ABSOLVE

ESTRÉIA DO JÚRI POPULAR

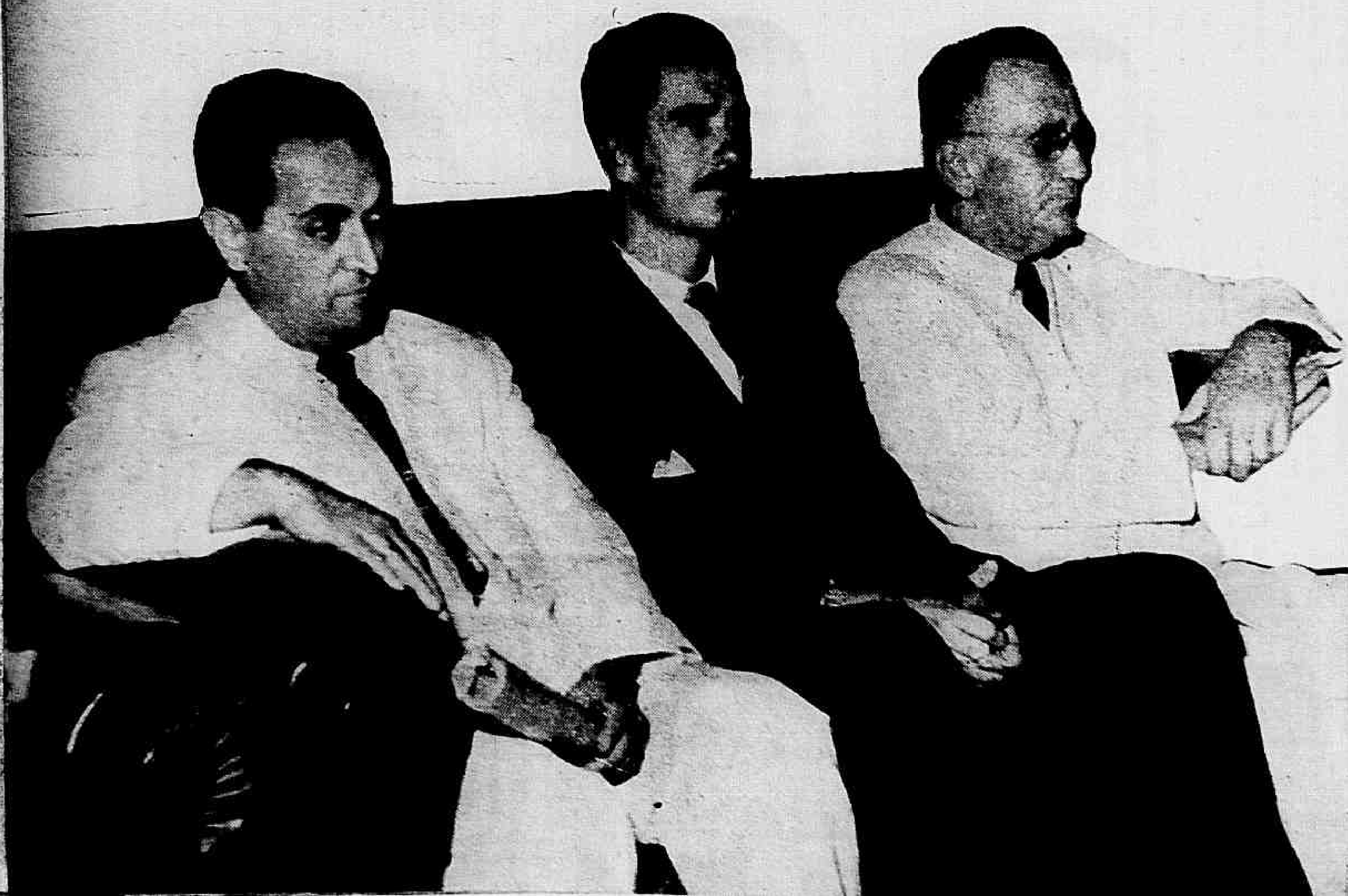
CRIME : MAÇÃS A CR$ 14.00

RÉU : O FEIRANTE ATALÍBIO

Fotos de **ALBERTO FERREIRA**

AGUARDAVA-SE com ansiedade a sessão do primeiro júri popular que se reuniria para julgamento de um crime praticado contra a economia popular, sendo réu o feirante Atalíbio Ferro, que vendeu o quilo de maçãs a 14 cruzeiros, sendo de CR$ 12,50 o preço da tabela.

O leitor estará lembrado dos debates suscitados pela mensagem do Govêrno ao Congresso Nacional, na qual podia a criação de juris populares para julgamento de crimes dessa natureza. Juristas sustentavam, de um lado, a constituicionalidade do projeto enviado pelo Governo; do outro, juristas sustenatvam o oposto: o projeto era absolutamente inconstitucional. Havia ainda a opinião pública e a imprensa, entendendo ao mesmo tempo que o Jurinho (como foi logo apelidado) seria completamente inútil, além de moroso e dispendioso ou que nêle estaria a salvação do povo escorchado pela ganância dos negociantes.



A LEI NO CONSELHO DE SENTENÇA - Cinco juízes do povo julgaram o réu Atalíbio. Três absolveram. Seriam os que aparecem na foto ao lado?

A ABSOLVIÇÃO É ANUNCIADA



JUIZ — Justiça se fêz.



PROMOTOR — Perdi meu latim.



JURADO — Cumpri meu dever.



RÉU — Maçã é pecado de Eva.

As opiniões se dividiam, tanto em matéria legal como em matéria de fato. Mas o Jurinho veio, como queria o Govêrno. E no estreito recinto da 5ª Vara Criminal instalou-se, pela primeira vez, sob a presidência do titular da Vara, Dr. Décio Pio Borges, no dia 18 de abril último.

Dissémos que a sala é estreita, pois destina-se ao serviço de audências comuns. Nesse dia estava repleta de autoridades jornalistas, curiosos de tôdas as classes sociais. Alí se veria o Jurinho em ação, depois que as formalidades da sessão de julgamento se cumprissem e a decisão fôsse anunciada.

Correram as formalidades, como no júri criminal comum: leitura do relatório, acusação pelo promotor (Dr. Lúcio de Souza), defesa pelo patrono da causa (Dr. H. Castelo Branco), reunião secreta dos jurados (cidadãos Valdir de Souza, Lauro Sales Silva, João Alves Teixeira, Silvio Cardoso Becker, Flávio Nunes) e, finalmente, decisão. O réu foi absolvido por 3 votos contra 2.

A acusação foi branda, a defesa convincente. Os jurados — bem o mostra o resultado — não se convenceram da materialidade do delito imputado ao réu. O desapontamento assim com que muitos receberam a decisão, quando esperavam que o próprio povo punisse sem contemplação os seus exploradores (e Atalibio era acusado de ser um) não tem caráter irrevogável. Resta ver, nas futuras sessões do Jurinho, o comportamento dos jurados diante de crimes cuja contestação não seja possível.

O que não se discute é que a maioria dos presentes ao julgamento recebeu com satisfação o resultado proclamado pelo Juiz Décio Borges, que absolvia o acusado. Uma atmosfera sentimental havia se condensado a favor de Atalibio e só é para admirar que dois jurados (os de voto condenatório) não se deixassem influenciar por ela.

O primeiro julgamento do Jurinho, pela razão que fica apontada, não chegou a constituir argumento definitivo a favor ou contra. Atalibio está na rua porque não foi reconhecido pelo tribunal popular de delito de que era acusado. Os novos Atalibios que comparecerem à barra do tribunal é que darão testemunho da prestabilidade da nova e custosa máquina de justiça introduzida em nossas práticas judiciárias.

O pequeno conto

A CESTA DO SENHOR FILLINGER

Por GEO WILLIAM



ERA o sr. Josef Fillinger um dêsses tipos comuns de "travet", de empregado público que tem horário para tôdas as manifestações da existência apagada e cinzenta. Hora certa para levantar, para se barbear, vestir, dobrar a primeira esquina, tomar o mesmíssimo ônibus e entrar no grande escritório onde sumia entre as prateleiras de documentos e escrivaninhas. Depois, ao terminar o trabalho de mais um dia, refazia o mesmo percurso e chegava à sua residência onde a azedíssima consorte, a truculenta Marta, iniciava as reprimendas, externava as queixas, amesquinhava-o, tudo isso como condimento às batatas, ao repôlho, à sopa ou ao pão prêto.

Fillinger não abria bôca. Mastigava em silêncio, cabeça baixa e esperava que a sua Xantipe terminasse a leitura do jornal da noite para usufruir a única hora de calma em sua vida, e isto depois de ter lavado e enxugado a louça e ouvir o ressonar do "doce metade".

★

A partir daquele dia de começo de semana, Fillinger foi visto todos os dias, regularmente, sair de casa sospesando uma bôlsa de vimes bastante ampla, uma dessas bôlsas que as mulheres usam para as compras no mercado. Os vizinhos não estranharam pois que julgaram-no incumbido, pela espôsa, as aquisições. Até riram e disseram: "O Fillinger arranjou mais uma tarefa..." Realmente a tarefa de Fillinger era grande e êle, sempre silencioso, calmo, metódico como um pedulo, ia e vinha com a bôlsa de vimes.

As vizinhas, desde há dias que não mais eram incomodadas pela irritante senhora Marta e davam graças a Deus não vê-la pelas escadas, antes e depois das compras. Souberam, por terem perguntado ao Fillinger, que a "espôsa estava ligeiramente indisposta". Sendo que ninguém morria de amôres para com ela, ninguém também se deu o trabalho de ir saber pessoalmente se estava passando melhor.

Continuou o Josef Fillinger o seu vai-e-vem diário, sem incomodar ninguém, cozendo-se as paredes para dar espaço aos moradores do prédio, humilde, maneiroso, tímido.

★

Na sexta-feira a cesta estava regorgitando de conteúdo quando abandonou a sua residência. No mínimo levava as roupas sujas à lavanderia. Quando desceu os últimos degráus da escadinha da entrada, escorregou e caiu fio comprido na calçada. A cesta abriu-se e dela rolou a cabeça da senhora Marta, já esverdeada, olhos esbugalhados, enormes, horridos e bôca retorcida!

★

— Era a última peça que me faltava fazer desaparecer — confessou Fillinger na Polícia. — Não sei o que foi... Senti uma fraqueza nas pernas e caí... Não fôsse isso, jamais teriam descoberto o meu crime... Matei-a e esquartejei-a com facilidade até. Foi divertido de começo... Tinha a impressão de estar secionando uma vaca! A cabeça porém traíu-me e eu sabia que Marta não deixaria de me perseguir, mesmo depois de morta! (IPA).

A Semana

O macumbeiro



ERA um prêto velho, já com seus setenta e tantos janeiros. Descendia de africano vindo no porão das galeras de velas pandas por êsses mares além até às costas do Brasil. Filho de escravos jogados às pedras do Valongo, o grande sacerdote do culto de Ogun era tido na Gávea como um verdadeiro ente superior. Tinha muitas "filhas", às quais abençoava e dava conselhos. Mas, um dia, não querendo obedecer aos avisos e às advertências de seus orixás, o prêto velho casou-se. Foi sua desgraça. A mulher o abandonou com filhos menores, e êle, a partir dêsse dia e da morte da caçula, começou a sentir-se desgostoso, fora do mundo, indiferente a tudo. Era a decadência do terreiro, dantes tão vivo, tão prestigiado e cheio de gente que vinha pedir a bênção, conselhos e instruções para os trabalhos". Morreu o grande santo da Gávea. Dizem que seus freqüentadores não se encontravam, apenas, nas classes modestas, em gente dos morros e das favelas. Para lá afluiam personagens das mais altas esferas do Rio e até de fora. Até diplomatas brasileiros e estrangeiros visitavam o negro macumbeiro. Alguns, a título de curiosidade, para colhêr dados para impressões; mas, em geral, os seus admiradores acreditavam nos sortilégios do velho recebedor de espíritos de luz. E' infinita a credulidade humana. Em pleno século XX, com rádio, televisão, aviões a jato, a ciência desvendando os mistérios mais recônditos dos céus e da natureza infinitesimal, haver cultos africanos no Rio, com todo o seu ritual, suas rezas e devoções! E com gente boa a nutrir a crendice.

Chove no Ceará



NOTICIAM os jornais que, mais um caminhão cheio de retirantes, perdendo a direção, despenhou-se num barranco resultando do desastre vários mortos, dentre êles, algumas crianças. Até bem pouco tempo só corria de suas terras, assoladas pelas sêcas, os cearenses, os riograndenses do norte, os paraibanos, os pernambucanos. Da Bahia para o sul, a corrente migratória não era muito sensível, e no Espírito Santo estancava a demografia dinâmica. Mas, por mais estranho que pareça, tanto a Bahia, como o Espírito Santo e até o próprio Estado do Rio, estão mandando gente às centenas, para o Rio e S. Paulo. Não é apenas a sêca o motivo de tais êxodos. Há um desequilíbrio tremendo entre o trabalho e o seu aproveitamento útil na realização do dinheiro. O sertanejo não emigra porque não chove; êle está desassossegado, intranqüilo, desgostoso, com o sentido no sul do país. Telegramas publicados na imprensa carioca nos dão a agradável notícia de que está chovendo abundantemente no Ceará. Os rios da região norte daquele Estado já transbordam. O Acaraú impa de cheio de água, enquanto o Aracati-Açu ameaça paralisar os serviços do grande reservatório que o DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Sêcas) está construindo em certo trecho do seu leito. Por sua vez o grande açude "General Sampaio" está tomando água de forma assustadora subindo ameaçadoramente o nível de suas águas. Mas o sertanejo do Ceará não cessa de fugir de seu torrão natal. Deixa parentes, deixa criações, deixa lavoura, deixa suas terras e vem embora.

Cine-jornais



NOTICIARAM os jornais do Rio, que, na Argentina, a partir do dia primeiro de abril (não era pilhéria) não mais seriam exibidos em todo o território daquela República, os filmes curtos a que chamamos de "jornais cinematográficos", excetuados os que procedem de países nos quais são exibidos os noticiários argentinos. Essa deliberação foi tomada pelo sub-secretário das Informações, Sr. Raul Apold. A medida se baseou no fato de que aquêle país recebe livremente noticiários de tôdas as procedências, não sendo correspondido na mesma forma por outros países. A falta de reciprocidade determinou o gesto do govêrno argentino, de maneira radical. No Brasil também está em vigor uma lei que obriga à aquisição de, no mínimo, dez por cento de nossos "noticiários" pelas emprêsas exibidoras estrangeiras que nos mandam os seus "jornais". E isso está causando a ausência absoluta em telas brasileiras, de jornais cinematográficos americanos. O assunto exige mais cuidadoso exame por parte dos nossos dirigentes e autoridades competentes para resolver o impasse. Os "jornais" brasileiros, sob o sistema que, de há muito, vimos usando, não nos recomendam, e será até uma felicidade que não sejam exibidos no estrangeiro. Ou vemos na tela cenas intermináveis de "banquetes", "jantares", "almoços", com discursos longos e enfadonhos, ou então os filmadores vão às praias cinematografar banhistas sem maior importância.

Em Revista

Turismo



De quando em quando lemos nos jornais: "O turismo na Holanda rendeu, êste ano, tantos milhões de dólares". "O turismo na Noruega bateu todos os recordes em rendimento". "A Suécia melhora o seu serviço de turismo". E por aí a fora, o turismo é enorme fonte de renda para muitos países. E nós, no Brasil? Só vemos um turista durante os festejos do Carnaval; mas o turista fica enfurnado lá em seus beliches, em navios que mais parecem câmaras de cremação. O pôrto, no período carnavalesco, pega fogo de verdade, e dá pena vermos os europeus e norte-americanos com ares de camarão assado, a abanar-se desesperadamente para atenuar o calor do verão carioca. Isso serve para atrair turistas? Êste ano chegaram alguns estrangeiros a desistir do Carnaval. Foram embora de avião e em navios que faziam a linha normal. Não puderam ficar porque não havia acomodações em hotéis na cidade. Para ficarem a bordo, morreriam queimados. E voltaram para suas terras danados da vida. Mas, para melhorar o turismo em nosso país não faltam sonhadores com seus planos. E vamos ter, em breve, mais uma tentativa. Deus queira que surta efeito. Acabaram de fundar uma nova emprêsa de turismo no Rio, para o Brasil. O seu programa é verdadeiramente louvável. Nada de passeiozinhos ao Pão de Açucar, ao Corcovado, ao Alto da Boa Vista. E' preciso levar o turista a S. Paulo, à cachoeira de Paulo Afonso, ao nordeste, ao Amazonas, a Minas Gerais. Depois de tudo isso, com visitas a fazendas e caçadas em Mato Grosso, então um descanso reparador em Quitandinha. Muito bem. Só falta saber quantos Ali Khan há neste mundo, para tal programa.

O Judas



O carioca espalhou por vários bairros da cidade, na manhã do último sábado de Aleluia, uns bonecos de palha a que dão o nome de Judas. Mas, desta vez, os Judas tinham outro batismo: Zezé Moreira. O motivo era apenas porque o técnico que levou nossos jogadores ao Chile, não conseguiu vitórias brilhantes e imediatas. Aquêle zero a zero com os peruanos levou os torcedores do Rio a achar que o treinador era o culpado. E passaram a discutir em todos os lugares sôbre a marcação por zona em relação ao sistema clássico brasileiro de diagonal. Uma coisa assim, pois não somos especializados na matéria. E o pobre Zezé Moreira apareceu enforcado em postes e árvores por êsses bairros em fora, malhado pela molecagem desocupada e eufórica. Mas vieram outros jogos, os principais, os definitivos, e o selecionado brasileiro se saiu galhardamente. Uma surra tremenda nos uruguaios, campeões do mundo, e, finalmente, outra ainda mais forte nos chilenos, que já se consideravam campeões do Pan-Americano. Zezé Moreira, segundo êle mesmo declarou a amigos, recebera mais de oitocentos telegramas e outras mensagens do Rio e outros "centros nervosos" do país, contendo expressões que a decência manda silenciar. Na totalidade, os torcedores se excediam em desaforos contra êle. Zezé Moreira não se entibiou e manteve seu ponto de vista: o time ia jogar de acôrdo com o programa traçado. E a vitória veio de maneira sensacional. Agora perguntamos: quantos telegramas de felicitações recebeu o técnico? Para quem foram as palmas, os abraços, os parabéns ? Para jogadores. Mas se voltássemos derrotados?...

Paralisia infantil



Várias cidades do interior paulista estão atacadas do "virus" da paralisia infantil. Sete crianças já morreram e as famílias estão alarmadas com o surto dessa terrível doença inimiga das crianças. O Govêrno do Estado mobiliza todos os recursos de profilaxia e assistência de que pode dispor, a fim de dar combate ao insidioso mal. Funcionários do Serviço Nacional da Malária são destacados para pulverizar inseticidas nos lugares em que foram constatados maiores números de casos fatais, como sejam os municípios de Birigui e Bilac. A Secretaria de Saúde mandou para os jornais da capital uma nota acalmando o povo, mas o "Diário de S. Paulo", comentando a mesma, não acha motivos para a maneira otimista de falar do titular do govêrno. O surto de paralisia infantil, ao invés de estar dominado, cresce cada vez mais. Já nos municípios de Santópolis e Penápolis se verificaram outros casos, parecendo que a área de infiltração do mal se alarga assustadoramente. O caso é para alarmar, evidentemente, e que os responsáveis pela saúde pública não se descuidem de atender aos reclamos do povo. Já estão dizendo, porém, que a moléstia apareceu porque por ali passaram, em demanda do interior paranaense, levas de emigrantes nordestinos.

O PERSONAGEM DA SEMANA



Zezé Moreira

Nunca se imaginou que, dentro de algum tempo, viesse o "football association", tornar-se no mais querido esporte brasileiro, conferindo aos nossos jogadores títulos de campeões da bola perante a consciência do mundo inteiro. Mas, quem viu o que fêz o povo carioca, a 25 de abril, com a delegação nacional que fôra ao Chile para disputar o I Campeonato Pan-Americano de Futebol, já não pode mais discutir que o futebol atingiu em nosso país a culminância dos jogos olímpicos da Grécia e a dos Gladiadores em Roma. A vitória do Brasil em Santiago, embora sendo obra de equipe, numa articulação de vontades e de experiências, merece que seja simbolizada na pessoa do técnico Alfredo Moreira Júnior, ou Zezé Moreira, como é geralmente conhecido. Êle, que sofreu as diatribes de torcedores apressados, quando o julgaram Judas no último sábado de Aleluia; êle, que chegou a receber mais de 800 mensagens telegráficas com expressões desatinadas, pelo empate de mau agouro com os peruanos, não se entibiou e manteve sua tática de marcação por zona, certo de que estaria no verdadeiro caminho da vitória. Zezé Moreira mostrou que tem firmeza de convicções e que sabe o que quer. Manteve os seus comandados sob suas instruções e não sentiu esmorecer o facho de entusiasmo com que voou para os Andes. Outra pessoa que recebesse tanta maldição teria esmorecido mais do que se sôbre seu corpo se derretessem as geleiras do Chile. E vieram os dois jogos decisivos. O Brasil transfigurou-se e já os telegramas tiveram outra redação. A vitória de Zezé Moreira estava garantida. O povo carioca lhe tributou uma recepção empolgante, consagrando-o como um dos nossos mais perfeitos técnicos de futebol. Zezé Moreira nasceu em Miracema, Estado do Rio, a 16 de outubro de 1908. Ali mesmo começou a bater bola, e, no Rio, jogou como centro-médio, no Esporte Clube Brasil, passando-se depois para o América. Conquistou vários títulos de campeão brasileiro e do Rio. E' diplomado pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos, tendo sido assistente de vários técnicos. Em 1948 dirigiu a equipe do Botafogo, laureando-se campeão carioca de maneira brilhantíssima. Deixou as canchas em 1949, para voltar às atividades desportivas em 1951.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, lingua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use Ventre-Livre, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use Ventre-Livre

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

UM MISTÉRIO A DECIFRAR

Por EVERARD YOUNG

EXCLUSIVIDADE DA REVISTA DA SEMANA NO BRASIL

EM tôdas as nações do mundo, nestes últimos cinco anos, foram vistos, a atravessar os espaços infinitos, estranhos objetos em forma de discos ou pires voadores.

Todo mundo os tem visto: donas de casas, policiais, jornaleiros, homens de negócios, datilógrafos, aviadores, fazendeiros, enfim, homens e mulheres das mais variadas formas de vida e de idade.

Todos disseram como os seus olhos viram os estranhos corpos. Não mais, não menos. Muitos dêles, gente do povo, sem nenhum conhecimento de assuntos aéreos, nem tão pouco com interêsses, realmente, em tais assuntos. Para êles tais fatos lá pelos céus são de muita importância. Êles viram os misteriosos "discos" e ficaram maravilhados, e, naturalmente os descreveram na sua linguagem simples, dizendo como viram, aos seus amigos e parentes.

E', contudo, fato espantoso, que, ao lado dessa gente simples, regular número de técnicos e pessoas responsáveis pelo seu saber, também tenham registrado tais aparições de "pires" voadores.

Alguns dêsses técnicos são homens que atravessaram os céus tanto na guerra como na paz, homens que sabem perfeitamente que os efeitos da luz e das nuvens podem muito bem formar estranhas imagens.

Êsses homens experimentados cujo espírito possui sensatez e base analítica, estiveram e ainda estão completamente perturbados sôbre o que viram e desejam conhecer.

Tem-se procurado provar a concepção de uma teoria que possa explanar, perfeita e normalmente a existência dêsses imprudentes mistérios do céu.

Hoje estão todos os pesquisadores no mesmo ponto de interrogação, tendo fracassado para dar uma resposta convincente e real ao fenômeno.

Todos êles, como sucede com os leigos, não podem chegar a uma conclusão acêrca do mistério que vôa nos áres. Um dêsses técnicos, dando sua opinião a respeito dos "pires" voadores ou como lhes queiram chamar, o dr. Walter Riedel, cientista germânico, é de parecer que o ponto de propulsão dêsses discos pode bem ser o planeta Marte.

Êsse cientista vem estudando essa espécie de coisas há vários anos. Durante a última guerra foi êle encarregado de estudar e desenvolver em Peenemunde os foguetes voadores V2 que tanto destruiram a Inglaterra. Êle agora está trabalhando em Southern Califórnia, para a North American Aviation, Inc., fabricantes do avião Sabre Jet.

Viajar entre os planêtas é o seu objetivo. Faz alguns anos já que êle declarou que isso virá um dia. Por alguns anos vem êle registrando cuidadosamente notícias de aparecimentos de "pires" voadores vindas de tôdas as partes o mundo.

Todos os seus estudos sôbre tal acontecimento foram resumidos numa entrevista dada ao "Sunday Dispatch", cujas conclusões aqui reproduzimos:

"Cuidadoso estudo de tôdas os registros dêsses inexplicáveis objetos aéreos, mostra que, separando-se o joio do trigo, setenta por cento, mais ou menos, são frutos de ilusão de ótica, errada analogia com objetos conhecidos, sugestão histérica, obstinação, bem como perfeita mistificação.

"Meu interêsse se concentra nos restantes 30%, fruto de observadores que merecem fé. O número dessa seleção chega a 400 observação, sôbre um total de mais de 1.200 testemunhos de gente que viu os objetos misteriosos.

"Na suposição de que êsses 400 testemunhos tenham mesmo visto os corpos misteriosos, não se poderá mais negar que há uma família de sêres aéreos de inexplicável procedência, dispondo de extrema rapidez e manobrabilidade no espaço, fruto de inteligências aprimoradas.

"Pilotos do nosso mundo não poderiam resistir à velocidade de tais engenhos. Voar na velocidade de vários milhares de milhas por hora nas densas e baixas camadas atmosféricas, daria ao objeto voador uma temperatura a que nenhum corpo até hoje resistiria, não se conhecendo nenhum sistema de refrigeração capaz de neutralizar aquela influência.

"Contrôles para tão longas distâncias ainda nos são desconhecidos, mesmo já se possuindo o "slave-master", que é o aparelho controlador dos foguetes voadores. Os "pires" voadores, se vêm de outros mundos, devem possuir aparelhagem de contrôle ainda desconhecida da humanidade.

"A origem de tais corpos voadores é de vital interêsse para todos nós.

"O mais curioso em tudo isso é a falta de aproximação entre tais corpos voadores e os aviões americanos, bem como a mais absoluta falta de notícias sôbre a queda de algum dêsses misteriosos aparelhos ou sua descida em terra ou n'água, normalmente. Daí a dificuldade de explicar-se o mistério. E essa probabilidade é cada vez mais longínqua.

"Além disso, a aparição de tais aparelhos sôbre paises europeus, também não pôde ser explicado de jeito nenhum. Poderia também ser compreendido que a aparição de tais coisas tenha como origem laboratórios de nossos inimigos potenciais. Se a Rússia possui tais engenhos, tôdas as provas são de que Stalin e seus seguidores estariam a mostrar ainda maior atitude beligerante para com o Ocidente. Mas, embora eu esteja certo de que a Rússia progrediu em experiência científica e técnica, creio que êsses corpos voadores não procedem de lá. Pensando-se que êsses "pires" voadores, existem, na verdade, o mais lógico é que se presuma que êles vêm de uma origem extra-terrestre. Em face da distância extremamente grande que nos separa dos nossos irmãos do espaço, é mais razoável que se julgue que êles provêm de algum planêta pertencente ao nosso sistema solar.

E' Marte, segundo o estado atual dos nossos conhecimentos, a fonte mais possível de tais coisas. Aquêle planêta ofereceria aos seus inteligentes habitantes céus limpos para experiências aéreas e favorável condição de gravidade, pela baixa fôrça de gravitação.

"Servindo-se da lua como uma estação intermediária, teriam estabelecido alí uma espécie de catapulta para os seus vôos aparecendo agora à nossa visão".

Eis a opinião de um sábio, que não devemos menosprezar. Trata-se de uma pessoa que se tem dedicado a estudos científicos do espaço sideral, com a possibilidade de um dia conquistá-lo.

E' fácil zombar de tal teoria como esta do dr. Riedal, quando se ignoram os seus profundos estudos e conhecimentos e a lógica de suas conclusões.

Êle não está só na teoria de que os discos voadores não são lançados daqui mesmo de nosso mundo. Felix W. A. Knoll que é engenheiro consultor da Northrop Aiscraft, também acredita que os "pires" voadores não sejam nossos, e dá as seguintes razões:

a) — Nenhum ser humano poderia suportar a incrível velocidade de tais aparelhos, nem há no mundo aparelhos que possam ser assim manobrados.

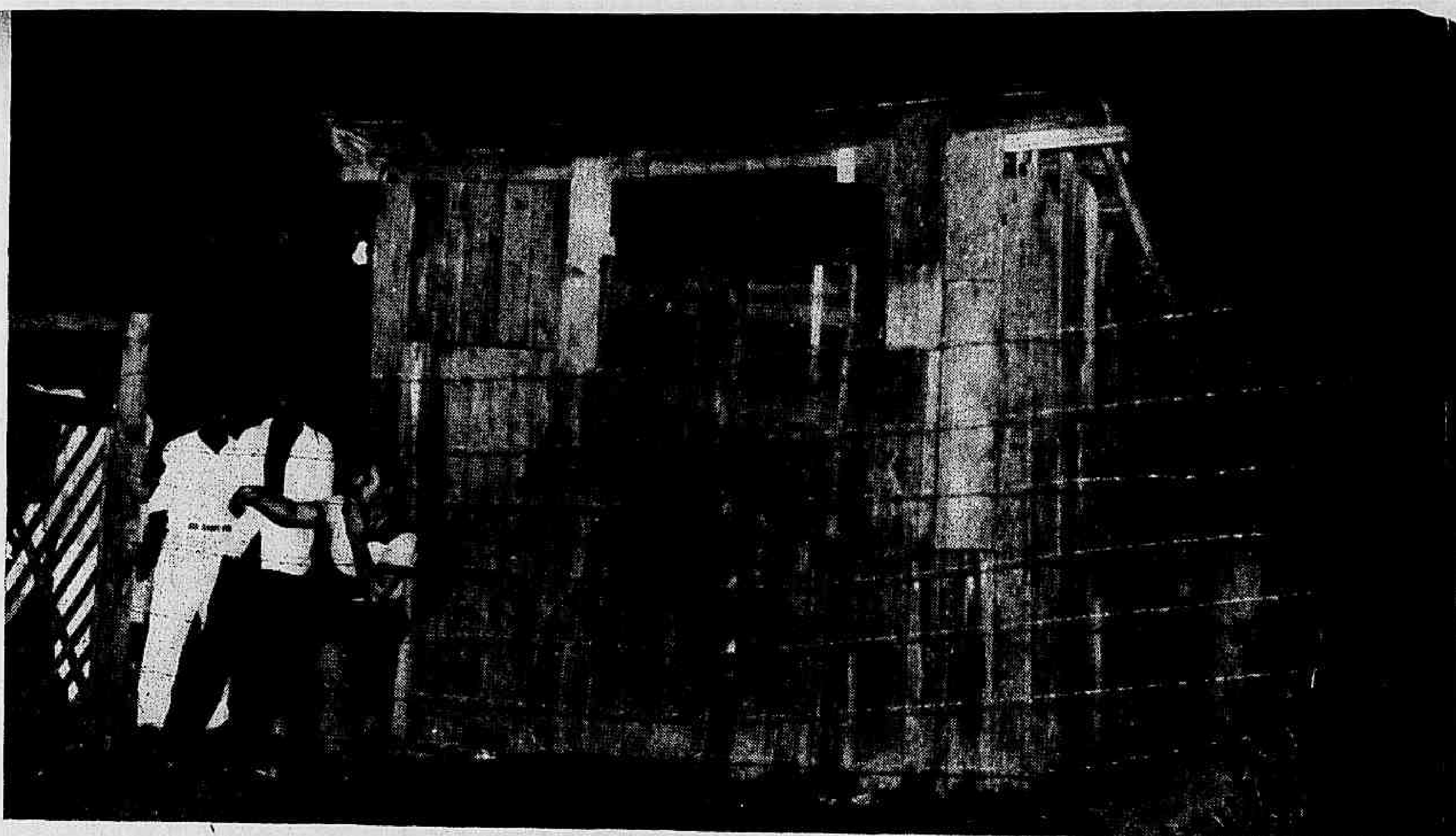
b) -- Nenhum material atualmente conhecido do homem poderia servir de fuselagem para poder resistir a temperaturas como as que aguenta os tais misteriosos voadores sôbre nossa Terra.

c) — O sistema de propulsão dos aviões não deixa nenhum traço na atmosfera nas mais elevadas altitudes, como é o caso dos motores de combustão interna e de todos os tipos de aparelhos a jato.

d) — A fricção do ar em baixo altitude e em grande velocidade poderá aniquilar um homem transformando-o num projétil com o seu avião.

Riedal e Knoll são membros de uma associação conhecida pelo nome de "Civilian Saucer Investigation" que, recentemente entrou em combinação com técnicos em aeronáutica a fim de rebuscarem provas futuras para desvendar o mistério. *(Keystone)*.

O terreiro de Marieta é conhecido em todo o Estado do Rio e Distrito Federal. Fica situado em Caxias e há guardas à porta do barraco, nas noites de macumba.



SÃO JORGE (ogum) GENERAL DO POVO

Texto de SOLANO TRINDADE

Fotos de AlBERTO FERREIRA

O povo do Rio de Janeiro, comemora festivamente os seus santos mais queridos: O martir Sebastião a quem se confia a paz e a saúde, e que tem o nome de Oxossi, entre os religiosos da macumba; o garôto do carneirinho branco, S. João que nos terreiros é Xangô o deus do fogo; os meninos Cosme e Damião, Ibegi os amados das crianças e doceiros; Nossa Senhora, as faceiras Oxum e Yemanjá dos nossos candomblés; Senhora Santana a aristocrática Namanburucu, mãe da rainha do mar na concepção africana.

S. Jorge porém, é o mais querido. E' o primeiro dos primeiros. Êle está para o carioca assim como o Senhor do Bomfim está para o baiano.

Em tôrno de S. Jorge há muita lenda e muita poesia. O sincretismo religioso tem cada vez mais enrequecido a imaginação popular em tôrno do guerreiro da lua, confundindo-o com Ogum, o deus da guerra dos africanos.

Tôda criança já viu S. Jorge na lua, montado no seu cavalo branco.

A gente simples o vê, matando a serpente do mal, metido numa farda do exército.

Aleijadinho, viu S. Jorge como um cavalheiro andante, quixotescamente de lança na mão, mas de um olhar pacífico, sereno como de um poeta.



A mulher de charuto que aparece na foto, em frente ao "pegi" (altar), está tomada de Ogun. A noite era de S. Jorge e o Santo-Guerreiro se vê em vistoso quadro.

Mãe Marieta limpa o "...lho" (foto à esquerda)

"Cabecila" no terreiro.



O exército nacional o tem como um oficial, digno das continências militares.

A crença popular o considera um grande general do povo brasileiro, vencedor da batalha do Humaitá, como canta êste ponto:

"Ogum já jurou bandeira
Lá no Humaitá
Ogum venceu demanda
Êle é capitão generá".

Nêste verso o cavaleiro aparece como Ogum Yara, e, o povo percebe arrogância nos seus gestos:

"Mamãe que cavaleiro é aquêle
Que pisa com arrogância nesta
[terra
Mas êle é
Ogum Yara
Que venceu demanda
Com sua lança de guerra".

Nos terreiros a sua biografia é cantada com detalhes, falando da sua carreira militar, as suas promoções no exército:

"Ogum era menino
Hoje êle é capitão
Ogum foi praça
Da Cavalaria
Setenta anos
Na infantaria
Ogum é militar
Gangolin gouguê".

Mas Ogum não é só um general brasileiro, é também general umbandista:

Ogum generá da Umbanda
O' mamãe que mironga tem
Oguinê arêpêpê
Ogum ê arêpêpê.

Se encontramos Ogum dominando uma terra como o nome de Ogum Yara, ligado portanto a rainha do mar, vemo-lo agora, como Ogum





Os tambores ressoam...



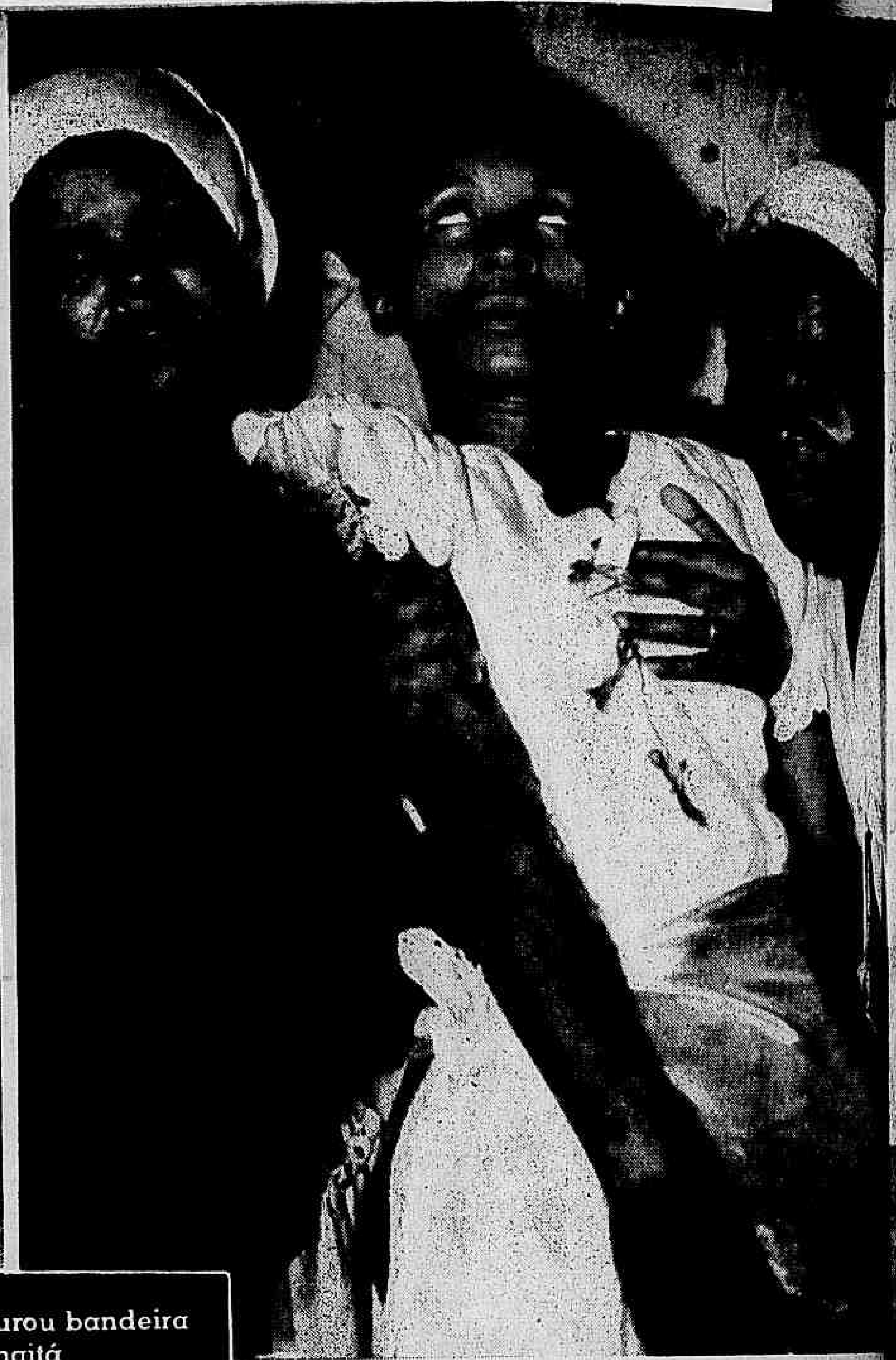
Zombou dos santos ... caiu... (foto à esquerda)

SÃO JORGE (ogum) GENERAL DO POVO



O PERIGOSO EXÚ



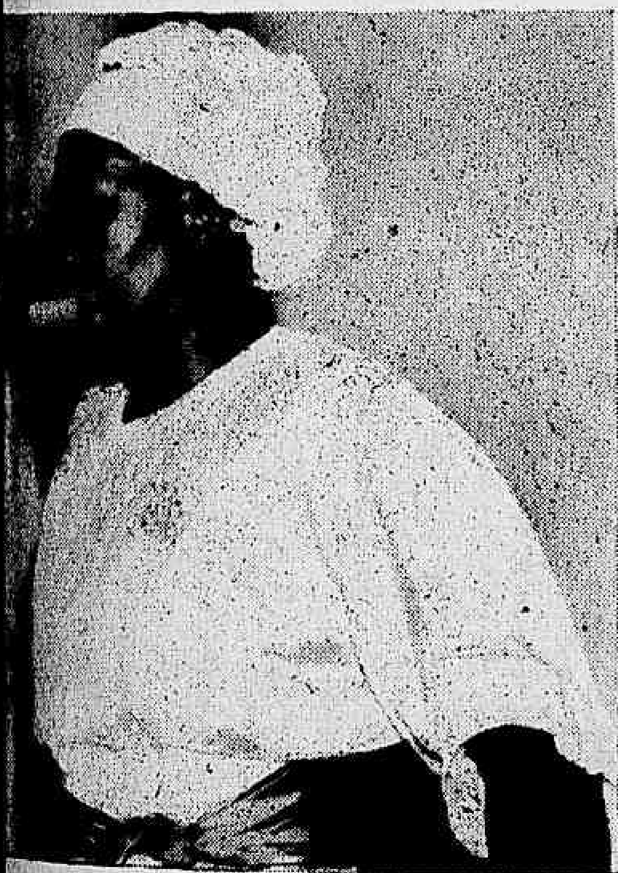


"Ogun já jurou bandeira
Lá no Humaitá
Ogun venceu demanda
Êle é capitão generá".





…pressões podem meter mêdo a criança mas …guém na macumba se impressiona com elas.







SÃO JORGE (ogum) GENERAL DO POVO

Rompe Mato, um deus das matas, protegendo os caçadores e lenhadores:

Ogum é
Ogum Rompe mato
Auê
Ogum Megê
Ogum Rompe Mato
Auê.

Mas êle depois é apresentado como Ogum Beira Mar, defendendo o pescador da faceira e perversa Yemanjá:

"Beira mar
E é Beira mar
Beira mar
E é beira mar
Eu quero ver
Com sua espada
Meu pai
Ogum Megê".

E' assim que S. Jorge é festejado nos terreiros cariocas e fluminenses:

Na Bahia Ogum é Santo Antônio, colega de Guarda de S. Jorge e S. Severino Ramos.

★

Em Duque de Caxias, as festas a S. Jorge começaram no dia 22, com muitos fogos, danças e cantos afro-brasileiro e também com ladainhas e procissões de tipo católigo.

Os crentes de Ogum, vestidos de verde e branco se dedicaram de corpo e alma, à co-

(Continua na pág. 49)

REVELAÇÕES DO CONTINENTE NEGRO - III

KRÜGER NATIONAL PARK E MOCAMBIQUE

Por MARCOS CARNEIRO DE MENDONÇA

DURANTE a guerra dos "Boers" a cidade de Pretória era capital do Transvaal, república que desapareceu com a vitória e predomínio da Grã-Bretanha, na África do Sul. Lá o nosso pensamento de visitante se volta, desde logo, para os setores onde essa guerra deixou traços imorredouros. Sabíamos que em Pretória Winston Churchill estivera vários meses, depois de aprisionado em East-London, quando fazia reportagens para um jornal de Londres, muito moço ainda, mas já firme e decidido. No prédio que lhe serviu de prisão e de onde fugiu espetacularmente para Lourenço Marques, escondido em um trem entre sacos de carvão, há em um dos salões, dois magníficos mapas de todo o território do Transvaal, nos quais figuram os principais pontos onde a grande luta se travou. Os mapas foram desenhados na própria parede do edifício por oficiais inglêses, que ali também estiveram presos. O prédio é hoje ocupado por uma repartição pública, cujos funcionários estão longe de lhe dar a importância que nós lhe atribuímos; havendo mesmo como que uma preocupação de não emprestarem ao fato maior significação. Seria estimular a popularidade de Mr. Churchill entre os "africaaners" — assim se denominam os cidadãos brancos da União Sul-Africana —, o que não lhes agrada nem interessa.

O viajante pode encontrar em Pretória, muitas e variadas atrações, sendo uma delas conhecer as instalações da Iscor, organização que no setor industrial siderúrgico da União corresponde à nossa Volta Redonda. (Iscor, vem de South African Iron and Steel Industrial Corporation, Limited).

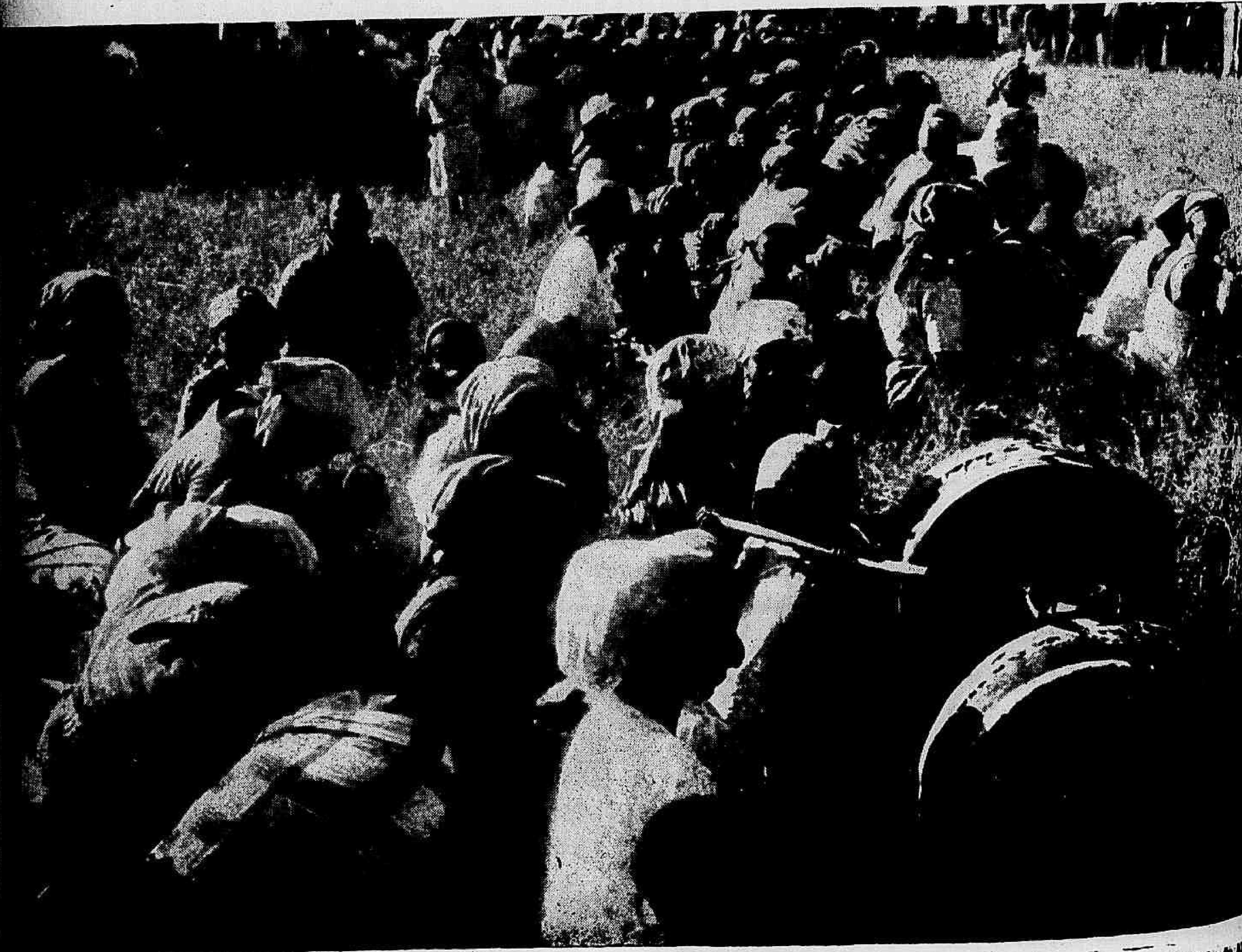
Depois de visitá-la e de sermos ali fidalgamente recebidos por diretores chefes de serviço, seguimos de estrada de ferro para o Krüger Park, oub grande objetivo da nossa excursão.

Como durante o século XIX, apesar dos milhões e milhões de mosquit daninhos e de môscas "Tsé-tsé", que se encontram pela África, os caçador andavam destroçando os rebanhos de zebras, elefantes, leões, girafas e dema habitantes daquelas regiões, então inóspitas e desertas, o presidente Pau Krüger achou indispensável estabelecer zonas de reserva animal, onde a ca fôsse proibida e os rebanhos protegidos, com o fim evidente de se refazeren

A reserva animal que visitamos, denominada Krüger National Park, fi na União Sul-Africana, pegado à fronteira da província portuguêsa de M çambique. Além desta reserva, há hoje em África muitas outras, send uma das mais importantes e talvez mais rica, a da "Gorongosa", existen no Distrito da Beira, daquela província portuguêsa. Infelizmente, por fal de tempo, não nos foi dado visitá-la.

Para muita gente, a visita ao Krüger Park é coisa que depende de a dácia, uma vez que se vai encontrar, como encontramos de perto e e liberdade, tôdas as espécies de animais ferozes da África. Dizer que n se corre perigo, seria faltar à verdade. O visitante não deve deixar, s grave risco de vida, o veículo em que se encontra, e a prova são os rei rados avisos de proibição, nesse sentido.

O território ocupado pelo parque é imenso, e está todo êle cortado p



Cena tomada durante uma concentração indígena, em solo português da África, em local próximo do ponto em que as tropas lusas do bravo Mousinho de Al querque iniciaram a vitoriosa arrancada contra o régulo Gugunhama.

mais de mil quilômetros de ótimas estradas de rodagem, que levam os visitantes a uns doze acampamentos cercados, aos quais devem se recolher até o anoitecer, para dormir e tomar refeições.

Para se surpreender os animais no parque, o melhor é sair do acampamento bem cedo, pela manhã, ou ao cair da tarde. Diga-se de passagem, que apesar da proibição, de vez em quando, os visitantes deixam o automóvel para filmar ou fotografar animais considerados menos perigosos. Alguns dêsses, são completa novidade para nós. Os "bluewildbest", por exemplo, têm corpo de cavalo e cabeça de boi, com chifres pequenos e rombudos. Apesar de muito fortes, constituem um dos manjares prediletos dos leões, que os atacam sempre em grupos, sendo os daqueles animais sempre bem mais numerosos do que os dos leões. Leão geralmente só anda sòzinho quando abandonado por velho e imprestável pelo seu bando, tornando-se então traiçoeiro e perigoso. Como não tem mais fôrças para enfrentar cara a cara a prêsa, assalta-a de surprêsa, pondo-se na tocaia. Nesse caso, os guardas passam a correr maior risco, e de vez em quando lá se vai um. Pouco tempo antes da nossa visita, um dêles foi morto e comido por um leão. Aí os caçadores profissionais do parque, cuja função é a de exercerem o que poderíamos chamar polícia preventiva, aumentam as suas atividades e dão cabo da fera tresmalhada.

Em Lourenço Marques, no palácio de residência do Senhor governador da província, almoçamos com um dêsses caçadores. Na sua fé-de-ofício de caçador profissional, antes de entrar para o Krüger Park, já havia morto mais de 500 leões.

Na nossa visita, fomos excepcionalmente felizes, pois vimos em poucos dias de parque, belos exemplares dos seus principais habitantes. A poucos metros do nosso carro, estiveram leões, girafas, zebras, bluewildbests, milhares de impalas, kudos, hipopótamos, baboons e outros animais. Como se sabe, para muitos, os macacos baboons são os mais inteligentes animais que se conhece.

Foi pena não nos ser dado presenciar o que ocorreu com um dos muitos visitantes do Krüger Park. Quando êle em uma bela madrugada saía no seu jipão do acampamento, denominado "Skukuza", deparou a pouca distância do mesmo com dezesseis leões que saíam de uma pequena mata à direita da estrada. Parou imediatamente o veículo e aguardou os acontecimentos. Os dezesseis leões caminharam serenamente até se postarem em frente do seu carro, bem no meio da estrada. Momentos depois, êle sentiu que no grupo havia um comandante. Era um leão de bela juba e rabo nervoso, que o sacudia como os gatos fazem prelibando o domínio da prêsa. A seguir, como obedecendo a um plano que iria se desdobrar a seus olhos, o visitante viu partirem pela direita, quatro leoas, e momentos depois pela esquerda, três leões. Bem mais adiante e um pouco para a direita, havia um grupo de bluewildbests, cujos componentes começaram a dar evidente mostra de nervosismo. Os restantes nove leões, comandados pelo seu grande chefe, conservaram-se na estrada, postos de alcatéia, aguardando os acontecimentos. Passado algum tempo, as quatro leoas atacaram a manada de bluewildbests, no sentido dos três leões que tinham ido se postar um pouco além e à esquerda do grupo que pretendiam dominar. Êste, perseguido pelas leoas, fugiu na direção dos três leões e os sete, em conjunto, fechando o cêrco, obrigaram-no a fugir na direção dos outros nove leões postados defronte do automóvel, resultando daí o cêrco geral com o fim de conseguirem dominar algumas das vítimas que desejavam apanhar para um bom almôço. Diz o visitante que felizmente, ou infelizmente não lhe foi dado assistir a morte de qualquer dos animais que, por muito ágeis e fortes, conseguiram escapar do assalto, com bons arranhões, atribuindo êle o insucesso do mesmo, ao fato de se encontrarem entre os nove elementos da equipe estacionada na estrada, alguns de pouca idade e de pouca experiência.

Como se pode sentir pela descrição do fato que acabamos de narrar, o assalto obedeceu nitidamente a um plano prestabelecido, e foi êsse o objetivo principal da comunicação do visitante à agremiação lá existente, que se interessa, sobretudo, por casos dessa natureza.

Se no Krüger Park não vimos nem elefantes nem rinocerontes, em compensação, em Moçambique, dias depois, o avião pôsto à nossa disposição para isso, na região do Maputo, quase que roçava a ponta das asas nas orelhas dos elefantes que, em grupo de mais de cem, ali se encontravam soltos e à vontade.

No Krüger Park dorme-se em pequenas casas redondas, dispostas como as malocas dos nossos índios, e como nos Kraals dos indígenas africanos. São casas cobertas por uma espécie de sape, ao qual superpõem uma rêde de arame trançado, para melhor fixá-lo. Vale acentuar que Kraal é a palavra portuguêsa curral deturpada pelos indígenas. Nos acampamentos come-se na "mess", havendo fora fogões para quem quiser fazer a sua própria comida. Do Krüger Park, rumamos em estrada de ferro para Lourenço Marques, capital de Moçambique, onde já tínhamos cômodo reservado no magnífico Polana-Hotel. Ali, os turistas, afora linda piscina, têm à sua disposição quadras de tênis e bom campo de gôlfe.

Como chegáramos até Lourenço Marques, em grande parte para visitar o nosso especial amigo comandante Gabriel Teixeira, ex-comandante da Sagres, ex-emérito governador de Macau durante a última grande guerra, e atual governador da província, foi para nós um prazer revê-lo, e ao mesmo tempo verificar que a deusa prosperidade vem batendo com carinho à porta dêsse privilegiado rincão de terra portuguêsa, em África.

Lourenço Marques, além de bela e progressista cidade, possui o melhor pôrto marítimo da África Oriental. Dêle se serve a União Sul-Africana para exportar grande parte dos seus produtos, e a própria Moçambique para os que cultiva na parte central e sul da província.

Tôda essa região, famosa pelo seu valor e pelas lutas porfiadas que os portuguêses sustentaram com negros e brancos para conservá-la, foi por nós visitada. Do nosso automóvel, pouco a pouco, íamos vendo desfilar todos os pontos onde a bravura das tropas de Mouzinho de Albuquerque, Aires de Ornelas, Azevedo Coutinho, e outros, haviam deixado traços indeléveis, e ao contemplá-los rememorávamos as epopéias de Marracuene, Chibuto, Magul, Manhiça e Chaimite, nas quais o sangue português correu abundantemente na defesa e conservação das terras que os seus ancestrais haviam

(*Cont. na pág.* 48)



Pose de um guerreira africano em seu traje típico, tomado durante a concentração, em Moçambique, possessão portuguêsa no Continente Negro.

Com o magnífico serviço de drenagem realizado pelos portuguêses, as ubérrimas terras dos vales dos rios estão sendo aproveitadas com êxito para a lavoura.



SEMANA LITERÁRIA

ÁLBUM DE FAMÍLIA



HENRIQUE DE RESENDE é um dos poetas mineiros de maior prestígio e mais justo renome, entre os que datam de 1922. Bem entendido: antes de ser o modernista que animou o belo e ruidoso movimento da "Verde", de Cataguases, deslocando, por um tempo, para a cidade matense, o eixo do interêsse literário que parecia armado entre Rio e São Paulo, fôra êle uma das mais significativas estréias de nossa poesia, aparecendo como um discípulo de Alfonsus, com o seu livro neo-simbolista, "Turris Ebúrnea", saudado com os maiores elogios pela crítica e marcando o nome do poeta na estima e na admiração do público. Em seguida, Enrique nos deu outros livros, entre êles um singular e significativo "Retrato de Alfonsus", em que aprecia a vida e a obra do grande mestre simbolista que foi o seu afetuoso padrinho literário. Êsse livro, em que à ternura e à admiração se junta a probidade do escritor, levantou algum debate e causou certo mal-estar no mundo das letras, embora não se encontrem nêle motivos para alguns dos protestos que determinou. Depois disso, o poeta tem estado silencioso e arredio, principalmente da vida literária, prometendo-nos um volume de poesias completas que ainda não apareceu, embora esteja há tempos em preparo e prometido para breve, o que certamente se dará, para renovar o êxito que a obra anterior do poeta de Cataguases obteve e que sua obra mais recente merece, por tantos títulos e, principalmente, porque seus versos nos colocam em presença de uma legítima vocação lírica, das mais altas e substanciosas que possuímos.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

● Foi inaugurada, no Clube dos Artistas e Amigos da Arte, uma exposição de artes plásticas, em benefício do próprio Clube. Destacamos os trabalhos de Bonadei, de Carvalho, de Darcy Penteado, de Rebolo Gonzalez, de Sérgio Milolet, de Poty, de Yllen Kerr, de Walter Levy, de Clovis Garciano, de Zanini, etc. etc.

● Cassiano Ricardo, José Geraldo Vieira e Tarsila do Amaral receberam os prêmios a que fizeram jus por terem vencido o concurso do "Jornal de Letras" para o maior poeta, maior escritor e maior artista plástico de São Paulo, respectivamente. Os três bronzes fôram oferecidos pela Secretária da Educação e Cultura da Municipalidade. E estiveram presentes à solenidade, entre outros, os seguintes intelectuais: Maria de Lourdes Teixeira, Rossini Camargo Guarnieri, Jamil Almansur Haddad, Luís Lopes Coelho, Domingos Carvalho da Silva, Geraldo Pinto Rodrigues, Luís Martins, Alcântara Silveira, Reynaldo Bairão.

● Domingos Carvalho da Silva está como secretário-geral do Clube de Poesia de São Paulo; João Accioly, como tesoureiro; André Carneiro como diretor de intercâmbio e publicações.

● "A Dama das Camélias" voltou a empolgar a platéia do Teatro Brasileiro de Comédia. Dentro de alguns dias, será montada novamente a famosa peça de Goldoni: "O Mentiroso". Enquanto isso, Adolfo Celi prepara a "Antígona" de Sófocles e a "Antígona" de Jean Anouilh, um dos próximos sucessos do T. B. C.

● Será realizado, nesta capital, na primeira quinzena de julho de 1952, o III Congresso Paulista de Escritores. O referido Congresso será promovido pela Sociedade Paulista de Escritores, sucessora da Associação Brasileira de Escritores (seção de São Paulo).

● No Teatro Cultura Artística, Graça Melo e o seu teatro de equipe estão apresentando a peça "Le Cocu Magnifique", de Crommelynck, em tradução de R. Magalhães Júnior. Trata-se do eterno tema do marido enganado e, segundo consta, de um espetáculo digno de ser visto.

O mágico

LAGO BURNETT

O fraque negro não. Nem a gravata
na expectativa de voar. Também
não a cartola vertical e exata
e o lenço cúmplice infalível. Nem

o impecável sapato sola chata
propício a precisão que lhe convém
e a rosa funcional vermelha e intacta
despontando as palas. Antes sem

utensílios iguais, simples mecânica
anunciante do truque: os bolsos ocos,
onde há laços azuis, verdes, vermelhos.

Só. Em sua fôrça intrínseca, titânica,
inventando, por si, sòmente, aos poucos,
flores, garrafas, serpentinas, coelhos.

(*Inédito*)

LETRAS MINEIRAS

Acha-se há dias na Capital mineira o poeta Agripa Vasconcelos que atualmente, chefia o serviço médico-cirúrgico do Banco do Brasil, em Pernambuco.

A presença entre nós do querido poeta mineiro, membro da Academia Mineira de Letras, fêz com que intelectuais amigos de Agripa Vasconcelos se reunissem, para prestar-lhe carinhosa homenagem.

Achavam-se presentes membros da Academia e outras figuras de nossas letras nessa reunião cordialíssima, a que o homenageado compareceu em companhia de seus filhos e de outras pessoas de sua família.

Oferecendo a homenagem, falou o poeta Antônio Avelar que recordou sua antiga amizade com Agripa Vasconcelos e os triunfos que vêm assinalando a carreira do homem de letras e do homem de ciência.

O acadêmico Mário Matos relembrou com sua admirável "verve" interessantes episódios da vida acadêmica de Agripa, no Rio. Falando sôbre o sentido daquela reunião, exaltou a sua significação tão diferente das homenagens que habitualmente se realizam: ali se homenageava o intelectual, isto é, — assinalou o Sr. Mário Matos — um autêntico valor da inteligência mineira, numa festa de sinceridade, a que todos compareciam porque se sentiam no dever de prestigiar a inteligência e a cultura, nesse dileto amigo.

Declamaram poemas na encantadora reunião: senhorita Cordélia Dutra, Sra. Gaby Vasconcelos, irmã de Agripa Vasconcelos, senhorita Belkiss Vasconcelos, filha do homenageado, D. Célia Moreira Santos, espôsa do poeta Da Costa Santos, Bahia Vasconcelos, Edison Moreira, deputado José Alcino, Ataliba Lago, Anselmo Barreto, Da Costa Santos, Nilo Aparecida Pinto, Antônio Avelar e Marco Antônio Vasconcelos, filho de Agripa.

Agradecendo a homenagem, falou finalmente Agripa Vasconcelos que exprimiu sua emoção em receber, em sua passagem pela capital mineira, aquela prova de amizade de antigos companheiros de letras. Em Recife, continuava presente entre os seus amigos de Minas, pois o seu pensamento o liga permanentemente à nossa terra. E era com prazer que via a fraternidade dos intelectuais mineiros em tôrno daquela mesa. Essa fraternidade documenta o que em Minas o espírito literário ainda continua vivo e ardente, o que representa uma garantia para a grandeza de nossa terra.

★

Está marcada para o dia 15 dêste, a posse do poeta Nilo Aparecida Pinto, recentemente eleito para a Academia Mineira de Letras na vaga do escritor e poeta Nolradino Lima. O novo acadêmico será recebido, naquele cenáculo das letras de Minas, pelo escritor Mário Matos.

★

Acaba de aparecer nas livrarias, o livro do poeta Ataliba Lago numa bela apresentação gráfica da Imprensa Oficial do Estado para as Edições Mantiqueira. O poeta Ataliba Lago reuniu neste volume vinte sonetos. Ataliba cultivou o parnasianismo com exaltação, que bem se vê nestes vinte sonetos de mocidade, agora reunidos em volume.

CINCOENTENÁRIO DE MOACYR DE ALMEIDA



AS solenidades do 50º aniversário de nascimento do poeta Moacyr de Almeida, patrono da cadeira nº 40, da Academia Carioca de Letras, ocupada pelo acadêmico D. Martins de Oliveira, tiveram início no mesmo dia de seu nascimento, a 22 de Abril, com uma bela tarde de poesia, para qual foram convidados poetas da Academia Brasileira de Letras, da Academia Carioca de Letras e contemporâneos e amigos do autor de "Gritos Bárbaros".

Cêrca de vinte poetas participaram dessa festa de arte, que foi presidida por Olegário Mariano, "Príncipe dos Poetas Brasileiros", entre outros, Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça, Tasso da Silveira, D. Martins de Oliveira, Pádua de Almeida, Povina Cavalcanti, Murilo de Araújo, Phocion Serpa, Pascoal Carlos Magno, Odílio Costa Filho, Virgílio Brígido Filho, J. G. de Araújo Jorge, Osório Dutra, Theoderick de Almeida, compondo um florilégio em louvor do grande poeta.

Seguir-se-ão, pelos meses adiante, as conferências em diversos institutos culturais sôbre temas relativos à vida e à obra de Moacyr de Almeida, estando inscritos nomes de Intelectuais como os de Agripino Grieco, R. Magalhães Júnior, Astério de Campos, Tasso da Silveira, Phocion Serpa, D. Martins de Oliveira, Pádua de Almeida, Henrique Lagden, Malba Tahan, Joaquim Ribeiro, Edmundo Moniz, Rubey Wanderley, Murilo de Araújo, Nóbrega da Cunha e Prado Ribeiro, que tratarão de tributar ao poeta morto as homenagens de que sua obra é merecedora.

★

À SOMBRA DA LINHA GÓTICA

Com êste sugestivo título o escritor Lawrie Reid, de S. Paulo, apresenta uma série de episódios romanceados sôbre a tragédia do após-guerra. Tendo ido à Itália, êle observou pessoalmente cenas de desespêro e enfeixou-as nesta obra, que a Editôra Brasiliense oferece ao público em caprichada feitura.

FORA DO PRELO

O LIVRO DA SEMANA

"EMOÇÃO E HARMONIA"

A Editôra Aurora inicia com êste volume de prosa de Múcio Leão, "Emoção e Harmonia", a sua "Coleção Cultura Brasileira". É, sem dúvida, um bom comêço. Trata-se de uma coletânea de estudos breves, em que o autor põe em foco fatos e figuras de várias épocas, páginas escritas com sabor da crônica, onde o escritor, partindo de um ponto, tece variações em tôrno de um tema, investigando-o e dando sempre, a respeito, novas luzes e novas interpretações.

O que mais cumpre salientar neste novo livro de Múcio Leão, entretanto, com o prazer da leitura que nos traz, quer quando estuda o caso de Ruben Dario, quer quando nos fala de Péricles e de seu século, ou quando nos comunica com o mundo íntimo de Chateaubriand ou registra a morte de Balzac — o que cumpre salientar nesta obra, principalmente, é o encontro do escritor-artista, capaz de reviver velhos assuntos e vultos sobremaneira tratados, através de uma prosa fascinante, de um estilo simples e comunicativo, sem jamais perder a altitude, sem baixar a categoria que tôda obra literária deve ter, elementarmente, desde que já está de muito superada aquela fase de primarismo revolucionário de nossas letras, quando a rapaziada de 22 instituiu a má literatura, o escrever errado, o cassange e outros equívocos como a supina arte de escrever.

Essa reação, à época, quando realmente parecia empobrecida a nossa prosa, graças ao estilismo e à vacuidade na literatura corrente (com as exceções naturais), hoje não se explica senão por ignorância. Entretanto, apesar dos novos e novíssimos terem reagido muito oportunamente contra aquêle cacoete, ainda há quem insista nisso. E muita gente, diga-se, sobretudo entre nossos prosadores, descuidados, desataviados, soltos em uma literatura de má língua, mau estilo e arte péssima.

A estirpe de escritores verdadeiros, a que pertence Múcio Leão, está quase desaparecida em nossas letras. Dirão que essa será a marca de uma geração. Poderíamos citar inúmeros exemplos para negar o argumento, buscando-os mesmo entre os prosadores de 22 e os continuadores da obra de 22, e poderíamos colhêr casos, ainda, entre os nossos mais jovens prosistas. Daí o maior encantamento que nos vem do encontro dêste livro, uma lição de literatura, margem de seu fascinante interêsse, nessa excursão entre figuras eternas e acontecimentos imorredouros, da arte, das letras e da vida.

E. Armando Lys

INFLAÇÃO MONETÁRIA — O professor J. Rodrigues Vale acaba de publicar mais um volume de subido interêsse, "Aspectos da Inflação Monetária". Especialista em assuntos econômicos e financeiros, com algumas obras da maior importância, na bibliografia nacional, o autor nos brinda com um livro da maior oportunidade, quando todos estamos falando, discutindo e sofrendo a crise inflacionista. A clareza, a simplicidade mas, ao lado disso, o interêsse apaixonado do escritor pelo seu assunto, fazem dêste livro (edição de A. Coelho Branco Fº) uma leitura tanto esclarecedora como fascinante, para o conhecimento de assunto de tal relevância e tamanha complexidade.

TRÊS MOMENTOS DO EXISTENCIALISMO — O sr. E. Vitor Visconti, cuja reputação está firmada através de obra bastante significativa, no campo da filosofia, vem de prestar excelente serviço ao público ledor e principalmente a quantos se interessam, mesmo por questão de moda, pelo existencialismo, publicando êste livro, onde focaliza três fases da evolução das idéias e do pensamento existencialista, com Keerkegaard, com Jasper e, mais recentemente, com Sartre. O estudo é bastante interessante e representa, sem dúvida, contribuição apreciável para o melhor conhecimento da matéria. (Pongetti, editôres).

DOM QUIXOTE DE LA MANCHA — Eis um dos livros que tôda a humanidade precisa ler e reler! Especialmente quando as gravuras são de Gustavo Doré, como é o caso dêste luxuoso volume apresentado pelas Edições Melhoramentos, a fim de que a juventude saboreie a sátira de Cervantes. A adaptação, de José Pedretti Neto, agrada perfeitamente, assim como é digna de entusiasmo a iniciativa da editôra, presenteando os países de língua portuguêsa com êste primoroso "Dom Quixote de la Mancha".

KON-TIKI E EU — Dos seis companheiros, que realizaram a façanha maravilhosa da "Expedição Kon-Tiki" (livro de quatro edições em oito meses!), merece destaque Erik Hesselberg, autor de "Kon-Tiki e eu", impressões artísticas e bem humoradas e desenhos de irresistível graça. "Kon-Tiki e eu" é outra magnífica realização gráfica da Melhoramentos.

MATEMÁTICA COMERCIAL — De Algacír Munhoz Maeder, para a primeira série do Curso Comercial Básico, segundo as normas oficiais, é esta clara e proveitosa "Matemática Comercial" da Melhoramentos. Noções completas da matéria, além de duas tabelas de 1 a 1.000: uma de quadrados e raízes quadradas; a outra de cubos e raízes cúbicas.

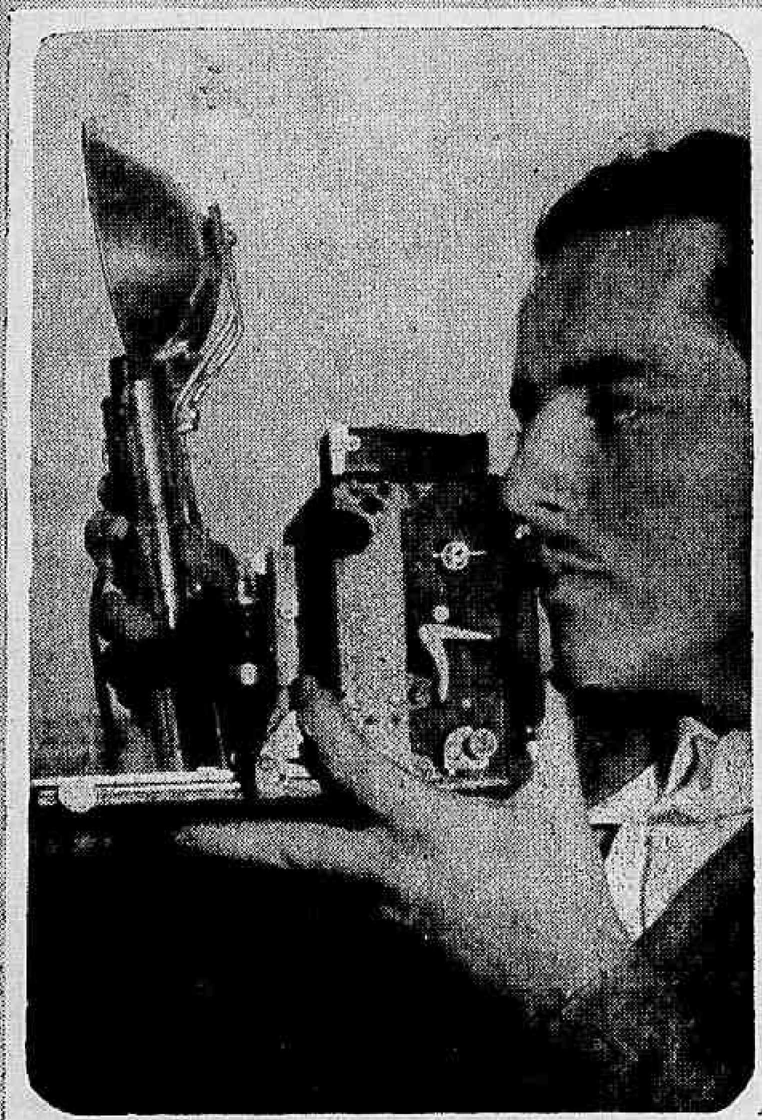
A FONTE MARAVILHOSA — Para os leitores infantis, a coleção "Encanto e Verdade", da Melhoramentos, apresenta, em novo formato ilustrado, "A fonte maravilhosa", de Tales C. de Andrade. E' a história do valor do trabalho.

GEOGRAFIA COMERCIAL — As três séries de geografia do Curso Comercial Básico têm um auxiliar precioso na "Geografia Comercial", de Moisés Gicovate, autor especialista nesta disciplina. As Edições Melhoramentos fizeram um volume adequadamente ilustrado, o que vem completar as preciosas noções expostas com muita clareza e senso pedagógico.

CERTAME FOTOGRÁFICO

CONVOCAÇÃO DOS FOTÓGRAFOS DO BRASIL E DO ESTRANGEIRO PELA

REVISTA DA SEMANA



20 MIL CRUZEIROS

E I A

PARTICIPE

TRIUNFE

VEJA REGULAMENTO AO LADO

A REVISTA DA SEMANA quer interessar os seus leitores fotógrafos em reportagens e, desta forma, se propõe selecionar, nas condições indicadas, alguns entre os melhores trabalhos que lhe forem enviados. A seleção será feita por uma comissão de cinco pessoas idôneas e os trabalhos aprovados serão publicados e remunerados como colaborações de qualidade excepcional.

Os pretendentes a tal gênero de colaboração só têm que observar escrupulosamente as condições do regulamento que damos a seguir, escolher seus assuntos e fazer funcionar suas máquinas. O resto ficará a cargo da comissão julgadora do mérito dos trabalhos apresentados.

1. Qualquer leitor do Brasil ou do estrangeiro, profissional ou amador, pode participar desta competição, desde que observe o Regulamento e remeta seus trabalhos dentro do prazo de noventa dias, a começar em 26 de abril de 1952. Nos trabalhos expedidos por via postal se tomará em consideração, para efeito do prazo, a data do carimbo da repartição postal expedidora.

2. A remuneração aos trabalhos classificados pela Comissão Julgadora será de duas naturezas: **a)** remunerações-prêmio para reportagens fotográficas e **b)** remunerações para fotografias isoladas.

3. Considera-se reportagem fotográfica a série ou seqüência de fotos, relacionadas com um mesmo assunto que, acompanhadas de legendas breves, contém por si sós uma história. Por exemplo: a história de um embarque no pôrto, com a seqüência das cenas de despedida no cais; do viajante na amurada do convés; dos lenços acenados pelos que ficam; do navio que se afasta; atitudes interessantes dos que vão e dos que ficam, etc.

4. Considera-se fotografia isolada tôda aquela que satisfizer as exigências de técnica fotográfica e apresentar interêsse jornalístico, realizando, sob êsses dois ângulos mencionados, uma unidade completa.

5. As remunerações para as melhores reportagens fotográficas são: 1.ª classificada — Cr$ 10.000,00; 2.ª classificada — Cr$ 5.000,00; 3.ª classificada — Cr$ 3.000,00; 4.ª classificada — Cr$ 2.000,00.

6. As remunerações para as melhores fotos isoladas serão: duas de mil cruzeiros cada, para as primeiras classificações; e quatro no valor de quinhentos cruzeiros, para as classificações seguintes.

7. As fotografias enviadas pelos pretendentes à colaboração estabelecida neste Regulamento não serão devolvidas e as classificadas, não premiadas, poderão em qualquer tempo ser publicadas, ficando o autor com direito à remuneração habitualmente paga pelos trabalhos de rotina.

8. Os nomes que compõem a Comissão Julgadora serão revelados juntamente com os resultados do Certame, em seguida ao julgamento.

9. O envio de trabalhos deve ser feito com observância das especificações seguintes: **a)** o pretendente remeterá conjuntamente negativos e cópias; **b)** as cópias devem ser esmaltadas e tiradas no tamanho 13x18; **c)** cada cópia deve ser acompanhada de legenda explicativa, com a extensão exigida pelo assunto que se explica.

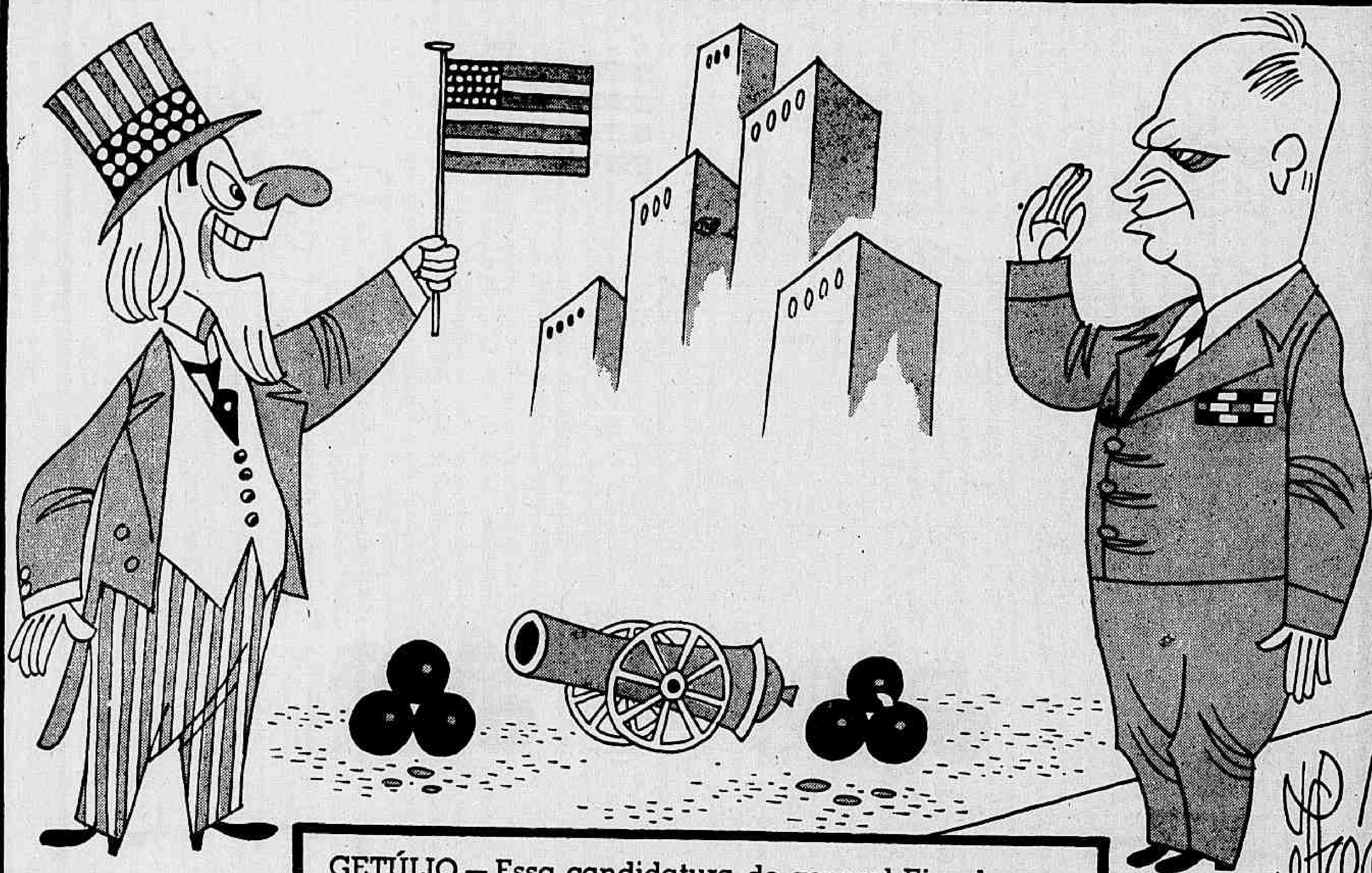
10. O material deve ser metido em sobrecarta, com pseudônimo do candidato. Dentro da mesma sobrecarta deve ser incluído um envelope menor, fechado, sôbre o qual se escreverá o pseudônimo e dentro do qual se darão as indicações seguintes: nome, nacionalidade, idade e domicílio.

11. No julgamento serão considerados tanto os elementos técnicos (luz, foco, composição, etc.) como os jornalísticos: movimento, ação, singularidade, curiosidade, oportunidade, ineditismo do assunto, etc.

12. Qualquer omissão dêste Regulamento será suprida pela própria Comissão Julgadora que fará constar o fato, e sua explicação, no laudo final do julgamento.

13. Os pretendentes devem enviar seus trabalhos para: "REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Certame Fotográfico". Convém escrever no envelope, com clareza, em lugar visível, o seguinte: "Pede-se não dobrar".

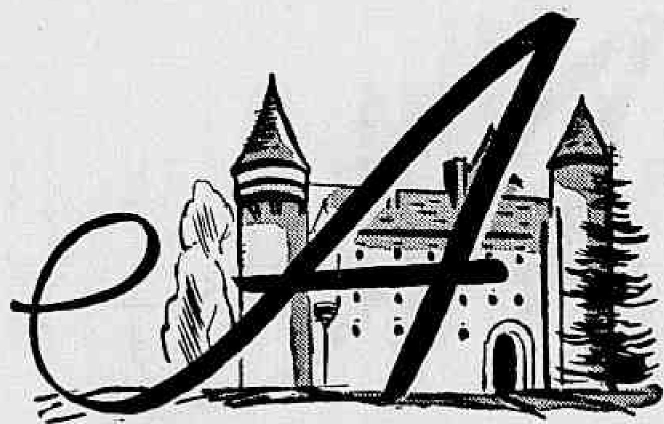
BARBAS de MOLHO...



GETÚLIO — Essa candidatura do general Eisenhower é um espeto!

J E C A — Compreendo. V. Excia. preferia que fôsse de um oficial de marinha...





A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE BAILEY

Três semanas depois êle a pediu e ficou de tal maneira convencido de que ela lhe daria o "sim", que ficou inteiramente absorvido pela decisão da moça. Entretanto Delilah ia procrastinando:

— Talvez que me decida. Quero, porém, dar-lhe minha resposta quando fôr à Inglaterra, agora na primaveraã.

— Mas eu quero uma espôsa imediatamente.

— Sinto muito, mas é impossível assim às carreiras.

E quando ela conta a Colin o que dissera ao pobre gentleman desolado, perguntou ao artista, quase chorosa:

— Mas, por que diabo não lhe dei o sim imediatamente? E' êste gênero de casamento o com que sempre sonhei.

— Sonhou mesmo?

— Naturalmente.

— Não. Nada de naturalmente. Você deseja coisa muito diferente.

— Por exemplo...

— Penso que você deve saber.

Com efeito, ela bem o sabia, e respira profundamente. Em seguida se puseram a rir, dizendo Delilah:

— Você terminará por fazer-me compreender meus sentimentos e emoções, como já me fêz compreender os meus vestidos.

— Você é uma aluna muito boa.

Nesse instante foi-lhes servido o chá. Como Delilah houvesse entornado a xícara, Colin lhe desejou felicidades.

— E' supersticioso? — Pergunta-lhe.

— Não bastante para crer no que você me disse.

E batendo os olhos, Colin sorriu e continuou:

— A vida me trará o que eu desejar, porque eu farei com que assim seja.

— Oh! Você crê nisso?

— Sim. Tôdas as coisas são possíveis para as pessoas que acreditam ser possíveis.

— Talvez que para os homens; mas para uma mulher! Veja Leila. Eu chego a temer...

— Você se engana. A vida se tornará feliz para ela.

— Como sabe disso?

— A vida será boa para todos nós, de uma maneira, ou de outra. Você teme quanto a Leila por causa de Barry. Não há motivo para isso. Ora essa.

— Sim, mas temo que não perceba bem as coisas. Todo mundo já sabe que vão levá-la para onde está êle, por causa dela. E não vejo uma saída para o problema: se êle não desposá-la, lhe esmagará o coração; se se casam, ela terá da mesma maneira o coração despedaçado. Saia dessa entaladela.

— Não há motivo para empregar tanto "se". Haverá um jeito para tudo, não importa como venha a suceder.

Delilah se levanta e toma de um globo de cristal.

— Você não quer que esta bola fique em evidência, porque não se coaduna com a nova mobília. Mas ela nos diz coisas...

— Que coisas?

— Vou mostrar-lhe.

E colocou-a sôbre a mesa, entre êles.

— Ponha suas mãos em cada lado.

Colin agarrou o globo com os seus dedos flexíveis e lhe falou:

— Não me venha com invenções!

Ela começou a falar lentamente, quando, ao mesmo tempo chega Porter acompanhado de Leila de Mary, em seu carro.

— Agarrei estas duas criaturas aí pela cidade; já andamos muito, minha cara senhora, estamos cansados. Assim, quer dar-nos um pouco de chá?

Colin e Delilah, meio pálidos, a respiração anelante, se levantaram e foram receber os visitantes.

Colin, procurando consertar a perturbação, explica:

— Ela estava a ponto de ler meu futuro,

Enquanto isso, Delilah dava ordem para vir mais chá quente.

Era um estranho assunto, aquêle.

Porter pilheria:

— Algum "truc"?

Colin responde como se estivesse a sonhar:

— Talvez, mas Delilah tem ares de vidente quando me diz coisas bonitas e prediz que eu ainda pintarei uma obra-prima e vou casar.

Leila, em pé junto à mesa, toco com seus dedos hesitantes o globo de cristal.

— Você vê, realmente, as coisas, Delilah?

— Sente-se aí e eu lhe provarei.

Leila se impressiona.

— Oh! Não!

Porter insiste:

— Seja esportiva, Leila!

Leila se senta na mesma cadeira em que Colin se sentara. Seus olhos estavam ansiosos. Delilah, debruçada sôbre a bola de cristal, olha para a superfície curva. Há longo silêncio. Em seguida Delilah começa a tremer, como se estivesse em transe. E afasta o globo com um movimento brusco.

— Não há nada a ver — diz ela com voz abafada — não vi mesmo nada, Leila.

— Eu bem sabia que, com todos nós aqui a escutá-la, você não conseguiria nada — diz Porter triunfante.

Mas Colin não foi da mesma opinião:

— Penso que deveremos tomar nosso chá antes que esfrie.

Estendeu as xícaras a Leila e a serviu de açucar, limão e de doces. Não cessou de falar com a sua maneira meio-cínica, meio-sincera, como se estivesse misturando as coisas no curso de suas idéias.

Quando, por fim, os visitantes se foram, êle se voltou imediatamente para Delilah:

— Que foi que houve? Que foi que você viu, realmente, na bola de cristal?

Delilah está trêmula.

— Eu vi Barry! Oh! Colin! Não quero crer. Talvez seja ùnicamente minha imaginação, pelo fato de eu atormentar-me com a situação de Leila; mas eu vi perfeitamente Barry a me olhar com um rosto estranho, e todo branco, dentro da noite.

CAPÍTULO XXI

Em fevereiro Roger escreveu a Mary, em tom algo cerimonioso, para saber se a sua prima Patty poderia arranjar um cômodo em casa de Mary a fim de assistir à posse do novo Presidente da República. Dizia a carta:

"Ela está enormemente feliz com a vitória dos democratas, mas, a despeito de suas idéias avançadas, é muito tímida, e não conhece ainda as grandes cidades.

"Acho que resolverá muitas de suas dificuldades indo para essa mansão. Além disso desejo que a prima a conheça. Eu tinha pensado, primeiramente, em acompanhá-la; mas não creio que possa ir. Têm precisão de mim aqui."

Roger não esclareceu por que motivo era necessária a sua presença lá. Êle pouco falava de si mesmo e de seu trabalho. E Mary se admirava. Seria que o seu entusiasmo o havia abandonado? Seria êle um impulsivo fàcilmente desencorajável? Porter teria razão, e o fracasso da vida de Roger teria sido devido, não a fôrças exteriores, mas à sua própria fraqueza pessoal?

Respondeu-lhe Mary que se sentiria muito feliz ao receber a prima Patty, e a 1.º de março a velhota chegou.

Uma vez cada quatro anos, a capital se reveste com as galas de festa. Durante anos pode haver paradas, grandes desfiles habituais na capital, pois é um assunto de todos os dias ouvirmos ao longo da avenida ecos de música e o pisar da multidão. Há funerais de grandes homens, com bandeiras em luto, estandartes em crepe, e a Música da Marinha que executa a "Marcha fúnebre" perto da carreta mor-

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

MARY BALLARD, órfão de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face as despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. O casamento de sua irmã Constance, deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia de Graças» ele apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada, mas não dava demonstração de estar apaixonada por êle. Roger sentia aumentar sua paixão para com Mary, mas o diferença de idade era um entrave. Depois do Natal estava sòzinho em seu apartamento, lendo, quando Mary pediu licença e entrou. Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios, e fôra ouvir a sua opinião. Mas o inquilino achava que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Leila e Delilah foram com Porter, Mary e o general Dick assistir a um exercicio de cavalaria e evoluções de artilharia, e Barry, aproveitando estar a sós com Leila, declara seu amor. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porem, revela-o à irmã, Mary, e esta procura ouvir a opinião de Roger sôbre o assunto. Roger se oferece para ir buscar Barry, que está ausente de casa e do trabalho sem ter dito nada a ninguém. Mary não sabe como agradecer tanta gentileza de Roger, o qual vai «descobrir» o fugitivo ao lado de Leila e do general Dick, seu pai, numa praia de banhos e lhe dá muitos conselhos úteis. Em setembro todo mundo volta a Washington, inclusive a irmã de Mary com seu espôso, Gordon, que reconhece em Roger Poole um amigo colega de colégio. Roger confessa que se dedicara à vida religiosa, tendo dirigido uma igreja evangelica; mas depois abandonara as ordens. Roger acha que terá de confessar a Mary êsse episódio de sua vida, o que faz através de uma longa carta. Depois de ler a carta de Roger, Mary foi à igreja, onde meditou durante largo tempo, resolvendo convidar Roger para tomar chá em sua companhia, mas êles dois, a sós. Mary conduziu a palestra no sentido de Roger voltar às suas funções como pastor de uma igreja. Mas êle parecia resistir, embora estivesse adorando as sugestões e a fôrça de fé que a jovem possuía. O problema de Barry é discutido e Gordon parece não aprovar os amores do rapaz com Leila, bem como não via com bons olhos qualquer tentativa de Roger para entrar na família, casando-se com Mary. Roger, que se ausentara, escreve uma carta a Mary. Em casa de Mary a situação se inclina para separar Barry de Leila. Gordon propõe levá-lo para Londres, onde lhe daria emprêgo. Apesar de ter concordado com a sua viagem para a Europa, Barry ilude a vigilância e casa-se, secretamente, com Leila, mantendo o caso em segrêdo. Quando êle voltasse, então, tudo seria revelado e se uniriam. Leila estava repassada de paixão e cai, chorando, nos braços de seu pai, que não pode adivinhar o que está acontecendo. Mary resolveu falar a Porter sôbre a carta que recebera de Roger, e Porter ficou consternado diante da fugidia esperança que alimentava de casar-se com ela. Tia Frances e Porter foram os que mais se mostraram indignados com os propósitos da moça de trabalhar como estenógrafa no Ministério das Finanças, e Gordon não ocultava sua contrariedade. Delilah levou Porter para tomar chá com ela e ali contou como iniciara relações de amizade com o seu hoje amigo íntimo, Colin Quale, exímio desenhista de modas femininas. Durante o conhecimento que Porter fêz com Colin Quale, soube que o artista conhecera a Roger Poole e à espôsa do mesmo, mostrando-se muito interessado pela novidade. Nesse ínterim, Mary escreve longa carta a Poole, contando os episódios mais emocionantes. A carta de Mary, Roger respondeu com uma outra na qual falava de seus trabalhos e dava informes acêrca de sua prima Patty, de quem Mary pedira notícias. Porter estava ansiando por encontrar um momento que lhe proporcionasse mostrar a Mary o retrato da mulher de Poole, pintado por Colin Quale. Então mandou que Leila a convidasse para darem um passeio de auto pela cidade. Porter deu várias voltas até que consultou a tôdas se desejavam fazer uma visitinha a Delilah. Tudo ajustado, êle a levou até lá. Mas sua intenção era a de mostrar o tal retrato a Mary. Mas Porter não teve coragem de revelar aquêle segrêdo. A conversa pendeu para férias, enquanto todo mundo tomava refrescos e comia bolinhos. Porter, não podendo suportar mais, confessa a Mary que a levara ao atelier de Colin apenas para mostrar o retrato da mulher de Roger. Mary, porém, não se perturba. Mas, diante do que lhe dissera Porter, seu espírito começa a vacilar. Chegou mesmo a pensar que a carreira de funcionária pública não lhe servia.

tuária; há pelotões de cavalaria jovial que vêm de Fortmyer, para escoltar alguma celebridade; há desfiles patéticos de gente de prêto pomposamente revestida de insígnias de alguma sociedade, que oferecem aos seus membros falecidos o tributo de uma glória pública que jamais conheceram em vida; há desfiles de circo e paradas eleitorais, bem como a de grandes escolas, todo um desfilar de tropas e de gente com o que a humanidade adverte de sua importância.

Mas a posse é uma manifestação única e grandiosa. Todos trabalham para o fim de assistir à mesma. Todo o tráfego é interrompido, tôda a polícia da cidade é mobilizada para seu serviço, para proteger a solenidade, a metade dos detectives do país é convocada para a mesma. Tôda a alta sociedade vem contemplar, instalada em tribunas na cidade alta; todo o povo vem olhar, ao longo dos passeios na cidade baixa. Trens superlotados despejam ondas de visitantes; populações se arranjam como podem em hotéis e pensões familiares, não se falando nos hóspedes de casas particulares.

À cerimônia de 1913 se juntou um outro elemento de interêsse: a parada das mulheres no dia que precedeu à posse do novo Presidente. Nessa ocasião, o vermelho, branco e azul das antigas decorações foram avivadas pelo amarelo, branco e vermelho das sufragistas.

A prima Patty trazia um pequeno laço de fita amarela, quando Porter a encontra na estação.

Porter não estava disposto a acolher qualquer prima de Roger Poole de braços abertos; mas conhecia seus deveres a respeito da convidada de Mary. Ofereceu o seu carro e insistiu para que Mary aceitasse e dêle se servisse.

Quando Mary protestou, procurando desculpar-se por não desejar dar-lhe incômodo, Porter falou com certa aflição:

— Pelo amor de Deus! Não me torne ainda mais infeliz recusando-me o dever de fazer alguma coisa por você! Não me dá nenhum incômodo! Só terei prazer nisso!

A prima Patty, a despeito das prevenções de Porter, apresenta-se com muita distinção. Entregou seu pequeno volume de viagem com um tal modo atencioso de tratamento, seus olhos tinham tal expressão de confiança e bondade, pareciam tanto com os de uma criança, que Porter nada mais pôde fazer que rir e ajudá-la com prazer, conduzindo a bagagem.

— Miss Ballard está lá em nosso carro, no pátio da estação. Não quis que ela viesse aqui para dentro em meio dessa multidão.

A prima Patty se comove.

— Esta multidão! Eu jamais vi coisa igual na minha vida! Nunca imaginei que houvesse tanta gente no mundo. Veja o senhor; eu jamais saí para muito longe de minha casa, e em tôdas as estações eu vi essa multidão. Quando cheguei aqui, fiquei no degrau do carro, atordoada, a olhar essa massa que se movimentava em tôdas as direções. Pensei que ia desfalecer, mas o chefe do trem me mostrou a porta de saída, e foi então que vi o senhor, com sua cabeça triunfante, dominando a todos.

Ela disse isso com tanta sinceridade que Porter tornou a rir.

— Miss Carew, — diz êle — eu quero crer que a senhora pensa.

— Que eu penso, o quê?

— Que é minha cabeça triunfante.

— Claro!

Seus olhos negros brilharam.

— O senhor é tão alto que eu podia vê-lo por cima do povo, e Roger mo pintou admiràvelmente. Mary Ballard me dissera que o senhor viria, certamente, ao meu encontro... E agora estou mesmo em Washington?

A prima Patty queria perguntar: "Estou eu, realmente, no Paraíso?" Mas não teve mais esfusiante expressão.

— Nunca esperei vir a esta cidade...

A visitante continuava a explicar-se enquanto Porter a guiava através da multidão.

Nunca imaginei que viesse aqui. E agora, eis que a bela Mary Ballard de Roger prometeu mostrar-me tudo!

A bela Mary Ballard de Roger, na verdade!

— Miss Ballard — diz Porter em tom frio — vai tomar uma semana de licença a fim de mostrar-lhe tôda a cidade.

— Sim, Roger já me havia dito. E' Mary que está ali naquele belo carro a sorrir? Oh! eu estava certa de que ela era exatamente como Roger me descreveu!

Com efeito ninguém poderia resistir à prima Patty. Tinha em sua encantadora voz, na sua personalidade cheia de vida qualquer coisa que a colocava acima de outras mulheres de sua idade e de sua origem.

Porter, para passar pelo Capitólio e pela Biblioteca, deu uma volta considerável. Em seguida, desceu a Avenida tôda decorada para o desfile da parada. Mas os olhos de Patty olharam para além das tribunas, lá para os lados da alta flecha do monumento que se percebia à distância, e quando passaram diante da Casa Branca, ela se acomoda melhor em seu assento e suspira:

— Pensar que depois de tantos anos, é um homem culto, um gentleman que vai viver ali!

— Há outros homens cultos e gentlemen, lembra Mary.

— Não há dúvida, querida. Um republicano não é mais que um... republicano. E um democrata é um gentleman.

Os olhos de Mary dançavam.

— Prima Patty, — diz ela — posso chamar-lhe assim? — Que fará você quando as mulheres puderem votar? Será que as mulheres que são republicanas poderão ser "ladies"?

— Oh! Você está zombando de mim! — respondeu desolada.

Mary acomodou a prima Patty num apartamento que era contíguo ao de tia Isabelle, e as duas se mostraram muito sorridentes, abraçaram-se à moda antiga e ficaram amigas imediatamente.

Quando a prima Patty recebeu a sua bagagem e instalou todos os seus pertences muito interessantes, ela deixou aberta a porta de seu dormitório que comunicava com o apartamento de tia Isabelle, a fim de que ambas pudessem tagarelar à vontade.

— Mary me disse que hoje à noite vamos ao teatro com o Sr. Bigelow. Quero que tia Isabelle me diga que vestido deverei usar. Como sabe, há muito tempo vivo fora do mundo!

— Mas você vive muito mais no mundo do que eu — lembrou-lhe tia Isabelle.

A prima Patty, em lindo robe de chambre sentou-se a uma cômoda cadeira de balanço a fim de discutir o caso.

— Que quer dizer?

— Mary me disse como as suas idéias, Patty, são mais avançadas do que as minhas. Você adotou teorias modernas e as executa. E eu a invejo desde que ouvi falar de seus bolos de casamento.

— E' um bom negócio, e eu posso obtê-lo mesmo em casa. Eu jamais seria capaz de ganhar a vida fora do lar. Só posso desafiar os homens... em teoria! Sou, porém, realmente, uma mulher do Sul, e mulher em tôda a extensão da palavra, se amiga sabe o que quer isto dizer! — Diz ela a rir jovialmente. E' evidente que eu não disse isso a ninguém, nem mesmo a Roger.

Nesse instante entra Mary vestida em encantador vestido branco, para o jantar.

— Oh! — diz ela em tom de censura — Vocês ainda não estão prontas?

Patty se levanta.

— Eu desejava saber que vestido levaria, e ficamos ambas a dar com a língua há uma hora sem que disséssemos uma palavra sôbre isso!

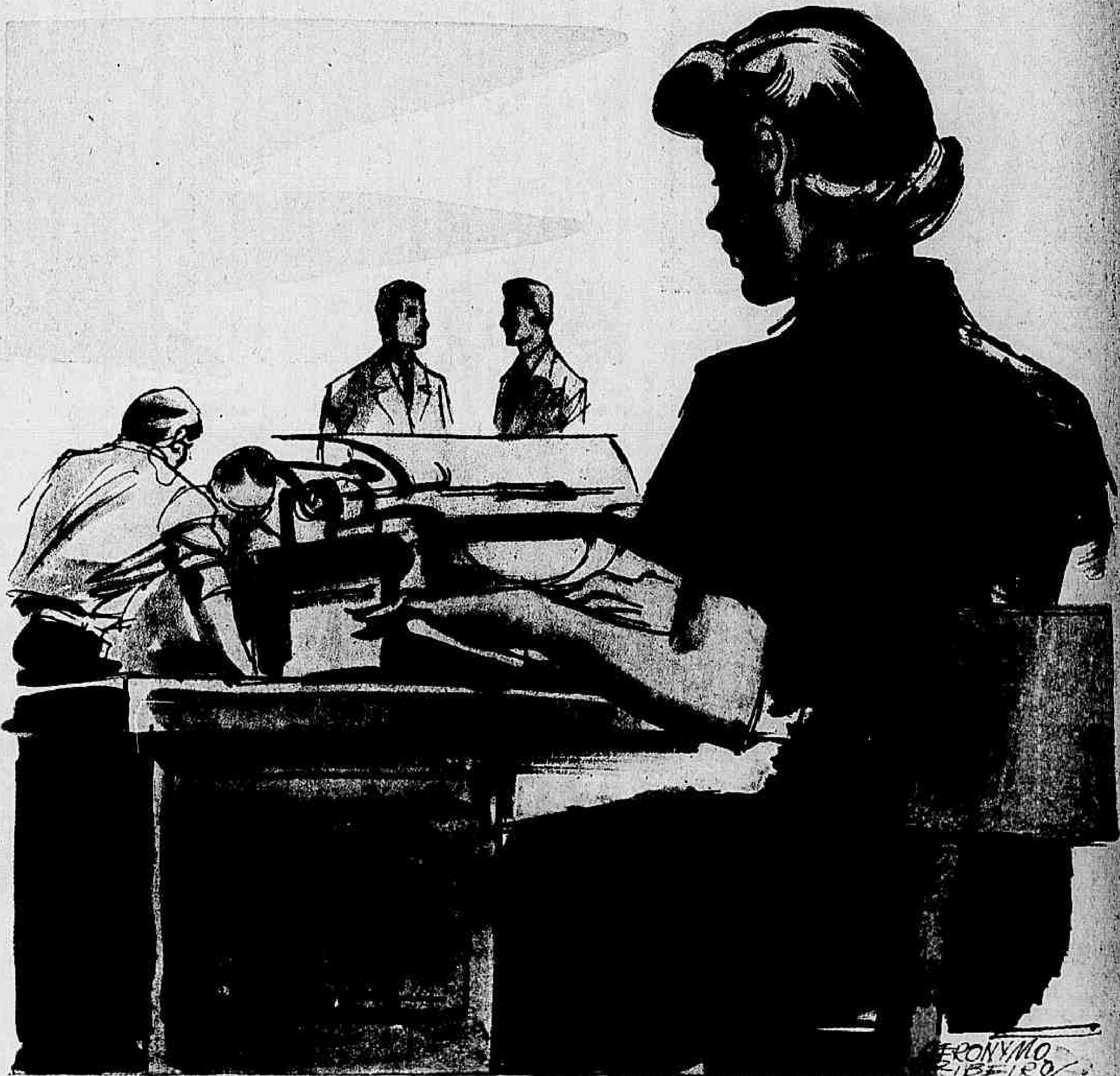
— Não se preocupe com isso, — diz Mary — pois não seremos mais de quatro.

— Mas eu me preocupo! Roger me ajudou a organizar meu guarda-roupa. Êle se lembra do mais simples vestido que você usou quando êle estava aqui.

— Deveras?

(Cont. na pág. 48)

Tradução de **RENATO DE ALENCAR** — Ilustração de **JERONYMO RIBEIRO**



AVENTURAS DO CAPITÃO ROB
O IMPÉRIO CELESTIAL







55 Vendo-se presos pela descida daquela grade de ferro que lhes tomava a passagem de volta, Rob e Tony ouviram uma voz. Vinha do lado da parede. Seria o prisioneiro? Com esfôrço, êles procuraram forçar uma porta de pedra. E o conseguiram. Apareceu, então, através dela a figura esquálida de um homem de cabelos e barbas crescidas, vestindo trapos. Rob ilumina o ambiente com sua lâmpada. O prisioneiro está perplexo. "Você é Roy Robinson?" — pergunta Rob. "Sim. E quem são vocês?". Rob lhe explica tudo, mas lhe diz também que estão prisioneiros do Mandarim, que fizera descer aquela grade.



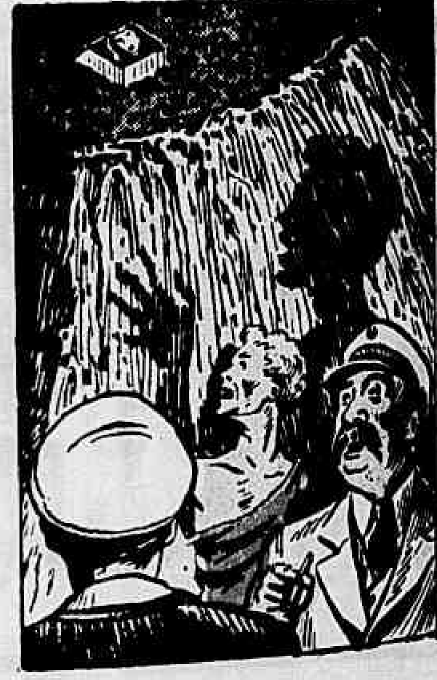




56 Marga e a favorita do Mandarim acompanham os passos dêste quando êle deixa seu palácio. Vai o chinês ao templo e acende várias velas ali. Elas entram no templo e vêem um enorme ídolo com muitos braços. Marga levara alguns dos seus "coolies" de confiança e um dêles explicou: "Aquêle é Kuan-Jim, o deus de muitos braços para a caridade". Mas a moça não estava muito interessada nesse deus e só olhava o Mandarim a trepar ídolo acima, até que, alcançando a bôca da estátua, meteu-se por ela a dentro, desaparecendo. O fato foi observado por um dos "coolies", que o transmitiu à moça.







57 Por uma escada que havia no interior da estátua, o Mandarim desceu. No final da mesma havia uma espécie de assoalho com orifícios para ventilação. Mas era um alçapão. O Mandarim ergueu a tampa e disse com alegria: "Ah! Eu bem o imaginara! São espiões!" Êle viu Rob a conversar com o prisioneiro. Fechou novamente a porta falsa. Êle usa uma meia máscara e está atento, pois qualquer coisa poderia acontecer a seus homens. Êle vai saber o que se passa e vê todo mundo embriagado com ópio! Marga segue o mesmo caminho do Mandarim e fala, aos seus amigos. Vai buscar uma corda para salvá-los.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — O Cap. Rob naufragara com seu iate, salvando com o cão "Skip". Levados para terra por duas moças que excursionavam na lancha "Pandora", Rob manda construir um novo iate e segue com Marga e Willy, suas salvadoras, para umas aventuras nos mares da China, dispostos a descobrir e salvar um repórter que caíra prisioneiro de piratas chineses. Também êles foram aprisionados por juncos, mas Rob e as moças fizeram camaradagem com um holandês de nome Tony, que se passou para o seu lado e os ajudou em vários conflitos com outros piratas. Orientados por Tony e ajudados por muitos chineses assalariados, deixaram a lancha num pôrto sob a guarda de Willy e seguiram para um feudo cujo Mandarim mantinha prisioneiro o repórter. Tony levava boa quantidade de ópio e conhecia bem os costumes. No dia seguinte, depois de hospedados, Marga descobriu, casualmente, onde estava o jornalista e narrou tudo a Rob. Êste e Tony vão investigar, mas caem numa armadilha.







58 Louco de raiva o Mandarim corre ao jardim. Havia ali uma alavanca sustentando uma porta d'água. Êle suspende e um jôrro d'água corre por um conduto e vai inundar a cela onde estão os prisioneiros, arrebentando uma parte da parede para dar passagem à corrente líquida. "Aquêle canalha nos pegou de jeito", exclama Tony. Era esta, naturalmente, a intenção daquele Mandarim. Rob grita: "Marga! Marga!" Mas ninguem lhe responde. A corrente d'água ia aumentando cada vez mais e a prisão se enchendo. Se Marga não chegasse dentro de alguns segundos, êles três morreriam afogados, inapelàvelmente.







59 Marga foi bem sucedida na busca de uma corda e foi pedir ajuda aos seus amigos de viagem. Em companhia de um dêles ela sobe ràpidamente para a bôca do ídolo. No instante em que ela ia transpondo a bôca, um dos marujos do "Pandora" dá um grito de alarma. E' que, dentre os braços do ídolo surge o Mandarim, ameaçador, com uma longa e afiada espada! Mas o chinês amigo não perde tempo e dá-lhe um tiro com o seu revólver. O Mandarim solta um grito e cai arrastando na queda vários braços do deus. Marga nota que na própria bôca do ídolo há uma armadilha. Ela ouve os gritos dos prisioneiros, mas...







60 O caso se explica. Por detrás da escada, no interior da cabeça do ídolo há um mecanismo secreto que pode fechar a bôca do deus, além de mover-lhe os braços vedando a entrada. Marga estava vendo tudo isso e se alarmava. Mas, quando o marujo alvejou o Mandarim, já ela estava salva. E foi isso que a valeu. Mas era preciso também salvar o marujo, já agora também entre as armadilhas do Mandarim. Mas o salvador de Marga lhe disse que não se importasse com êle e fôsse salvar os que estavam prisioneiros. Marga desceu até lá levando a corda. Os gritos se ouviam e ela não tinha mais tempo a perder.



AQUILO QUE O VENTO NÃO LEVOU...

HÁ muitos séculos, vagava no Espaço uma infinidade de entes sobrenaturais: gênios, ninfas, bruxas, gnomos... Por vêzes, cansados de perambular, baixavam a um astro e passavam temporadas divertindo-se. Isso faziam aos bandos e nunca a sós, pois uma lei punia com o exílio pérpetuo aquêle que se afastasse das colônias. Entre êles, viviam entes pequeninos, dotados de grande inteligência, conhecedores dos segredos da Terra. Eram os Gnomos. Atraídos pelas riquezas e maravilhas do nosso planêta, entranharam-se, aos grupos, nas suas misteriosas profundezas e atingiram os seus mais íntimos recessos, lá fixando residência. Suas mulheres, as Gnômides, dotadas de rara beleza e péssimas qualidades, tornaram?se as guardiãs das minas de diamante lá existentes. Possuindo ambos dons sobrenaturais, tornavam-se invisíveis conseguindo penetrar no âmago dos sêres.

Certa vez, uma jovem Gnômide, fugindo à monotonia das profundezas da Terra, veio à superfície gozar as carícias adoráveis dos raios solares. Aqui chegando, recordou-se, com pesar, que não deveria mais regressar à comunidade. Naquela época, era o nosso planêta habitado apenas por um casal: Adão e Eva. Viviam em paz e harmonia... Eva era um anjo dócil e meigo. Adão, o companheiro ideal, solícito e dedicado. Eram felizes. Se não conheciam a ambrosia e o néctar dos deuses, familiarizaram-se bem cedo com a maçã...

Admirou-se a invejosa Gnômide ao ver tanta felicidade: fazia-lhe mal. Não era ela um duende solitário e vagabundo?! Nasceu-lhe então o criminoso desejo de perturbar tamanha paz — assim daria expansão às idéias mórbidas concebidas por seu cérebro disforme.

Precisaria penetrar no coração de Eva. Como? Como, se ela o trazia trancado com a couraça da virtude? Quebraria, acaso, aquela couraça virgem em combates? E a Gnômide pensou... pensou... e resolveu pôr em prática diabólico plano de amolgação.

Pobre Eva!

Adão, conforme sentença divina, ganhava o pão com o suor do seu rosto... Embrenhava-se nas selvas, na luta pela subsistência, e, ao cair da tarde, retornava ao lar, carregado de troféus para presentear sua amada. À entrada da caverna, costumava encontrar Eva esmerando-se no preparo de novas tangas dos mais variados feitios e côres. E com que prazer ela o fazia!...

— Trago-te, hoje, uma pele linda. Farás tangas maravilhosas!

E assim viviam ambos, vida simples, em contato com a natureza. Fora a luta pela subsistência, só uma coisa os preocupava: povoar o Mundo. Uma grande missão, é verdade! Mas... Que responsabilidade! Um Mundo vazio ou quase isso. Um Mundo governado apenas por dois sêres primitivos — animais racionais! Que paz! Um Mundo sem guerras, sem fronteiras, sem bombas atômicas... Combates? Só entre os animais selvagens... Não. Adão, o primeiro Homem, já se dava aos prazeres das caçadas. Já existia nêle, em potencial, se bem que extravazando em inocentes manifestações de tendências conquistadoras, a fibra que se perpetuaria, através de séculos e gerações, e chegaria, até nós, apuradíssima — a fibra destruidora. Desde Adão até agora, a fibra prevaleceu, mascarando-se, ora, em "lutas" e "defesas" — defesa de honra, defesa de leis, defesa de fronteiras, defesa de idais — por mais paradoxal que isso pareça; ora, em simples e não mascaradas exteriorizações... Herança macabra, sim senhores!...

Ah! Se Adão e Eva soubessem! Se êles soubessem avaliar a responsabilidade que lhes fôra confiada: povoar o Mundo! Se êles conhecessem um pouquinho que fôsse dessas complicadíssimas leis da hereditariedade! Se êles pudessem, ao menos, vir presenciar os efeitos, as consequências, a catástrofe!... Talvez, mascarando mais uma vez o fatal instinto, rogassem a Deus a "destruição" dêsse Mundo, suplicando-Lhe que os colocasse, então, no marco zero, a fim de que pudessem começar de novo!...

Voltemos à vida simples que viviam os dois. Voltemos à entrada da caverna, onde Eva preparava suas tangas... E, Adão, a chegar da caçada com seus lindos troféus:

— Trago-te, hoje, uma pele linda, querida!...

Eram felizes. Tão felizes, que a Gnômide não podia mais suportar tanta felicidade. Odiava aquêles dois sêres humanos e traçara planos...

Uma tarde, estavam Adão e Eva a gozar as delícias de uma sesteada, sob frondosa árvore, quando Eva percebeu, ali bem pertinho, por trás de uma gruta, a onça domesticada que acompanhava Adão a tôda parte. Sob os reflexos do sol poente, o pêlo do animal surgia apresentando tonalidades várias, e Eva admirou-se de nunca, antes, ter nela reparado! E, enquanto a onça espreguiçava-se, manhosamente, ora enroscando-se, ora relaxando a musculatura, Eva perdeu-se em devaneios leves, superficiais, indecisos... Tão leves, tão superficiais, estavam à tona, boiando em seu pensamento! Foi então que a Gnômide entrou com sua astúcia. Conseguira captar-lhe o fio do pensamento. O resto seria fácil. E a Gnômide, sorrateiramente, soprava ao ouvido de Eva:

— Nenhuma das inúmeras peles que tens, chega aos pés daquela que ali vês... Repara, como brilha estranhamente, a cada ondulação do flanco do animal! Imagina que belíssima tanga farás...

Pobre Eva! (Oh! Tentação! Por que te vestes tão lindamente?)

Eva continuava a cismar... E sentia que crescia, dentro dela, algo até então desconhecido. A princípio, veladamente; a seguir, algo mais definido e, finalmente, um desejo louco, inadiável, irreprimível, de possuir aquela — exatamente aquela — pele de onça...

O resto foi fácil. O companheiro, desconhecendo naquela mulher ambiciosa e egoísta a sua tão terna Evazinha, tentou defender seus próprios interêsses. Mas... Eva apresentou argumentos tão sábios — insuflados pela Gnômide — e mostrou-se tão ardilosa e melìfluamente mulher, que a onça de estimação foi sacrificada e Eva ganhou a pele!

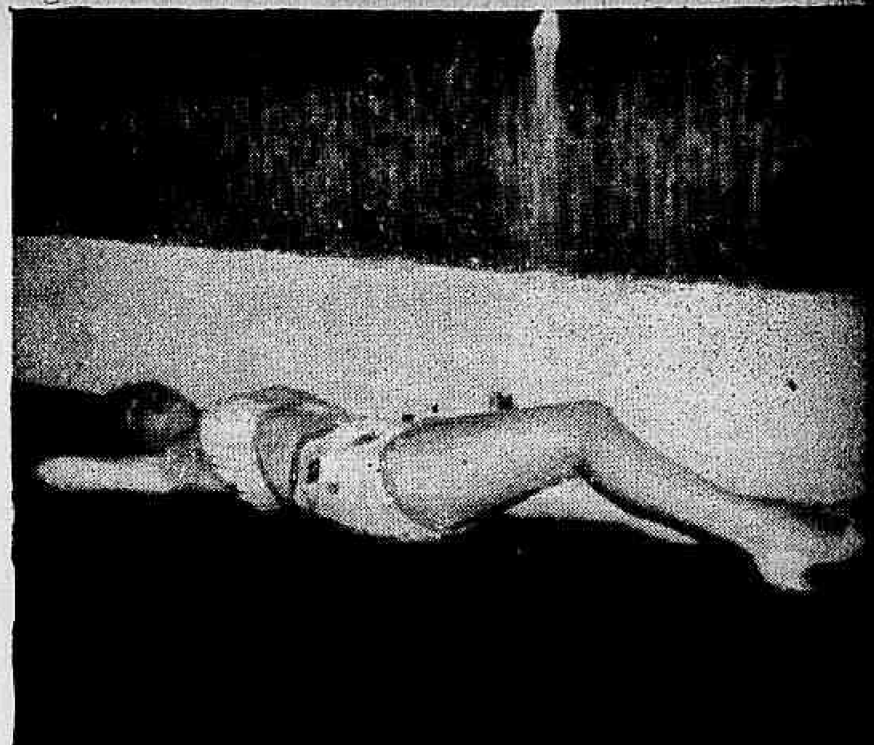
Nem por isso, o prazer da vitória — vitória amarga, mas vitória — foi tão grande assim. Geralmente, ama-se mais a conquista em si mesma, com os louros da vitória, do que o próprio objeto conquistado...

Mulher, hem!?...

Adão sofreu e calou. Outras coisas calaram também, profundamente, no seu coração. Quebrara-se o doce encantamento em que viviam. Dali por diante, o campo estaria aberto às cavilosas maquinações da Gnômide vadia. Ela captara, também, os sen-

(Cont. na pág. 54)

Conto de LOURDES JUDICE — Ilustração de M. QUEIROZ



Um emblema da festa dos Gran-Gestes: a bela plástica de uma loura no momento de um merecido repouso.

SÁTIROS E NINFAS NUM

CARNAVAL PROIBIDO

A DISSIDÊNCIA DOS "CAFAGESTES" ORGANIZA VITORIOSAMENTE OS "GRAN-GESTES" ★ LILIA, A GURÍA LOIRA, PROTESTA: "NÃO SOMOS EXISTENCIALISTAS ★ NA FESTA DO PÔSTO SEIS TODOS FAZIAM O QUE DESEJAVAM SEM LIMITAÇÕES NEM PRECONCEITOS ★ AS DUAS "MARIA CANDELARIAS" DERAM A NOTA DIFERENTE ★ UMA FRANCESINHA
LÁRIAS" DERAM A NOTA DIFERENTE

Texto de **HUMBERTO ALENCAR**
Fotos de **ALBERTO FERREIRA**

LÍLIA, a guria loira que mais tarde dominaria, por inteiro, o "grill" do cassino Atlântico, na festa de sábado de aleluia, promovida pelos "Gran-gestes", dizia, ainda no Alvear, aos repórteres:

— A nossa festa de Carnaval foi deliciosa. Disseram que era uma festa existencialista. Mas, nada disso. Somos uma turma unida e brincamos como se estivéssemos em família. Um não incomoda o outro, a liberdade é comum a todos; por isso a festa é boa. Vocês vão ver como a nossa turma sabe brincar.

Estávamos realmente curiosos para assistir ao baile de "Sátiros e Ninfas" na "boite", hoje fechada, do Pôsto Seis.

SILVÉRIO, O HISTORIADOR

Conversava Lília tendo ao redor os organizadores do baile, que fazem do Alvear, na Av. Atlântica, o quartel-general das suas atividades. Mas Silvério, garção da casa, que há onze anos serve os fregueses do bar e que alguns dos "gran-gestes" teimam chamar de "Camarão", Silvério Morão Arcos é que sabe contar a história dêsses dois clubes que dominam as preocupações brincalhonas da rapaziada de Copacabana.

— Êles organizaram aqui mesmo, no bar, há muitos anos, o "Clube dos Cafagestes". Gente boa, muitos dêles hoje são pessoas influentes, outros já se foram dêste mundo, como o saudoso Edu (cuja morte inspirou a marchinha "Zum-Zum", que tanto sucesso fêz na sua época). Amigos, aqui se reuniam diàriamente e daí surgiu a idéia de organizarem êsse clube volante. As festas faziam época. Depois, êles se mudaram daqui e não sei para onde foram. Ficaram alguns. Êstes, então, se organizaram no bloco que hoje vai dar essa festa.

DISSIDÊNCIA NOS "CAFAGESTES"

Com o correr dos tempos, quando a rapaziada foi se tornando menos moça, esboçou-se uma dissidência no Clube primitivo. E' que o Clube se tornou por de mais grã-fino, ao ponto de mudar a sede do



A alegria era como no Carnaval, grande e bacana...



...a festa logo esquentou e o samba dominou tudo...



...mesmo o índio e a lourinha que estavam tristes.



Glória estava de "gigolette" e era um espetáculo





Lilia, de tão animada, tomou o comando do saxofone.

Alvear para outro local. A minoria não concordou com isso e ficou fiel ao lema de "brincar sem limitações", fazendo do mesmo Alvear a sede do novo bloco que se chamaria mais tarde os "Gran-gestes", que é uma mistura de grã-finos e cafagestes... de brincadeira.

Reúnem os "Gran-gestes" "sátiros" e "ninfas", como êles próprios se denominam. E fazem a sua folia sem barulho, sem "esquentações", mas com vibração, um sem se importar com o outro.

UM ACIDENTE MUDA O RUMO

A princípio as festas eram feitas longe da cidade, em locais preferidos pelos que formavam quase a maioria dos "Gran-gestes". Um dia, entretanto, ao voltar de um dêstes bailes, um dos carros virou e meia dúzia de "sátiros" foi parar no hospital. Lá ficou essa gente quase dois meses. Restabelecida, "sátiros" e "ninfas" comemoraram com um baile o acontecimento e juraram que dali por diante as festas se riam na cidade, em Copacabana mesmo.

Os ponches e os vinhos, os "samba em Berlim" e as "dinamites", a "uiskada" e os "cuba libre" poderiam levar outras tantos "sátiros" e "ninfas' aos hospitais e o melhor seria ficar mesmo nas imediações da sede do clube.

DUAS FESTAS ANUAIS

Reúnem-se diàriamente os "sátiros" e as "ninfas". Encontram-se na praia e são êles os guardas mais intransigentes da Copacabana maravilhosa, por que vivem intensamente o seu mundo, as suas surprêsas, as sugestões dos seus panoramas, o vivo do seu colorido dia e noite.

Ali estão êles, no Alvear, cotidianamente. Vez por outra se reúnem no apartamento de um dêles e a brincadeira, ao som da eletrola, entra pela madrugada. Oficialmente, entretanto, organizam anualmente sòmente duas festas. Uma, pelo Carnaval, outra, no sábado de aleluia.

COOPERATIVISMO NA BRINCADEIRA

Usam êles o sistema de convites. Custa cada convite trezentos cruzeiros, com direito a bebida. Os convites, porém, não são vendidos a quem apareça. Necessário é que o pretendente seja apresentado por um dos sátiros ou uma das ninfas. O apresentante será uma espécie de fiador do pretendente, responsabilizando-se por êle, garantindo ser o apresentado um bom moço, que não é dado a brigas, cujo desejo é ùnicamente brincar.

Os "Gran-gestes" não querem saber de brigas. Embora repilam com a fôrça qualquer agressão, não gostam de elementos barulhentos. Silvério, aliás, nos disse que os "sátiros" são calmos, enquanto que os "cafagestes" eram "esquentados". Por qualquer "dá cá aquela palha" estavam êles lutando.



Beijo valia a qualquer hora, não importando onde.



...e o entusiasmo contagiava mesmo os brotinhos.

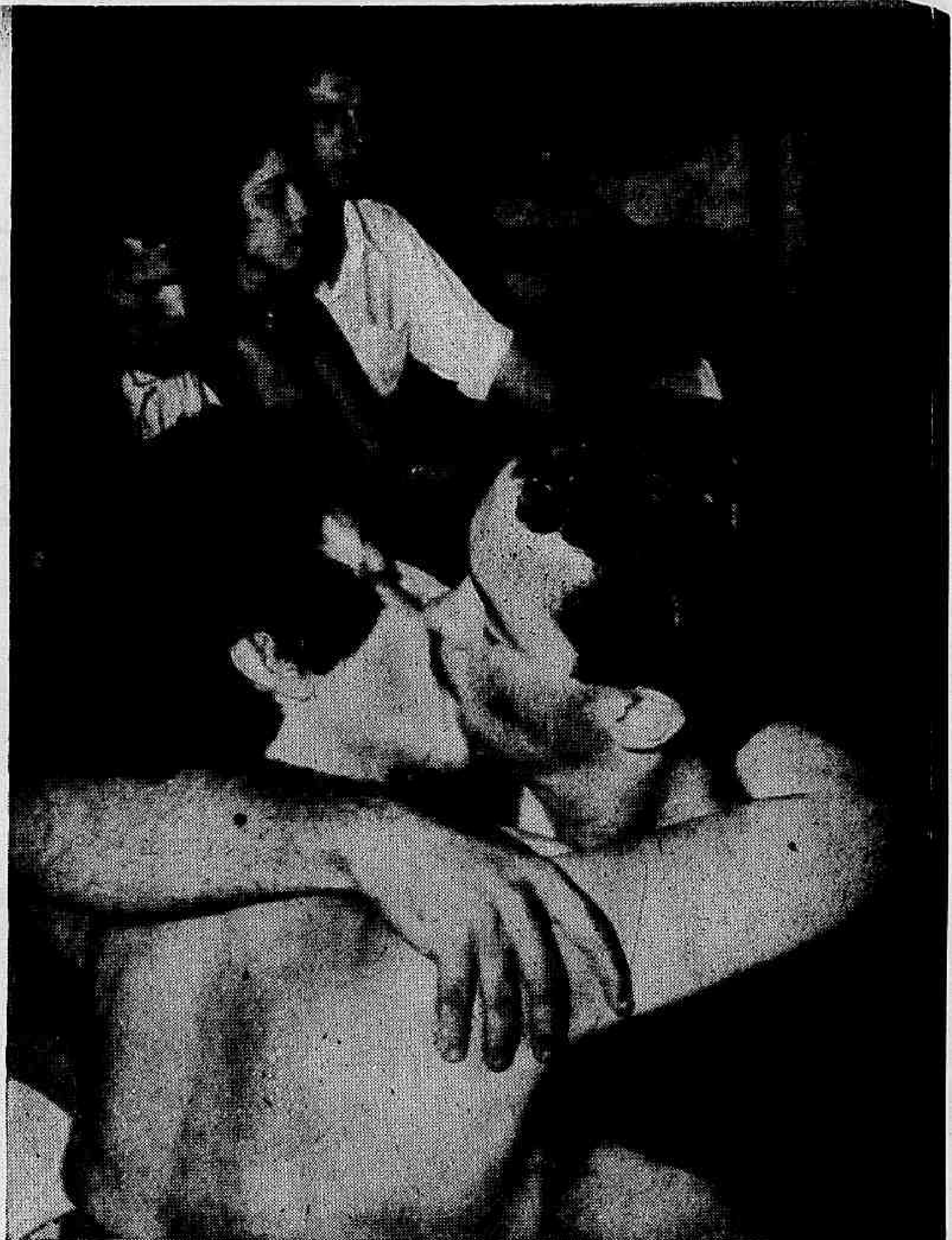


Quem caia K.O. não era de cansaço mas de bebid



Cansaço só fazia sentar. No chão, era mesmo pileq

CARNAVAL PROIBIDO



Do meio para o fim de tanta folia muitos estavam cansados (segundo plano) ...mas outros não.

NADA DE EXISTENCIALISMO

Quando chegamos ao "grill", acompanhados dos organizadores do baile, a festa ainda estava para começar. Êles próprios conduziam para o bar as caixas de bebidas e as ninfas cuidavam de orgnizar o salão. Tinham providenciado uma "jazz" que não fizesse como a outra, a do Carnaval, que do meio para o fim não articulava mais nenhuma nota musical.

E a festa começou e viveu até às cinco da madrugada, uma festa sem limitações nem respeito a nenhum preconceito. Bebia-se o que tinha o bar. Dançava-se como se desejava e o que desejava.

Um "sátiro" esclareceu aos dois repórteres:

— A minha liberdade termina onde começa a do próximo. Por isso aqui não há brigas, quem quiser bebe até cair, quem não quiser não bebe, um não se incomoda com o outro. Mas isso não é existencialismo, pois nós tomamos banho e somos alegres. Veja você que isso aqui é bem diferente das "caves" de Saint Germaine de Prés.

UMA FRANCESINHA ADERE AOS "GRAN-GESTES"

A francesinha, que fala mal o português mas já canta samba como ninguém, estava fantasiada a caráter. De braço dado ac seu "sátiro", a princípio não queria saber da máquina fotográfica. Depois, aderiu por inteiro. Também depois, com algumas horas de baile, todos aderiam, médicos, advogados, engenheiros, oficiais, comerciantes, todos faziam o que queriam e não tinham receio da indiscreção das fotografias...

Com linguagem arrevezada, a parisiense transmitiu ao repórter a sua alegria, dizendo que pereferia o "grill" do Atlântico naquela noite aos cafés do Mestre Sartre...

TUA LIBERDADE TERMINA ONDE COMEÇA A DO VIZINHO

À uma da madrugada a festa estava no auge. As "ninfas" eram carregadas nos braços dos "sátiros", deitavam-se onde queriam ou se deixavam ficar nos idílios de amor, à meia-luz, às mesas, ou ainda fugiam para os colóquios, aos cantos da "boite". Ninguém dizia nada a ninguém, um não reclamava nado do outro. Tudo muito natural, tudo muito normal para uma festa brasileira... sem limitações...

Lília tocou saxofone, dirigiu a orquestra, Glória sapateou e se deixou carregar pelo seu "sátiro", Dulce deixou-se ficar deitada, no tablado, bebendo o seu "cuba libre", Rita ficou na mesa, bebendo guaraná, tristonha, espiando, espiando com nostalgia...

AS DUAS QUE NÃO BRINCARAM

No canto do salão duas "Marias Candelárias", que não pulavam, não cantavam, não se levantavam para o cordão. Diziam coisinhas, uma ao ouvido da outra, e riam baixinho, com tiques nervosos. Uma, menos moça do que a outra, guardava aquêle ar de masculinidade tão característico, mas a outra, bem feminina, era a que falava mais, aconchegando-se à companheira. E bebiam o vinho vivendo o seu mundo, dando ao baile uma nota diferente... Também elas existem aqui, não é privilégio dos cafés parisienses...



A pequena da camisa de malandro estava entusiasmada com o "brôto" que a tomara nos braços.



CARNAVAL PROIBIDO



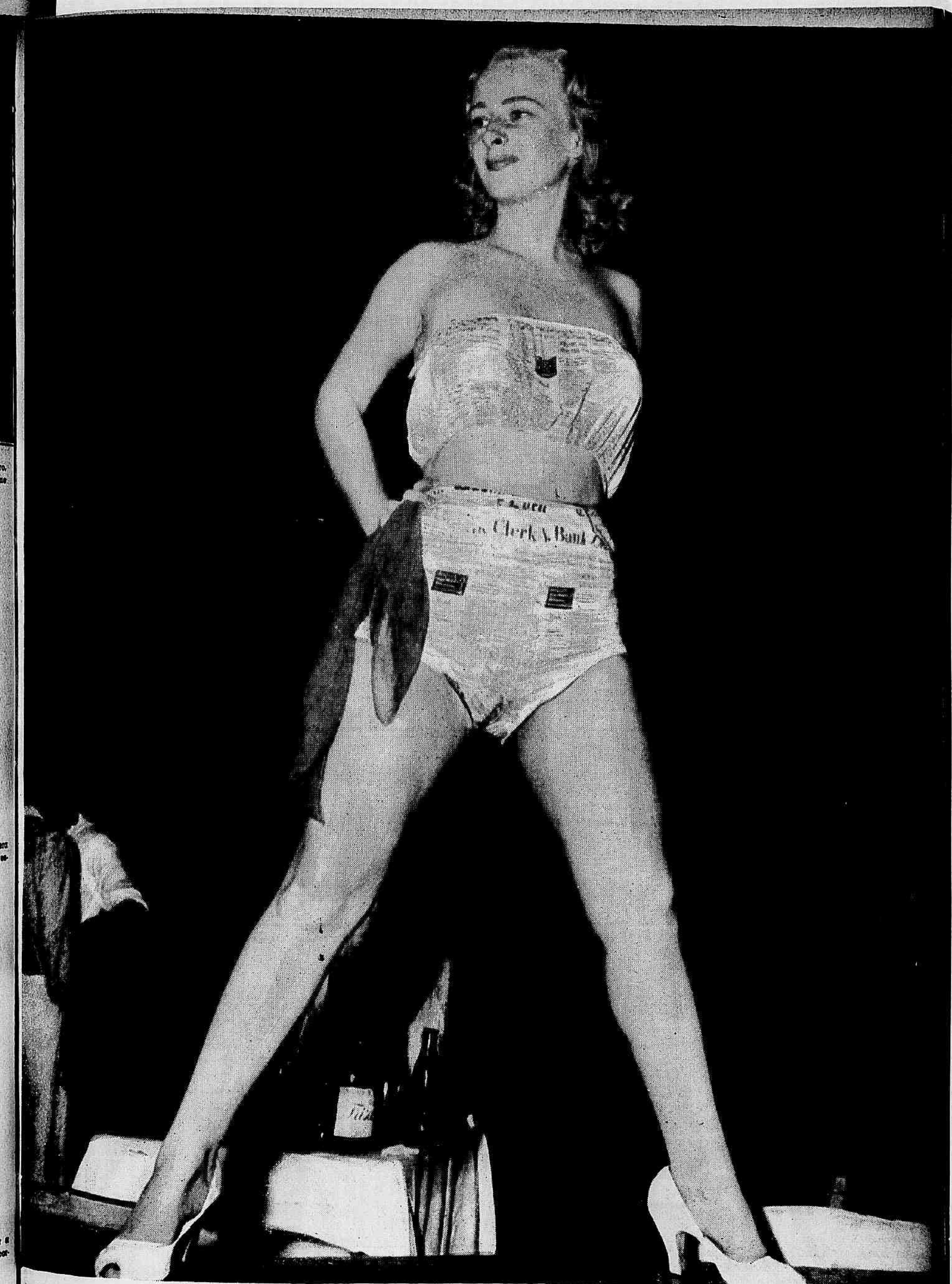
Um olhar quebrado, voluptuoso, um rosto colado, um braço que prendia como cadeia...



Carregar a parceira nos braços era o esporte favorito dos "gran-gôtes". E daí?



Quando êle chegou a esquecer a loucura do salão proibido é porque já estava ruinzinho.



Lilia, uma gaúcha tão inteligente como encantadora, apresentou-se vestida de Imprensa e fêz furor. Era uma imprensa leve, atra-

MODA —



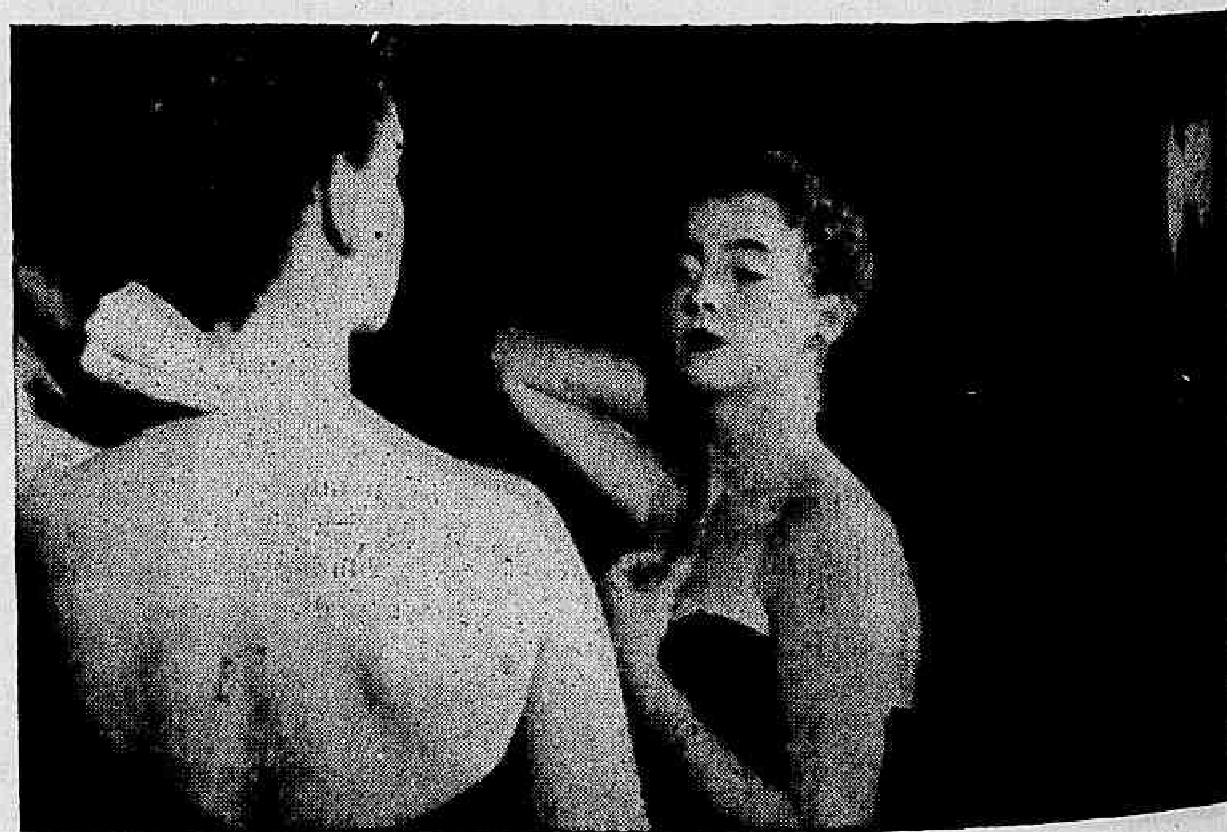
DA IMPORTÂNCIA DE USAR-SE UMA CAPA DE PELES EMBORA O TERMÔMETRO MARQUE 30° À SOMBRA

Reportagem de MILTON TIERRY
Fotografias de ALBERTO FERREIRA

A moda, imperatriz absoluta, amável ditadora com direitos também absolutos sôbre milhares de mu-res é também patrona de uma indústria rica e prós-ra, fator de turismo, arte e o inferno dêstes pacatos res que são os maridos. Também o Rio, como tantas tras metrópoles, possui sua indústria da moda. Gran-s joalheiros, costureiros, chapeleiros, desenhistas, lu-stas, criam e lançam a moda segundo os últimos pa-rões emanados da meca da moda que é Paris. A cada vio que atraca na praça Mauá, corresponde a resposta anciosas espectativas de milhares de cariocas elegantes e por êle, serão satisfeitas em sua vaidade. Perfumes de ucien Lelong, Patou, Chanel de todos os números, de 5 que é o mais famoso. Vestidos de Jacks Fath, tão quenos que cabem numa caixa de sapato porém mais ros que um trator agrícola. Plumas de tôdas as aves Universo. Jóias preparadas em laboratórios dos al-imistas modernos, artistas que com qualquer cristal o capazes de prepararem gemas capazes de ofuscar o moso colar da infeliz rainha Maria Antonieta.

Cada bolido de aço da Air France descarrega uma carga e é esperada com mais expectativa do que as notícias ternacionais — os figurinos: "L'Oficiel", "Vogue", "Be-té" pelo qual as crianças, que não podem ir à Paris, am conhecimento das últimas tendências. Bíblia al-ma será tão lida e tão comentada.

Também no Rio os ditadores da moda indígena go-m de largo prestígio, tendo uma opinião sua o mesmo lor de uma bula papal no século XV, para estas en-ntadoras doidivanas que Shopenhauer classificou "de lo animal de idéias curtas e cabelos longos". Mas como tá atrazado o grande filósofo, a moda agora é de cabe-s curtos, tão curtos como os de um adolescente, segun-o Antoine de Paris.



Preocupação tão importante como difícil: a escolha das jóias e adereços. Nas lojas elegantes as senhoras perdem um tempo enorme na escolha cuidadosa do que lhes agrada.

INFERNO DOS MARIDOS

detalhes


O FIGURINO

Se o leitor tiver a sorte (ou azar?) de ser solteiro não conhecerá por felicidade sua, os caprichos da moda. A importância no calendário elegante (e na conta do banco) da estação invernal. Da conveniência absoluta de uma "renard argentée" ou de uma "vison sauvage", que custa a bagatela de Cr$ 1.600.000,00 numa noite de junho no Teatro Municipal, embora o termômetro negue-se a reconhecer o inverno, marcando, implacàvelmente, 30°. Da absoluta importância do uso dos pequenos chapéus nesta estação embora ainda no mês passado êles parecessem "sombreros" mexicanos.

Ah! os chapéus, mais fácil será a teoria da relatividade de Einstein de que saber a hora exata e o momento exato que cada modêlo terá o seu lugar. Suas leis são caprichosas e volúveis. De manhã, palha; ao meio dia, feltro. À tarde crinol; à noite, plumas e "aigretes". Qual a elegante que não conhece Tavares ou Wolf, seus chapéus são capazes de encher a cabeça mais vazia e de esvaziar os bolsos mais cheios. Suas palavras são leis. Suas opiniões, dogmas. Quando vires, leitor, alguém com o belo chapéu emoldurando um belo rosto, pensa bem, no trabalho que muitos homens tiveram para conseguir aquilo que é tão deliciosamente levado à testa de uma cabecinha linda. O caçador de aves raras da Oceania; o pescador de pérolas do Japão; a humilde artesã cujo ordenado de um mês talvez não pagaria aquela pequena jóia.

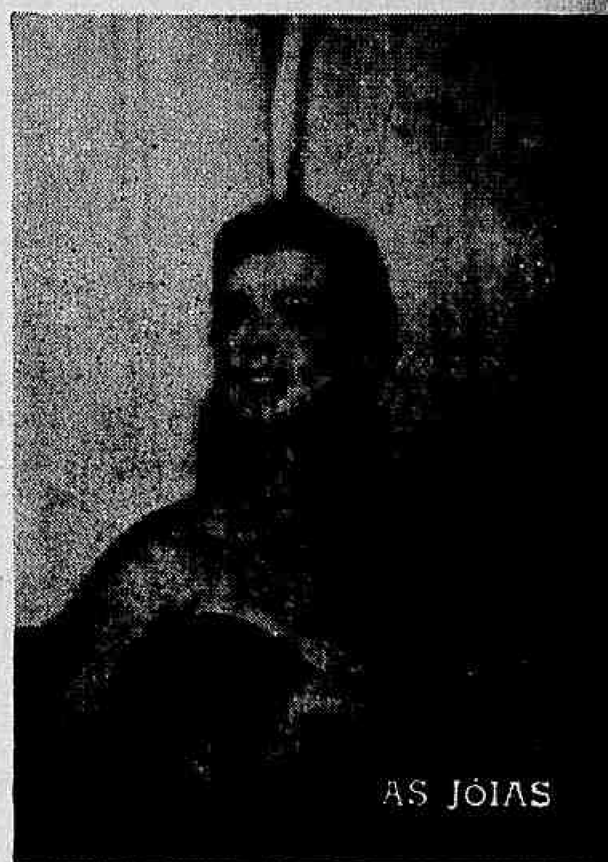

O CHAPÉU

Mas se o leitor fôr casado, penetrará então em um mundo completamente desconhecido onde o comprimento das saias é capaz de causar mais polêmicas do que o uso da bomba atômica causa na O.N.U. Nomes tais como: Balanciaga, Schiaparelli, Carven, Jean Dessès, Cristiam Dior, Marcel Rochas lhes serão familiares. Conhecerá então respeitáveis cidadãos como Voigt, Ortigão, Danubio, Jair, nomes mais fáceis do que os primeiros mais que representam o equivalente nacional. Constantemente ouvirá frases como esta que sem dúvida alguma o farão tremer: — Imagine você, meu bem, que a Cotinha mandou vir de Baris um modêlo de Rochas que é um amor; eu também...

Um desfile de modas (sim também há disto por aqui), é um acontecimento tão importante no calendário feminino que nem uma revolução abalaria. Vejamos como é isto: Em um salão ricamente decorado, com uma plataforma elevada e coberta de veludo emoldurada por 100 senhoras ávidas e palradeiras acompanhadas por 100 cavalheiros estáticos e mudos aguardam o desfile que por 3 meses regerá o guarda-roupa de madame. Eis que começa o desfile, lindas beldades, lindamente vestidas desfilam por entre a assistência agora muda e atenciosa. Madame suspira e Monsieur também suspira. Alguns cavalheiros solitários tomam nota: são os cronistas de modas. Fala-se francês, rescende Chanel. E o desfile continua. Sorrisos, suspiros, comentários. Êstes prazeres o leitor dificilmente conhecerá. Que me diz o leitor casado dos modelos vivos da Casa Canadá? (Cá p'ra nós, sem que madame nos ouça: "Umas Uvas".


O figurinista Voigt, famoso nesse complicado mundo de elegâncias, quando, surpreendido em seu atelier, retocava o desenho de uma sua criação.

Madame vai ao atelier do famoso Arnaldo Voigt, desenhista de modas exclusivo de um grupo de privilegiadas, para fazer uma encomenda de um modêlo "très chic" para o "sweepstake"; Monsieur espera pacientemente na saleta. Após duas horas de conspiração volta Madame com um sorriso vitorioso nos lábios e diz ainda com o mesmo sorriso: — Que achas, meu bem, dêste modêlo? E se Monsieur tem a coragem de achar alguma coisa que não deve, necessita o quanto antes matricular-se em um curso de reeducação estética (sob influência de Zodiaco) capaz de fazer o primário célebro masculino entender esta coisa tão deliciosamente simples que é — A Moda.


AS JÓIAS

Moda— inferno dos maridos



Monique exibe um vistoso modêlo de noite de Manguin, de uma grande loja carioca.



Arga exibe um modêlo de tarde, de Jacques Fath, onde se nota a linha estranha do casaco.

NOÇÃO DO TEMPO

Conto de ELIZABETH TAYLOR

QUANDO eu era criança, a idade das pessoas não tinham importância para mim; mas a velhice em si me impressionava. Não considerava as pessoas grandes que eu conhecia do ponto de vista da idade — tôdas me pareciam sem idade — e o tempo mesmo parecia não correr de ano para ano. Os natais ficavam distantes um do outro, os aniversários ainda mais; apesar de que a passagem do tempo fôsse incontestável por muitos indícios. Eu ia "saindo para fora" dos vestidos, segundo observava minha mãe. Quando andava pelos dez anos, passei a substituir muitas preferências em meu coração e a aplicar minha atenção a certas criaturas cuja personalidade me afetava de modo perturbador e delicioso.

Embora os anos me fizessem ràpidamente maior, como se plenos de apressado e *crescente* fervor, as estações perduravam. Os verões me embalavam em felicidade, infindàvelmente. O inverno não trazia promessas de primavera. Mas quando esta chegava, eu sentia que se instalara para sempre. Não receiava que uns poucos dias a furtassem de mim, e na verdade poucos dias eram muita coisa quando cada um dêles era interminável.

Nas férias de verão, quando íamos para o campo, a magia dos longos dias de agôsto se coloria e intensificava pela sedução da Sra. Vivaldi. Meu primeiro pensamento quando nos hospedávamos em Buckinghamshire era procurar um sinal da presença *dela* — por exemplo, um grande chapéu de jardim pendurado à entrada ou livros que eu já identificava. Se ela ia veranear ali, esclarecia, era para fazer provisão de "rusticidade" (palavra que ao ser pronunciada por ela punha um rubor de constrangimento nas senhoras donas da pensão, que a consideravam pejorativa); veraneava ali para ter uma folga das atrações de Londres; e tinha sempre um ar extremamente fatigado.

Lembro-me de muitas das roupas que usava, pois me pareciam diferentes e belas. Um enorme chapéu de pano grosso que tinha era surpreendentemente forrado de lamê dourado, o que iluminava estranhamente seu rosto pálido. À noite, panejamentos bordados com contas de aço pendiam pesados e soltos de sua cintura, afastando-se e batendo-se no corpo quando ela andava. Não se contentava de chamar apenas a atenção do olhar, com suas écharpes adejantes, suas franjas e seus vidrilhos, mas despertava ainda outros sentidos, com perfumes de cravo e jasmim, com o fru-fru das saias de moiré e o chocalhar de grossas pulseiras de âmbar e marfim. Certa vez, quando nos achávamos sentadas no jardim, por uma tarde calma, ela apertou uma das mãos para deslizar por ela as pulseiras, experimentando-as no meu braço. Estavam quentes e eram pesadas, vivas como carne. Considerei que a situação seria agradável para recordar mas achei-a insustentável na ocasião. Embaraçada, sentindo-me inadequada, rodei um pouco as pulseiras no meu braço; ela havia já fechado os olhos.

Compreendo hoje que então ela não era mais muito jovem. Sua linda cabeleira, de um louro cinzento, ia ficando com menos louro e mais cinza; seu rosto muito empoado tinha rugas. Mas naquela época eu não lhe atribuía nenhuma idade. Seguia-a pela casa e pelo jardim, prêsa de sua sedução, desejando eu também deixar nela a minha marca.

Uma noite, no salão, ela declamou, para os hóspedes reunidos, a cena do balcão de Romeu e Julieta — as três partes — sentada na ponta do sofá, com seus colares de pérolas enfiados pelos dedos, seus sapatos bronzeados de ponta fina muito unidos. Outra noite, na mesma sala, ligou o rádio e colocou os fones em meus ouvidos (pedaços de esponja aliviavam a pressão) e de muito longe, através de uma atmosfera de tinidos, interferências e estalos, ouvi Edith Sitwell recitando por um megafone. A Sra. Vivaldi ressaltou para mim a qualidade histórica do momento. Ela me transmitiu a noção de que as ocasiões históricas são raras e de um certo modo se concatenam. Daí para cá, a vida tem sido para mim um momento histórico após outro, mas daquela cena eu me recordo vivamente, na sala iluminada, com seus lindos objetos de porcelana. As duas senhoras donas da pensão pertenciam a uma família que já tivera prestígio social e conservavam relíquias Crown Derby que enchiam algumas prateleiras. O aparelho de rádio, com seus cabos e fios, ficava sôbre uma mesa de mosaico contra a qual meu irmão esbarrou um dia, quebrando-a. A mesa se desfez pràticamente em pó e minha mãe chorou. A Sra. Vivaldi levou-a depois para passear no jardim. Fiquei olhando-as enquanto iam se afastando sob as arcadas de roseiras, uma cabeça loura e outra negra, ambas muito altas. Achei que pareciam verdadeiras senhoras de um livro de Miss Braddon.

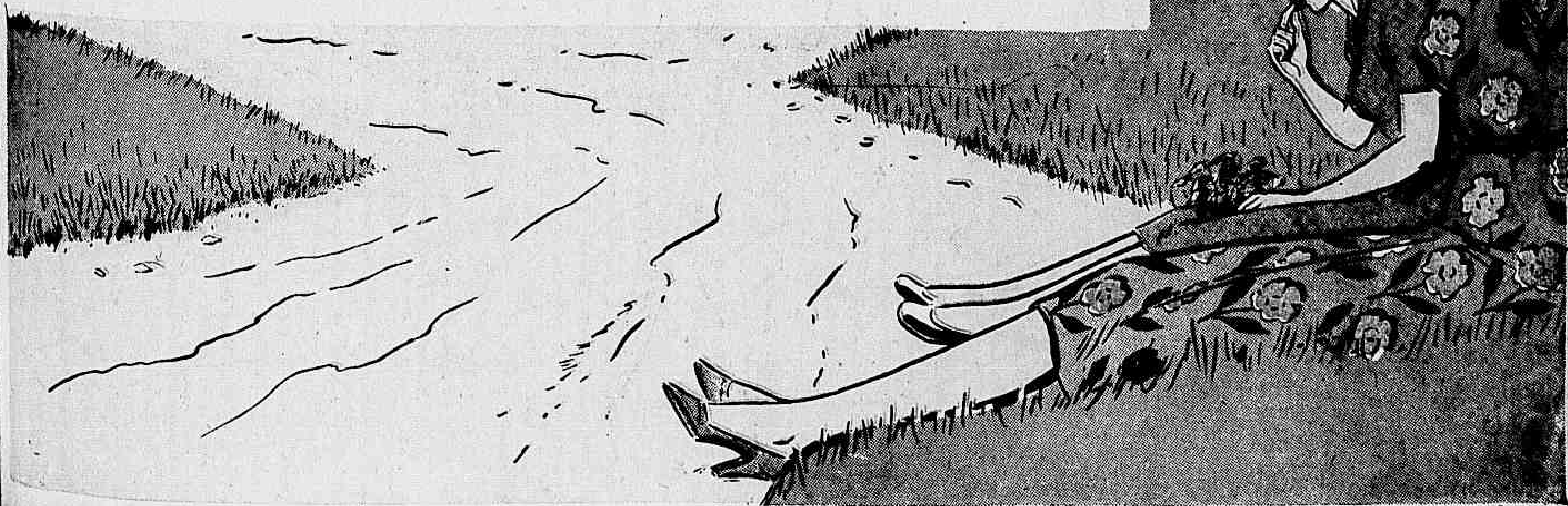
Uma tarde eu estava só na sala de jantar qaundo a Sra. Vivaldi chegou do jardim com uma cesta de ervilhas de cheiro. Como se o calor sùbitamente lhe fôsse insuportável, ela se sentou, muito rígida, numa poltrona, com a cesta ao lado, e fechou os olhos.

Na sala estava fresco e havia pouca luz, tendo sido descidas as persianas para que não desbotasse o tapête já gasto. A casa dava a impressão de uma concha funda; sua vida apagada e triste se escoara para o jardim, para o gramado de croquet, para a sombra do pé de amora, onde vultos idosos se esparramavam em cadeiras espreguiçadeiras, meio cobertos por jornais.

Sabia que a Sra. Vivaldi não me havia visto. Eu estava lendo, sentada no chão, com o meu jeito desgracioso, o corpo enroscado e os cotovelos e o livro amparados no assento de uma cadeira. Ali, no meio dos pés dos móveis, eu parecia apenas mais um traste na sala com excesso

(*Cont. na pág.* 50)

Ilustração de RENATO SOUZA





PASSEIO

De marcante simplicidade são êstes elegantes e sugestivos modelos que apresentamos nestas duas páginas, para a apreciação do seu indiscutível bom gôsto


Flame of Araby
Con
Jeff
Chandler
Maureen
O'Hara













SONHOS DE GLÓRIA













Cinema

leon eliachar

NAS TELAS

A SEREIA E O SABIDO
(TEXAS CARNIVAL — Metro)


metro de sabedoria

A Metro tem suas fórmulas para os filmes musicais e tem se dado muito bem: piadas, música, um bom cômico, um canastrão, um ás da dança — e uma história «diferente». O cômico, no caso é Red Skelton, que, infelizmente, só tem alguns momentos felizes, repetindo gags e situações de outras fitas anteriores. O canastrão é Howard Keel, que canta sob qualquer pretexto e até mesmo sem pretexto algum. Ann Miller é a sapateadora espetacular de quem já estávamos com saudades; um número seu é um verdadeiro show — de dança e de pernas! O score musical é fraco e as piadas são comuns, com exceção de alguns gags bem inteligentes. E quase esque-…s de Esther Williams, que aparece num bailado, no sonho de Howard Keel, feito sob …cesso de superposição — mas de grande efeito. A piscina aparece aqui, como figura …ativa, pois não há bailados aquáticos — o que coloca Esther completamente deslocada. … d'água, amigos, ela quase morre afogada. Excetuando-se o que há de ruim, sempre … alguma coisa que pode divertir. Aos pouco exigentes, claro.

FRANCIS NAS CORRIDAS
(FRANCIS GOES TO THE RACES — U-International)


…uem é o mulo?

A sátira é um dos bons caminhos da comédia e muito se tem aproveitado disso o cinema. Mas Arthur Lubin não envereda por êsse caminho quando explora «Francis», êsse mulo que fala, como aliás fala a maioria dos mulos que estão no cinema. Com a diferença que Francis tem quatro pernas — aproveitando a piada da própria fita. Franciso estêve na guerra em «E o Mulo Falou», ao lado de Donald O'Connor — e isso serviu para provar que O'Connor é muito mais mulo que o próprio mulo. O «nonsense» é explorado, muito raras vêzes, com felicidade; o mais são disparates mal aproveitados. Não é preciso dizer que Francis rouba tôdas as cenas e isso graças, …rande parte, à voz que lhe é emprestada por algum rádio-ator de renome do rádio-…o norte-americano. Podia-se perfeitamente satirizar os processos de jôgo em corridas …valos, as «barbadas» que perdem e os «azares» que ganham. Os palpiteiros misteriosos …oem fortunas dos crédulos. O motivo é excelente e daria um grande filme. O que resta … espetáculo medíocre, mas que não chega completamente a ser insuportável.

FLECHAS DE VINGANÇA
(APACHE DRUMS — U-International)


Errou o alvo

Hugo Fregonese, diretor argentino, dirigiu êsse espetáculo de índios nos Estados Unidos, com capital, maquinaria e tecnicolor americanos. Os atores são Stephen McNally, Collen Gray, Willard Parker, Arthur Shields e Armando Silvestre — nada havendo de especial que se destaque em suas atuações. A história é aquela de sempre que todos conhecem e alguns mesmo já sabem de cor. Sim, existe o cêrco da choupana, as flechas de fogo para justificar o título em português, os homens que resistem até à morte. Nesse cêrco, com os tambores batendo surdamente no silêncio da expectativa, Fregonese tira alguns bons momentos — justiça se lhe faça. Sua câmara …ha as fisionomias de mêdo e de resignação do grupo de homens e mulheres que aguar-…a morte a qualquer momento. Pelas aberturas lá do alto, um índio salta para dentro, …or outra, sendo fulminado por um tiro certeiro ou, quando muito, após uma luta …ral sanguinária. Sòmente nesses momentos, Fregonese consegue manter um suspense …latéia — enquanto os tambores continuam batendo, batendo, batendo. Chega.

ESPADA CONTRA ESPADA
(THE RELUCTANT WINDOW — U-International)


Dá para amolar

O argumento dêsse filme parecia, de início, ser interessante — mas à medida que a narrativa prossegue a história vai se tornando folhetinesca. Há um casamento em menos de um minuto, de uma moça com um desconhecido que lhe deixa uma enorme fortuna como herança. Êsse casamento repentino foi provocado pelo irmão da vítima, que, já moribundo, disse que mataria o irmão caso não se casasse para deixar a herança a outra pessoa, estranha à família. Um tanto complexo, verdade, mas no filme o diretor Bernard Knowles, apesar de medíocre, faz o possível para tornar tudo claro. Claro apenas para os espectadores, uma vez que os personagens parecem …uras perdidas dentro de um cenário incompreensível. Há também uma luta de espada …iva (é aqui que entra o título) e dá a vitória ao mocinho (como vocês já adivinharam) … fica com a mocinha, com quem se casa. E desta vez é êle quem papa a herança. No …o estão Jean Kent, Guy Rolph, Kathleen Byron, Paul Dupuis, Lana Morris e Julian …as. Informação: filme inglês. Curiosidade: não vale a pena.

FLASHES MUNDIAIS

França

- "Adoráveis criaturas" é o novo filme de Christian Jacque. No elenco, figuram cinco mulheres: Edwige Geuillère, Danielle Darrieux, Martine Carol, Antonella Lualdi — que Jacque descobriu em Roma — e Renée Faure, que é sua própria espôsa. Apenas um varão: Daniel Gélin.
- Sam Zimbalist viajou até Paris a fim de consultar as altas autoridades francesas sôbre a filmagem de "Mocambo", na África Equatorial Francesa. Essa película seria iniciada no comêço da primavera. Seria também o próximo trabalho de Clark Gable.

Estados Unidos

- Maria Tallchief, primeira bailarina do Ballet da Cidade de Nova York, compareceu diante das câmaras para representar o papel da célebre Pavlova na película da Metro-Goldwyin-Mayer "The One Piece Bathing Suit".
- Barry Sullivan e Dick Powell foram escolhidos para papéis-chaves em "Tribute to a Bad Man", filme estrelado por Lana Turner e Kirk Douglas. A película, ora em preparativos, é uma produção de John Houseman e será dirigida por Vincente Minnelli.
- Zsa Zsa Gabor regressou aos estúdios da M.G.M. a fim de começar os ensaios com Jean Pierre Aumont para o filme "Lili", que Charles Walters dirigirá. Nessa nova produção de Edwin H. Knopf também aparecerão Leslie Caron, Mel Ferrer e Kurt Kassnar.
- Eleonor Parker está-se tornando escritora — e ilustradora — para uma série de livros infantis. A estrêla, que concluiu recentemente de filmar "Scaramouche", onde aparece com Stewart Granger está pasando seu tempo de folga fazendo uma história ilustrada, usando animais em lugar de sêres humanos. Miss Parker descobriu que suas filhinhas (Susan e Sharon) vibram de entusiasmo ante os personagens fictícios que ela usará em seus livros, sem texto, para as crianças que ainda não sabem ler.
- Quatro homens e uma pequena, que comporão todo o elenco de "The Naked Spur" da M.G.M., estão se preparando para passar maus bocados, de acôrdo com o produtor William H. Wright. A película será rodada na próxima primavera inteiramente em locação, nas agrestes High Sierras. O pessoal do "cast" e da parte técnica terão que viver em barracas de lona durante a filmagem, afastados milhas de qualquer edifício, até mesmo de uma cabana ou casa de fazenda. Harold Jack Bloom e Sam Rolfe estão escrevendo o argumento, baseado numa história original de sua própria autoria.

Alemanha

- Gene Kelly e Pier Angeli foram filmados na mansão alpina de Hitler, em Berchtesgaden, na Alemanha. Ao contrário do que informaram os jornais de que os edifícios haviam sido destruídos, os mesmos existem e estão sendo usados para cenas de "The Devil Makes Three". Kelly, Miss Angeli, Richard Egan, os atores alemães Claus Clausen e Michael Tellering, o diretor Andrew Marton e o produtor Richard Goldstone partiram de Munich para filmarem na célebre mansão montanhesa. Entretanto, segundo o acôrdo firmado entre as autoridades militares norte-americanas e o govêrno alemão, as construções serão em breve demolidas, para aproveitamento de material, conforme exige o programa de edificações traçado para a Alemanha.

Inglaterra

- Robert Taylor canta pela primeira vez na tela, na produção tecnicolor da M.G.M., "Ivanhoe", em que êle desempenha o personagem-título. Taylor canta "A Canção de Ivanhoe", composta por Miklos Rozsa, autor da partitura da película que foi realizada na Inglaterra. A canção é baseada em refrãos saxônicos e normandos do século XII.

JOGUEI MINHA MULHER



Let's Make It Legal

ELENCO:

Miriam	Claudette Colber
Hugh	Macdonald Care
Victor	Zachary Scott
Barbara Denham	Barbara Bates
Jerry Denham	Robert Wagner
Joyce	Marilyn Monroe

Argumento de F. Hugh Herbert e I. A. L Diamond ★ Produção de Robert Bassle para a 20th Century Fox ★ Diretor RICHARD SALE

EMBORA Miriam Halsworth e seu marid Hugh estejam se divorciando, depois d 20 anos de casados, êles são ainda bons cama radas. Hugh, diretor de publicidade de u elegante hotel, guarda algumas de suas rou pas em casa de Miriam e aparece lá práti camente todos os dias sob o pretexto de ve suas preciosas plantas. O que levou Miriam requerer divórcio contra o seu marido fo ser êste último um incorrigível jogador.

O divórcio só deveria ser pronunciado n dia em que começa a nossa história e, a filh dos Halsworth, Barbara Denham, que com o seu marido Jerry, mora com sua mãe, fa o possível para reconciliar seus pais. Barbar e Jerry têm uma filhinha de um ano de ida



Vinte anos depois

Annabella, o que faz de Miriam uma avó, uma avó, porém, cessivamente atraente cujas formas são tão interessantes quanto de sua filha.

Jerry é o assistente de Hugh o que faz com que as coisas se mantham em família, em bases muito íntimas.

Bárbara deseja continuar a viver com sua mãe indefinidamente, r ser isto muito conveniente para ela, uma vez que Miriam toma re si o encargo de Annabella. Jerry, porém, deseja se mudar o que possível e os dois estão sempre discutindo sôbre êste ponto bem que, de maneira amigável.

famoso industrial, Victor Macfarid, hospeda-se no hotel de Hugh. não é sòmente um milionário s também um atraente solteirão, do visto por todos como o mer partido imaginável.



ugh não fica muito impressiona- Êle e Victor haviam crescido tos e cortejado, mais tarde, a sma moça — Miriam, tornando- grandes rivais na conquista da ição desta última, até o dia em , sem nenhuma explicação, Victor aparecera subitamente, deixando ampo livre ao seu rival. A atitude Victor foi sempre um enigma a Miriam. Hugh sabia o moti- desta retirada mas jamais lhe tara. A corrente de chave que traz sempre consigo e da qual dem dois dados parece ser a chave do mistério. Victor não ha-, de forma alguma esquecido Miriam e fica satisfeito com a noa de que ela em breve estaria livre de Hugh. Nessa mesma te Hugh vai à casa de Miriam convidá-la para jantar. Em meria aos velhos tempos, Miriam aceita e êles estão quase de saída ndo Victor aparece, dizendo que viera na esperança de que Mim pudesse sair para jantar com êle.

iriam resolve o seu dilema convidando ambos para ficarem em a e jantarem com ela. Embora ela não tenha perdoado Victor a sua inexplicável fuga, Miriam não deseja ser indelicada... ndo Barbara percebe o rumo que as coisas estão tomando, fica lado de seu pai enquanto Jerry, que pensa que Victor seria um no partido para sua sogra, toma o partido dêste. Durante a vi-, Hugh tira Annabella de seu berço e a traz para a sala. Se Vic- ficou surpreendido ao saber que Miriam era uma avó, não o nonstrou, pelo contrário, elogiou Miriam por ter encontrado o rêdo da eterna juventude. Na manhã seguinte, o divórcio é prociado. Victor resolve ficar na cidade até ter notícias de Washington sôbre a confirmação do senado a respeito de sua escolha para um convênio monetário internacional — escolha esta em que êle está empenhado, uma vez que é agora bastante rico para se permitir a tais atividades.

Victor cerca Miriam de tôdas as atenções possíveis, fazendo-lhe a vida muito agradável. Êles são vistos juntos em tôda parte. Hugh para matar o tempo passa suas horas de lazer com Joyce Mannering, um modêlo que êle usava de vez em quando em sua publicidade.

Hugh não fica cego ao que se está passando e previne Mariam de que Victor não deve ser levado a sério, que êle está apenas se divertindo com as suas emoções. Isto enfurece a Miriam que da comêço a uma deliberada campanha para fazer Victor levá-la ao altar.

Para completa surprêsa de Hugh, Victor pede Miriam em casamento e com a cerimônia a se realizar dentro de três dias. Na véspera do casamento, Victor recebe o tão anciosamente esperado chamado de Washington. Êle tem que partir imediatamente e persuade Miriam a ir encontrá-lo em Washington, onde êles poderão ser casados pelo amigo íntimo de Victor, o Chefe de Justiça de Suprema Côrte.

Miriam vai ao embarque de Victor e sòmente então êle explica, por insistência desta, porque êle partira tão sùbtamente naquele dia fatídico, cêrca de vinte anos atrás. Miriam fica furiosa, não com Victor mas com Hugh, ao saber do que se passara. Ela telefona a Hugh e sem mais delongas o chama de criatura baixa e vil. Em sua fúria ela até o ameaça de destruir as suas queridas roseiras...

Esta ameaça não é uma coisa que o nosso amigo possa encarar friamente. Protegido pela escuridão da noite, êle vai acompanhado de dois homens roubar as suas preciosas plantas.

Por falta de sorte, o carro da polícia aparece nesse momento. Jerry telefona à Barbara pedindo que esta vá identificá-lo a fim de que êle seja pôsto em liberdade.

Na manhã seguinte, todos os jornais trazem estampada a notícia: — "ESPÔSA PAGA FIANÇA PARA SEU EX-ESPÔSO QUANDO ÊSTE FOI SURPREENDIDO ROUBANDO ROSEIRAS" e, mais adiante: — "A NOIVA DE MACFARLAND ENVOLVIDA NUM DRAMA A MEIA-NOITE QUANDO SEU EX-MARIDO FOI PRÊSO".





ada ela descobriu que fôra ganha num jôgo de dados...





Um dia na vida de Paris com alguns personagens marcados pelo destino e que encontrarão, êste a esperança, aquêle a felicidade, outros a morte. Tristes ou alegres, essas pequenas histórias, a maior parte das quais se entrecruzam, são extremamente apaixonantes e oferecem uma visão assaz atrativa da capital francesa. Paris, a grande cidade, com sua febre de todos os instantes, seu ritmo impiedoso e também a poesia de suas ruas, de suas praças, de seu cais, de suas casas. Paris que tornará mais atraente e mais verdadeira a emoção daquele e daquelas dos quais conhecemos pouco os desejos e inquietudes.

PARIS ATRAVÉS DO CINEMA

O QUE É A ÚLTIMA REALIZAÇÃO DE JULIEN DUVIVIER ★ A EXEMPLO DE LUCCIANO EMMER, EM "DOMENNICA D'AGÔSTO", O FAMOSO REALIZADOR DE "CARNET DE BAILE" FÊZ UM BELO FILME ★ A VOLTA DE BRIGITTE

Texto de JEAN DELMAR

Fotos "França Filmes"

Paris, abril (por via aérea).

DARÁ o cinema aos seus grandes homens essa graça particular às artes plásticas, que consiste em não envelhecer, ou antes em abrilhantar-se cada vez mais na medida em que passam os anos? Estaríamos tentados a pensá-lo, reconhecendo na última obra dêsse veterano do filme francês, que é Julien Duvivier uma de suas realizações mais impregnadas de poesia. Se pessoalmente preferimos "Pepé Le Moko" (1936), "SINFONIA DE UMA CIDADE" (Sous le Ciel de Paris) nos parece superior às suas obras entretanto marcantes que foram "Poon de Carotte" (1932), "La Bandera" (1935), "Un Carnet de Bal" (1937), "La Fin du Jour" (1939), sem falar, naturalmente, das decepcionantes películas rodadas depois p Duvivier nos Estados Unidos, na Inglaterra ou na França. Um comentário risonho, onde se reconhece o espírito d Henri Jeanson, e què François Périer diz com bastant humor, acompanha uma história cada vez menos anódin e muito em breve trágica. O início é todo de um film côr de rosa. Precisamos de algum tempo para domin



O MINUTO QUE NÃO PASSA



OS INSTANTES PERDIDOS



QUAL SERÁ O FUTURO?

nossa surprêsa ao descobrirmos que um dos principais encantos da obra reside nesse contraponto inesperado de um narrador displicente com uma intriga dramática. Enquanto nos comovemos, nos enternecemos ou nos alarmamos, um cavalheiro com ares de que não se deixa lograr conta à sua maneira acontecimentos que a seus olhos nada encerram de sério. Assim, essa ironia, de que está continuamente dublada uma história por vêzes um pouco convencional, nos dispensa de fazermos pessoalmente a correção, em sã consciência esquecidos do folhetim e sentindo apenas o sabor do romance. Essa voz narradora que não se espanta nem se perturba aos momentos mais chocantes, aos mais espantosos espetáculos, é a própria voz de Paris sobrevivendo com indiferença, através dos séculos, a tantas venturas e tantos lutos indefinidamente recomeçados. Há, entretanto, graças às imagens, a feliz e não menos verdadeira segunda voz das recordações. E' talvez êsse vestígio do amor e do sofrimento dos homens que dá à nossa cidade o seu encanto dorido, como se a leveza de seu céu e o cinza de suas pedras vièssem pouco a pouco sendo impregnados dêsse imponderável. Com a colaboração, pois, do maravilhoso fotógrafo Nicolas Hayer, conta Julien Duvivier, acima de tudo, a cidade de Paris. Não a dos postais para turistas. As imagens aqui são invulgares, seja quanto aos ângulos (por exemplo, de baixo para cima, a partir do Sena), seja quanto aos recantos (o cáis de Bercy e a Halle dos vinhos não são lugares comuns na iconografia parisiense). A capital não figura desta vez como simples pano de fundo, à imitação de "Sans laisser d'adresse", nem tão pouco substituida por um cenário a exemplo de "Les Portes de La Nuit". Um poeta afronta-a face a face em um combate que se assemêlha ao do amor, colocando-a no coração de um assunto que, sem ela, perderia a sua razão de existir. Ainda mesmo os raros personagens que se poderia conceber vivendo em outro lugar, perderiam com êsse deslocamento a impalpável densidade que lhes imprime aqui o seu caráter autêntico. E assim Paris se coloca ao centro das diversas aventuras que nos são relatadas sem percebermos a princípio os que as aparenta umas às outras, até o momento em que êsses homens e essas mulheres desconhecidos entre si, pertencentes a diferentes meios, cujas vidas não pareciam passíveis de qualquer contato, entrelaçam, de súbito, os seus destinos. Foi tudo obra do acaso, mas de um acaso muito parecido com a fatalidade. Censurou-se o argumento por sua inverossimilhança. Dizia-se que não há, em Paris, tôdas as manhãs, um assassino a perambular sob as abóbadas da praça dos Vosges; que a ninguém acontece ganhar na loteria e daí a pouco ver a morte interceptar-lhe os passos; que não é, obrigatòriamente, no momento em que tôda a família o espera para uma festa de aniversário que um pobre trabalhador perece de um tiro de revólver. Nada, porém, de tudo isso é impossível. O que pode constranger é a multiplicação de casos excepcionais. Êstes se reproduzem, entretanto, quotidianamente o assaz numerosos. Nas vinte e quatro horas de um único dia parisiense (tempo real escolhido por Duvivier para traçar a sua narrativa), vêm ao nosso encontro, no belo ou no horrível, matéria para vários filmes semelhantes ao seu. Os censores de SINFONIA DE UMA CIDADE ignoram a pròpria natureza da obra de arte, que é ligar em feixe as colheitas do acaso. E' um fato que o indivíduo a quem suceder um acidente ao cair da noite e aquêle que dêsse acidente será responsável levaram até então, cada qual de seu lado, vidas autônomas, sem suspeitarem de que a inelutável curva do destino faria de suas vidas encruzilhadá no justo momento em que êsse encontro seria funesto. Nada impediria um artista de seguir essas duas existências desconhecidas entre si, acrescentando-lhes outras também destinadas a morrer ou a viver mercê da influência boa ou má de cada uma. Conhecendo o ponto de convergência dêsses tensos fios do destino, Duvivier, antes de começar seu relato, desmonta a complicada maquinaria da morte e do amor. Quer isto dizer que recua no tempo e estaca num certo ponto a partir do qual escolhe onde principiar a sua história. Daí pode-se dizer que não lhe resta senão seguir o fio condutor. Recusar-lhe êsse postulado é privar-se de belas emoções; basta-nos, ao contrário, aceitá-lo para que tudo quanto vemos e ouvimos nos pareça da mais pura credibilidade. E' um postulado talvez inconcebível para o homem prêso ao racionalismo do nosso tempo, mas não para o artista livre, criador que não deve nada a ninguém. Da história de Julien Duvivier é fôrça admirar a rigorosa articulação que a sustenta. No momento mesmo em que, graças à sensibilidade e ao crescimento das imagens, nos sentimos encantados por essa insubstituível arte plástica que é o cinema, redescobrimos o seu poder dialético, de cuja essência surgem para a narrativa dramática novas possibilidades de expressão. Unidade de lugar, unidade de tempo e, nascida de tôdas essas ações dispersas, a inesperada unidade de ação de um acontecimento final que lhe dá uma razão de ser. Eis, pois, a tragédia quotidiana de Paris, tragédia que também é comédia em seu intercalado permanente de lágrimas e risos, dualismo por vêzes melodramático, é certo, mas que constitui uma das dimensões da poesia. Os atores são todos excelentes. Não citarei mais de dois, os menos conhecidos e os mais se credenciam a uma próxima celebridade: a encantadora Christiane Lénier, cujo maravilhoso semblante desperta em nós a alma muito mais que os sentimentos, e sobretudo êsse ator admirável, êsse grande ator francês de amanhã: Daniel Ivernel.









TUDO PODE acontecer em Paris, durante as vinte e quatro horas de um dia. Julien Duvivier conseguiu fixar bem o espírito dessa grande metrópole, num espetáculo impressionante, pela sua crueza, sinceridade e humanidade. Os dramas se entrecruzam, aqui, de forma natural e espontânea.

O guarda-chuva e alguns mistérios

— Se fôr mulher, vai se chamar Dominique e eu mesmo lhe ensinarei a andar de guarda-chuva.

Assim se manifestava, em expectativa encantada, um dos meus amigos europeus, cuja espôsa estava para dar à luz pela primeira vez.

Nascida a criança, uma menina, recebi a visita de outro amigo europeu, do mesmo grupo. Perguntou-me pelo jovem casal que aguardava a cegonha e eu lhe dei a notícia do nascimento, na véspera, de uma garôta que prometia ser linda, adiantando como se chamaria.

— Ah! Dominique! Belo nome, que fica muito bem a uma altiva e elegante mulher, dessas que sabem andar de guarda-chuva.

Fiquei impressionadíssima. Minha ignorância a respeito de inúmeros assuntos sempre me assombra. Não tinha a menor idéia de que o nome de Dominique suscitasse infalivelmente em pelo menos duas pessoas diferentes a associação de guarda-chuva e elegância.

— Como? — não pude deixar de indagar. — Para que o guarda-chuva?

— Porque Dominique deve ser uma mulher que caminhe assim...

E o meu surpreendente amigo fêz uma demonstração atravessando a sala numa pose empinada e desdenhosa, com um braço atirado para o lado e a mão na posição de um mestre de cerimônias que empunhasse o antigo bastão do cargo. Estava ridículo, mas compreendi o que queria significar. Realmente, uma mulher de fato elegante pode ganhar muito com o requinte, muito sutil, com que saiba sublinhar com um guarda-chuva a sua passagem.

(A minha aceitação do guarda-chuva como arma e prova de elegância não impediu que ao sair o visitante eu corresse ao Larousse a fim de procurar uma possível explicação erudita para o corolário Dominique-guarda-chuva. Achei na letra "D": "*Dominicaine*, república", "*dominical*, do latim *dominicalis*, de *dominus*, senhor", "*dominici*", "*Dominikowice*", "*dominion*, palavra inglêsa significando soberania", finalmente "*dominique*": substantivo comum masculino, expressão com que os marinheiros franceses designam a caixa de bordo; e mais "*dominiques*": ilha inglêsa, homens, santos, arquiteto famoso e até um romance de Eugène Fromentin — nada de mulher, nem elegância, nem muito menos guarda-chuva. Para a minha ignorância, em diversos assuntos, constato seguidamente que não bastam dicionários, mesmo quando pacientemente passo do Larousse para o Webster e a Enciclopédia Britânica. Enfim, recorri ainda, numa última tentativa, a guarda-chuva, "*parapluie*" no mesmo pai-dos-burros que eu manuseava. Segundo a flor da sabedoria que "semeia por todos os ventos", o guarda-chuva surgiu entre os chineses, egípcios e assírios e era então reservado ao uso dos soberanos; depois reapareceu no século XVI, na França. Soberanos e França, vaga sugestão de pose e elegância, mas nada que me elucidasse em definitivo sôbre a relação entre o nome feminino de Dominique e guarda-chuva. *(Cont. na pág. 46)*

Vania mostra "poisson d'or", criação de Jacques Griffe: blusa de mousseline estampada em prêto, verde e branco sobreposta a uma outra em cetim de estampado idêntico, ao qual se acrescentou o tom amarelo-dourado. Veja a leitora, no próximo número, a reportagem que daremos sôbre o desfile de modas da Casa Canadá, no qual colhemos êste modêlo



Suntuoso modêlo de Jacques Fath, em veludo bordado com brilhantes e fio de lã sôbre saia de tulle

A RÁDIO CANADÁ FALA PARA O BRASIL

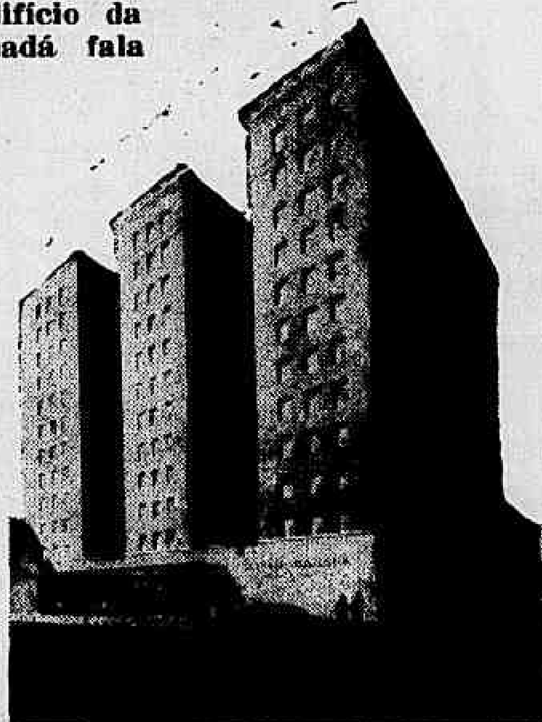
Notícias — Música — Rádio-Teatro
Diàriamente das 21,00 às 22,00 horas
(hora do Rio de Janeiro)

CKCX — 15,19 mcs., 19,75 metros.
CHOL — 11,72 mcs., 25,60 metros.



Em cima: Enquanto observa Montreal, a maior cidade do Canadá, J. H. Oliveira da Rádio Canadá, descreve a cena aos ouvintes brasileiros. Em baixo: Hall do novo edifício da Rádio Canadá em Montreal, moderno centro radiofônico canadense.





A direita: Vista exterior do edifício da Rádio Canadá, do qual o Canadá fala ao mundo em catorze línguas.

O Serviço Internacional da Rádio Canadá terá o maior prazer em enviar aos ouvintes um boletim de seus programas e o folheto ilustrado "Canadá de Oceano a Oceano". Para receber, grátis, essas publicações, é bastante preencher o coupon a baixo.

Embaixada do Canadá
Avenida Presidente Wilson, 165
Rio de Janeiro.

Gostaria de receber grátis, um exemplar de «Canadá de Oceano a Oceano», e o boletim mensal de programas da Rádio Canadá.

(Nome)

(Rua e número)

(Cidade e Estado)

RÁDIO CANADÁ BOX 7000, MONTREAL

GRANDE GESTO



O Sr. Walter Moreira Sales tem uma bela e nova casa e o seu jovem coração é grande. A casa, projetada pelo arquiteto Olavo Redig de Campos, é uma obra-prima de bom-gôsto moderno e exerce compreensível atração sôbre os componentes do nosso círculo social; e do generoso coração de seu dono as damas da sociedade que se dedicam aos trabalhos caritativos não se encabulam de abusar.

As senhoras que mais de perto cercam D. Alzira Vargas do Amaral Peixoto haviam solicitado à espôsa do governador do Estado do Rio que aceitasse o patrocínio de uma grandiosa festa em benefício da Maternidade de Petrópolis. Essa festa estava sendo planejada com requintes e se deveria realizar, a pedido, na residência do Sr. Moreira Sales.

A preparação do acontecimento já ia adiantada. Seriam tantas as "patronesses" que estas somariam a quase totalidade das representantes de nossas primeiras famílias e que alguém já imaginara que, assim sendo, sobravam poucas damas a serem convidadas para o comparecimento à festa.

Apesar da garantia de sucesso constituída pelos nomes das "patronesses", estava ainda sendo elaborada uma campanha de publicidade da grande prova de benemerência, havendo sido convidados colunistas e cronistas de destaque os mais importantes órgãos da imprensa carioca. Os jornalistas em questão se reuniriam, por amável convite, num cocktail oferecido pela Sra. Márcio de Mello Franco Alves, com a assistência imediata da Sra. Alberto de Araújo Guimarães. Tendo aceito prazeirosamente a mobilização, já o Sr. Augusto Frederico Schmidt se pusera a postos para redigir um comovente apêlo, o Sr. Gilberto Trompowski preparara o lápis de extraordinário ilustrador de modas, o Sr. Manuel Bernardez Muller estudara um novo ângulo de "nonsense" que pudesse ser aplicado ao caso na seção que assina com o pseudônimo de Jacinto de Thormes, o Sr. Tomaz Ribeiro Colaço insensivelmente encadeara diversos trocadilhos e o Sr. Carlos Mafra de Laet dera corda ao suave realejo literário de onde extrai as suas moduladas crônicas em ritmo de javá.



Mas quando a questão foi posta em têrmos nítidos ao Sr. Walter Moreira Sales êste simplificou o problema: doaria a quantia almejada, a ser obtida mediante a venda provável dos ingressos para a festa. Com essa atitude altamente filantrópica, o mais recente dos nossos embaixadores prestou um grande bem à infância do país, e fêz jus à gratidão geral. — ISOLETE.

O guarda-chuva... (Cont. da pág. anterior)

Depois que os dois estrangeiros atribuíram uma importância para mim tão inesperada ao guarda-chuva, passei a dar outra atenção a êsse objeto de inutilidade na mão de uma mulher chic, destinado a permanecer fechado, mesmo quando chove, que é quando elas dão uma corridinha, sem tempo para abrí-lo, do automóvel ao ponto a que se destinam, ou são servil ou cavalheirescamente abrigadas por algum guarda-chuva masculino, funcional e não mero traste de enfeite. Hoje, para mim, o guarda-chuva feminino, embora não empregado como proteção contra os chuviscos, serve para um teste com que se prove ou negue a elegância de qualquer mulher, já que basta vê-la ou mesmo imaginá-la segurando-o para verificar se o faz com *allure* ou *gaucherie*.

Por exemplo, tentemos acertar em quem ganharia um concurso de elegância numa prova de guarda-chuva: a rainha Mary, Gloria Swanson ou Marlene Dietrich, a novíssima rainha Elizabeth, a duquesa de Windsor ou alguma das nossas dez mulheres mais bem vestidas?

Ah, mas agora recordo que conheci aquela que seria vencedora incontestável num certame dêsse gênero. E muitos nesta capital a conheceram, sem dúvida, pelo menos de vista, já que não era figura de sociedade. Frequentava indefectivelmente os concertos vespertinos da cidade e era linda. Nascera na Polônia, de família judia, fugira de maneira dramática e inconcebível de sob a dominação alemã, aqui viera ter aventurosamente. Despertou-me a curiosidade e indaguei a seu respeito. Disseram-me que conhecia literatura demais para a sua pouca idade, que amava as artes em geral e a música especialmente. Caracterizava-a um guarda-chuva de origem européia de que não se separava. Fazia grupo com uns poucos refugiados boêmios que vagavam até tarde pelas ruas e cafés em grandes papos. Cansada, acontecia-lhe às vêzes, depois das caminhadas da madrugada, sentar-se vestida à beira do divã que lhe servia de leito no quarto modesto e logo, com preguiça, resolver se despir sumàriamente e se enfiar assim mesmo com a combinação do dia por sob as cobertas noturnas. Manhã alta, quando despertava, era comum encontrar por baixo do lençol o guarda-chuva esquecido ao puxar as roupas de cama para se cobrir, o guarda-chuva que era um cetro para a sua elegância quando à tarde surgia, com o costume sóbrio no corpo esbelto, entre os frequentadores do Municipal. José Lins do Rêgo tomou-lhe o nome, que não era Dominique, para a heroína de um de seus romances. Hoje, apesar de sua beleza e de sua graça, ela, que não foi feliz aqui, acha-se de novo na Europa. Um jornalista brasileiro chegou a publicar a notícia de que seria lançada em grande estréia num teatro em Paris. Mas a verdade é que tal não se deu e que com todo o garbo físico e dom para usar *tailleur* e brandir o guarda-chuva, parece que não teve estrêla e se apagou.

De onde me assalta um receio: ainda que para acentuar a elegância, não temerão as mulheres, sempre tão pesquisadoras de supertição, ostentar o guarda-chuva, reconhecido símbolo de azar?

E você, meu amigo papai novato da Dominique brasileira, é melhor que faça também concessões às teorias que atribuem fluidos maléficos a certas coisas: não ponha nas mãos de sua garôta, mesmo para confirmar a misteriosa tradição de elegância que parece se ter associado ao nome senhoril, o objeto que Chamberlain levou a Munich e caracteriza os fracassados funcionários públicos.

Week-end na cozinha

UMA RECEITA INAPROVEITÁVEL



TAMBÉM, não adianta ter fome aos domingos à noite no Rio, a não ser que se tenha em casa um cuca benevolente, pois fora de casa não há onde comer bem. Sim, há, mas só "ali"... e não vamos dizer onde é, pois não pretendemos fazer propaganda, nem muito menos induzir o proprietário do negócio a cair na rotina carioca, de abaixar a qualidade e elevar os preços... Há, no entanto, vários processos de gozar o apetite insatisfeito, como, por exemplo, tirar da estante o velho Ramalho Ortigão e ler a sua suculenta crônica "Jantares e Jantantes" (em Paris), depois do que só resta ao pobre morador desta cidade conservar o buraco no estômago e sublimar os anseios digestivos em plano imaginativo. Hoje oferecemos aos nossos leitores uma modalidade semelhante de satisfazer as exigências de um justo "gurmetismo".

Trata-se da apresentação de uma receita de um grande cozinheiro da atualidade em Paris. Caso a receita, apesar de honesta e minuciosamente dada, não possa mesmo ser seguida, haverá o derivativo de sonhar com ela.

Entre os inúmeros ótimos restaurantes de Paris conta-se o "Cabaret", dos irmãos Georges e Henri Rabu. O primeiro, que é o mais velho — tem 55 anos, o outro 53 — é homem de grandes iniciativas, já viajou por todo o mundo, profissionalmente ou não, foi proprietário de diversas e ainda o é de muitas outras casas em que nenhum esfôrço é poupado para que a comida seja excelente. Tem sofrido muito para levar a efeito êsse propósito: estêve três vêzes na prisão (por ter servido manteiga com salmão defumado, por ter escondido sardinhas, por ter pôsto creme de leite num môlho) e foi advertido setenta e cinco vêzes pelas autoridades competentes. O "Chef" do "Cabaret" é Jean Dierslein, que se intitula "primeiro cozinheiro de França", e de quando em quando lança grandes criações, como o fazem os costureiros e os fabricantes de automóveis. Seu último prato é "galinha à francesa", cuja receita passamos a dar, embora com o receio já manifestado de que seja impossível executá-la sem a assistência do próprio criador:

LEVAR ao forno a galinha nadando em "mirepoix". Agora, um parêntese: consultemos o Larousse, o grande Larousse. Aí encontramos Mirepoix cidade, diversos cidadãos Mirepoix e finalmente um môlho assim batizado em homenagem a um dos tais cidadãos, que por sinal era um duque. Eis como se prepara êsse môlho: derrete-se em fogo brando 350 gramas de toucinho picadinho, juntamente com 250 gramas também picadinhas de presunto magro e 500 gramas de vitela cortada em pequenos cubos, duas cebolas cortadas em rodelas, alho, salsa, louro, tomilho, **champignons** (cogumelos), dois cravos da Índia: molha-se com dois litros de bom caldo de carne e um litro de vinho branco; depois de deixar ferver bem, continua-se a ferver docemente até que o môlho seja reduzido à metade; depois coa-se por pano de escócia. Outro parêntese para fechar. Muito bem, então a galinha foi levada ao forno nadando em môlho de "mirepoix". Deixemos que ela aí cozinhe, em fogo baixo, por duas horas, mexida de vez em quando, juntamente com um "bouquet garni". Ah, mas êsse "bouquet garni"! Nesse ponto das explicações, tanto o cozinheiro como o proprietário do restaurante se interrompem para salientar que o "bouquet garni" é **capital.** E não explicam como é "garni" (bouquet" todos os brasileiros sabem o que é, "garni" é guarnecido, composto). Deixemos que a imaginação dos mais bem dotados para a arte culinária componha o tal "bouquet". Depois, forra-se uma grande fôrma com presunto, guarnece-se com ramos de espinafre em redor, aquece-se em banho-maria. Outro item da guarnição, isto é, do acompanhamento: fundos de alcachofra recheados de "quenelles" de vitela. Novo "parêntese: "quenelle", cuja tradução não conhecemos em português, é um bolinho de carne raspada e passada na peneira assim preparado: socar com o pilão 550 gramas de raspas de vitela peneiradas, com 250 gramas de pão de sopa de pão, bem sêco; juntar meio ôvo uma pitada de sal, 300 gramas de manteiga; fazer bolinhas do diâmetro do dedo mínimo e cozinhá-las em água fervendo. Tempo de cozimento: 20 minutos. Fechemos o parêntese. Os fundos de alcachofra assim recheados são regados de môlho béchamel, salpicados de queijo e levados ao forno. O restante da guarnição compõe-se de **champignons** nos quais são introduzidas pequenas trufas, nata de tomates (môlho muito fino de tomates feito com pedacinhos de presunto e de trufas). O recheio da galinha: miolo de pão ligeiramente gratinado e carne de salsichas. A galinha deve ficar ao centro do prato de apresentação sôbre um pedestal.

Bom apetite, **leitores!**

À LUZ DA PSICANÁLISE

CRENÇA E DÚVIDA

DR. LUIZ FRAGA

VIOLETA conta pouco mais de 20 anos. Morena de olhos belos e inteligentes, nasceu numa terra ensolarada do norte, vindo para o Rio na antemanhã de sua adolescência. Casou-se cedo e tem uma filhinha que é o encanto do lar.

Violeta dedica-se aos estudos filosóficos e sua inteligência penetra fundo nos conhecimentos da ciência universal.

Após algumas sessões de análise, nas quais a nossa observada portou-se à altura de sua inteligência e de acôrdo com a sua cultura, colhemos o diálogo seguinte:

VIOLETA: — Não creio em nada e sinto um grande desprêzo pelos homens medíocres. Acho que esta descrença cresceu comigo. Uma reação automática, talvez.

MÉDICO : — A crença e o juízo não são a reação automática primitiva que caracteriza a fé ingênua e cega da criança.

VIOLETA: — Talvez, mas eu sempre tive juízo. Diga-me, não era Pascal quem afirmava que: negar, crer, duvidar, são para nós o que correr é para o cavalo?

MÉDICO : — Sim, Pascal, realmente, o afirmou; mas o juízo é uma forma de atividade psicológica, que caracteriza a reflexão e o pensamento superior racional.

VIOLETA: — ... Tive sempre os meus atos mentais isolados dos hábitos comuns, na infância...

MÉDICO : — Não podemos isolar os nossos atos mentais. Êles fazem um todo, mesmo com os nossos atos orgânicos, nosso caráter e nosso temperamento.

VIOLETA: — Mas temos as nossas paixões, não as temos?

MÉDICO : — Elas não são senão a expressão de tôdas as nossas tendências, isto é, de nossos hábitos. Influem, pois, fortemente, com o nosso temperamento e caráter, nos nossos juízos e nas nossas crenças.

VIOLETA: — Nossas crenças... só acredito na fôrça da inteligência. E' por isso, talvez, que não tenho animais domésticos. O homem vale pela inteligência que possui.

MÉDICO : — Sem dúvida, êle é mais industrioso do que a abelha, mais cruel do que o tigre, mais astuto que a rapôsa, mais terrível, mais inconstante, dissoluto e insaciável que todos os animais juntos... Lance, porém, os olhos em tôrno e verificará que tôdas as faculdades de que êle se gaba, estão ligadas à matéria nos brutos. A ave, que mede o seu vôo pela ciência adquirida ao alcance da espingarda, a andorinha que se precipita nas chamas para salvar sua ninhada, a rapôsa, cujas estratégias sempre novas enganam a matilha do caçador, revelam-lhe tesouros de imaginação, inteligência, amor e juízo. Você se verá obrigada a reconhecer nos animais, como no homem, sentimentos inatos; a amizade, o ódio, os zelos, o reconhecimento, a vingança, se renovam nêles em cada geração: o que sentimos, sentem êles; o que queremos, também êles querem; sòmente êles têm êstes sentimentos em maior escala; porque os seus órgãos são mais perfeitos: é um animal universal, um ser que pensa, combina, lembra, reflete, deseja, raciocina, que se apaixona e quer.

VIOLETA: — E se matássemos tôdas estas paixões e faculdades, exceto a derradeira, o homem seria aniquilado?

MÉDICO : — Não se aniquilaria senão uma planta e um animal; as faculdades inteligentes e pensadoras, que convêm aos brutos e que também temos, são aniquiladas. E o homem será só isso? A sua inteligência limita-se acaso a levantar diques, como o castor, palácios, como a abelha, pirâmides, como as formigas, com o desenvolvimento que lhe permitem os seus órgãos mais aperfeiçoados? A alma consiste só nas necessidades do corpo? Os seus pensamentos estão aí nas percepções dos sentidos, nas vontades, nas paixões, nos furores dos seus zelos, nos seus amôres terríveis, como os do tigre, ou fiéis como os dos periquitos inseparáveis.

De certo que se o homem se compõe só das faculdades que tem comuns com os outros animais, o seu futuro está morto.

VIOLETA: — E como imaterializar umas sem imaterializar as outras, como dar estas à eternidade e aquelas ao nada? Abaixaremos a nossa personalidade até os brutos, ou elevaremos êstes até nós?

MÉDICO : — Nenhuma das duas. Sairemos dêste lado reconcentrando-nos em nós mesmos; os atos interiores da consciência nos revelarão o ser culto, que vive em nós, que é "nós" e que se manifestará pela virtude.

Moralidade, razão, belo ideal, infinito, consciência, eis o homem separado da matéria e do tempo; eis as faculdades, que êle possui na terra: você achará a alma, e na alma a fonte moral do ser humano, isto é, a necessidade doutra vida.

Destas modificações divinas você verá nascer a virtude, que é o triunfo da alma sôbre a matéria; o amor verdadeiro, que idealiza a eternidade; a idéia de ordem, que nasce da consciência e da razão; a relação dos efeitos com as causas no infinito.

A inteligência, a memória, a vontade, tôdas as afeições e paixões, que constituem a vida dos animais, podem morrer no homem; mas nem por isso o homem morrerá. A sua imortalidade é um direito, ainda mesmo que o homem não fôsse separado dos brutos, senão pelo sentimento da divindade.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 QUANTOS ARTIGOS TEM A ATUAL CONSTITUIÇÃO DO BRASIL:

— 406?
— 218?
— 184?

2 QUAL O GRANDE BRASILEIRO QUE NASCEU NA FAZENDA N. S. DA AJUDA, PARADA DO POMBAL, TERRAS DE S. JOSÉ DEL-REI:

— Tiradentes?
— Felipe dos Santos?
— Pandiá Calógeras?

3 COMO SE CHAMAVA O PATRIOTA BRASILEIRO QUE ESCONDEU TIRADENTES EM SUA CASA DA RUA GONÇALVES DIAS (ENTÃO DOS LATOEIROS):

— Major Viana da Silva?
— Domingos Fernandes Torneiro?
— Gonçalves Lêdo?

4 EM QUE LUGAR FOI PRÊSO TIRADENTES:

— No Rio?
— Em Ouro Prêto?
— Em Niterói?

5 QUE IDADE TINHA TIRADENTES AO SER ENCARCERADO NA ILHA DAS COBRAS:

— Vinte e três anos?
— Trinta e cinco?
— Quarenta e um?

6 QUEM CONFERIU A JOSÉ BONIFÁCIO O TITULO DE "PATRIARCA DA INDEPENDÊNCIA":

— D. Pedro I?
— O historiador Rocha Pombo?
— Um pintor anônimo?

7 QUE QUER DIZER "CUCÚRBITA":

— A abóbora?
— O cocuruto de nossas cabeças?
— Uma pessoa corcunda?

8 QUAL O NOME QUE SE DÁ AO ATLETA LANÇADOR DE DISCOS:

— Discóbolo?
— Discente?
— Atenista?

9 QUE QUER DIZER "ENCHOMBRAR":

— Dar sombra?
— Enxugar mal a roupa?
— Encher de lama?

10 QUE NOME TEM UM OBJETO COM A FORMA DE FIGO:

— Figadal?
— Paquiforme?
— Ficiforme?

11 COMO SE CHAMA A UMA CONSTELAÇÃO DE SETE ESTRÊLAS:

— Hiade?
— Plêiade?
— Miríade?

12 QUE QUER DIZER "LATICOLO":

— Cão que late muito?
— Animal ou pessoa que tem pescoço largo?
— Um veneno africano?

13 A "LITOLOGIA" SE OCUPA DO ESTUDO DAS:

— Rochas?
— Das madeiras de lei?
— Da energia solar?

14 A "NÁUTICA" É A ARTE E CIÊNCIA DE:

— Fazer versos?
— Navegar?
— Cultivar o solo?

15 QUANDO UMA PESSOA É VITIMA DE "OB-REPÇÃO, FOI PORQUE:

— Teve uma congestão cerebral?
— Caiu num "conto do vigário"?
— Interpretou mal um texto de lei?

(Respostas na página 51)

A INSATISFEITA

(Cont. da pág. 23)

Aquêle olhar de que tanto Roger gostava voltou a iluminar os olhos de Mary:

— E' verdade, prima Patty?

— Sim. Chegou mesmo a fazer um desenho de seu vestido de veludo, e eu, por êle, fiz um meu igual, mudando apenas algum enfeite.

Correu ao seu quarto e trouxe o vestido para mostrar a Mary.

Vestiu-o e perguntou:

— Está bem? — E andou para lá e para cá, parando diante do grande espelho de tia Isabelle, olhando as costas para ver se caía bem.

— Está perfeito. Quando eu penso que êle se lembrou...

— Prima Patty lhe lança um olhar vivo.

— Não é sòmente disso que êle se recorda — diz sucintamente.

Ao descerem para o jantar descobriram que Roger lhes havia enviado uma caixa com flores, violetas purpurinas para tia Isabelle e Patty, e violetas brancas para Mary.

— Que maravilha! — diz Mary debruçada sôbre a caixa perfumada — Estou certa de que ninguém jamais me havia enviado violetas brancas.

(Continua no próximo número)

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

KRINGER NATIONAL...

(Cont. na dág. 17)

descoberto e desbravado. Nessa região, a pequena cidade de João Belo e a sua deliciosa praia de Sepúlveda, formam um recanto que convida ao repouso e à meditação. Não mencionar, quando se rememora êsses fastos gloriosos da colonização portuguêsa em África, a figura ímpar do jornalista, investido no cargo de capitão-general e governador da província, Antônio Ennes, seria cometer uma das muitas injustiças que a cada passo se cometem, injustiça, certamente, também feita à grande rainha Dª Amélia, que o estimulara de tôda a forma, no decorrer dessa gloriosa campanha, rainha que Portugal em pêso reverenciou ùltimamente, ao ser enterrada em Lisboa, em fins de 1951.

Esgotado o prazo de nossa permanência em Moçambique, que se fôsse triplicado ainda seria pouco, voltamos a Johannesburgo, e daí seguimos de avião diretamente para a cidade de Livingstone, Rodésia do Norte, em busca de mais outro dos nossos objetivos: "Victoria Falls", as maravilhosas cataratas de Zambeze, que tornaram para sempre célebre o seu descobridor.

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessas pelo Reembôlso.

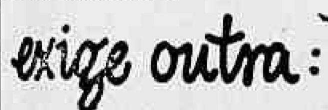
Mocidade, Saúde e Beleza:— OS IDEAIS DA MULHER

A mocidade, a saúde e a beleza são as armas poderosas da mulher. Constituem, por isso, o seu máximo e supremo ideal. Grandes são, pois, os seus sofrimentos quando os males próprios do seu sexo a atingem e roubam a sua saúde, esgotam a sua mocidade e extinguem a sua beleza.

Tôda mulher tem o direito e o dever de defender e perpetuar a sua saúde, a sua mocidade e a sua beleza. Para isso precisa ela combater os males de seus órgãos genitais.

De duas naturezas diferentes são êsses males — os que originam as regras abundantes e hemorragias e os que produzem a falta ou a diminuição das regras. Para os primeiros: Regulador Xavier Nº 1. Para os segundos: Regulador Xavier Nº 2. O REGULADOR XAVIER é o remédio de confiança da mulher.

Uma cousa ...





Polvilho
Antisséptico
GRANADO



DESODORANTE
CICATRIZANTE

SÃO JORGE (Ogun) Geenral...

(Cont. da pág. 15)

reagrafia e canto, para o guerreiro S. Jorge. Êste ano, porém, não houve a fartura de comidas e bebidas dos anos anteriores.

Não vimos nenhuma matança e na casa de Mãe Jerônima não presenciamos o sangue dos animais correndo ao pé do altar.

★

No dia 23 de abril, fizemos uma visita a casa da Mãe Marieta. Encontramos lá, uma embaixada de sul-americanos, que fazia massa e côro com os ogans do terreiro do Parque Felicidade.

Negras moças e velhas, dansavam e cantavam animadamente enquanto os tambores marcavam o ritmo:

"Meu pai é Ogum
Vencedor de demanda
Êle veio de longe
P'ra salvar filho de Umbanda".

Deu meia noite, Os Exus chegaram. Meia noite pertence ao Orixá pertubador. Ou lhe prestam as saudações de estilo ou Exu Cete Encruzilhada, Maria Massa Tranca Rua, Bambogira, acabam com o terreiro.

"Meia noite em ponto
Vivou
Galo já cantou
Vivou".

Mulheres e homens em transe, recebem tôdas as falanges do reino de Exu. Charuto na bôca troncha, olhos abertos e parados, uma porção de demônios soltos, dançando com uma perna só, como saciperêrê, as vêzes se arrastando como cobras, outras pulando de costa para o pegí.

Uma demoniaca coreografia se desenvolve, sôbre o rítmo dos atabaques e dos cantos fortes de mais de cinqüenta bôcas de negros, brancos e crentes macumbeiros:

"Ê Exu
Pisa no tôco
Pisa no galho só
Olha pisa no tôco
Olha pisa num galho
Exu escorrega
Exu não cai
Oh ganga
Exu".

Mas Ogum volta com sua espada, e avisa aos Exus que já é tarde e êles devem se retirar.

"E' sinal que está na hora
Vamos embora
Maria Massa
Vamos embora
Bombogira
Vamos embora
Sete Encruzilhada
Vamos embora
Tranca Rua
Vamos embora
E' sinal que tá na hora
Vamos embora
Exu ê
Vamos embora".

Os Exus vão se retirando de um a um, de costas para porta da rua. O último apanha a vela do centro do terreiro e saúda a S. Jorge Ogum.

E nós os Exus da imprensa, nos retiramos também do terreiro da Mãe Marieta.

Ao sairmos ouvimos a saudação a Xangô, que vinha comprimentar S. Jorge, e levamos nos ouvidos uma música bonita e uns versos que não compreendemos.

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 2

A	Fumava →	5	76	61	30	34	17
B	Criaturas →	64	24	54	7	77	
C	Ente Supremo →	56	12	4	99		
D	Constelação austral →	85	6	109	52	63	
E	Pêlo que guarnece as pálpebras →	22	107	86	100	70	
F	Encontres →	49	111	87	33	2	
G	Vagaroso →	108	19	83	48	96	
H	Torcida de candieiro →	8	62	27	11	23	
I	Qualquer parte do esqueleto (pl.) →	105	45	10	55	94	
J	Alvura; cãs →	114	73	92	44		
K	Trejeito, gesto de escárneo →	46	65	103	98	69	
L	Filho primogênito de Noé →	32	67	18			
M	Massolei, devastei →	66	59	113	93	15	
N	Entre nós →	37	78	28	43		
O	Oferecestes →	72	35	26	84	39	31
P	Inchar →	112	74	57	60		
Q	Que se safaram →	89	75	40	25	3	
R	Dar a extrema-unção →	79	102	42	21	13	
S	Descobridor da lei da atração universal →	110	91	97	81	9	106
T	Templo →	41	68	20	80	29	95
U	Usar livremente →	90	101	47	58	14	53
V	Decidir-se por →	1	51	104	82	36	
W	Siso, juizo →	38	88	71	16	50	

■	V 1	F 2	■	Q 3	C 4	A 5	D 6	B 7	H 8	S 9	I 10
■	H 11	C 12	R 13	U 14	M 15	W 16	■	A 17	L 18	G 19	T 20
R 21	E 22	H 23	B 24	Q 25	O 26	■	H 27	N 28	T 29	A 30	O 31
■	L 32	F 33	A 34	O 35	V 36	N 37	W 38	■	O 39	Q 40	T 41
R 42	N 43	J 44	L 45	■	K 46	U 47	G 48	F 49	W 50	■	V 51
D 52	U 53	■	B 54	I 55	C 56	P 57	■	U 58	M 59	P 60	A 61
H 62	■	D 63	B 64	K 65	M 66	L 67	■	T 68	K 69	E 70	W 71
O 72	J 73	■	P 74	Q 75	A 76	B 77	■	N 78	R 79	T 80	■
S 81	V 82	G 83	O 84	D 85	■	E 86	F 87	W 88	Q 89	■	U 90
S 91	J 92	M 93	■	I 94	T 95	G 96	■	S 97	K 98	C 99	E 100
U 101	R 102	K 103	V 104	I 105	S 106	■	E 107	■	G 108	D 109	S 110
F 111	P 112	M 113	J 114	■	■	■	■	■	■	■	■

Otaner -Rio

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos-chaves no quadro vertical que se encontra à sua frente, cada letra em uma casa. Depois transportam-se para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras. No quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 1: — JOAQUIM MACEDO, A Moreninha — "Dizem, pois, que quem bebe desta água não sái da nossa ilha sem amar alguém, dela e torna, por fôrça, em demanda do abjeto amado".

CORREIO DA REVISTA

Prezado Leitor.

Esta é a segunda carta e não será a última que lhe dirigimos. Precisamos conversar porque há necessidade de explicações da nossa parte. Começamos hoje pela que V. espera a respeito da capa.

Reparou? Claro que sim. De fato mudamos e o fizemos para melhor, o que sempre é uma boa razão. Não acreditamos que V. preferisse a outra, por maior que seja o seu apêgo à tradição. Esta é moderna, mais viva e agradável. A concepção e a execução do novo desenho são do nosso companheiro Vítor Tapajós, desenhista e paginador de primeira água.

Há alterações também na paginação, que espera assim alcançar uma combinação muito recomendável de leveza e sobriedade. Renato Cartaxo continua a apresentar o "Lidergrama", o novo passatempo que apaixona o mundo; gostaríamos de conhecer sua opinião a respeito dêle. Aumentamos a nossa reportagem nacional (no que vínhamos porfiando desde 15 dias atrás), de forma a trazer o leitor sempre informado sôbre as atualidades. Continuaremos dedicando um especial cuidado à reportagem, sem nos esquecermos de aperfeiçoar as seções permanentes.

"Rio — Noite e Dia" era projeto há várias semanas, que hoje se concretiza. Seja V. um leitor do Rio ou do interior há de encontrar interêsse nessa seção. Ela lhe dará um resumo satisfatório da vida social e artística da capital da nação. Será também um roteiro.

E a conversa continuará no próximo número.

A DIREÇÃO



«São Vicente (Est. de S. Paulo), 21 de abril de 1952.

Prezados Redatores da REVISTA DA SEMANA.

Li em vossa Revista (último número) uma crítica sôbre o navio «Santarém», do Lóide Brasileiro, com referência ao transporte de malas do Correio.

Fiquei bastante admirado, por vários motivos: 1º — O navio em referência é um velho navio «misto» do nosso Lóide; 2º — A quantidade de malas que desejavam embarcar era extremamente grande, segundo diz a vossa Revista (5.000 malas!) é demais para um só navio, uma vez que o mesmo não só transporta malas, mas cargas, bagagens e etc. Eu que trabalho em Santos, na Agência do Lóide e estou diàriamente em contato com o Correio, para o fim de harmonizar e acertar o embarque de malas, sei quanto nos custa atender êsses casos. Aqui tem havido embarques de 1.000 e mais malas, mas acontece que as malas de hoje são verdadeiros sacos de cargas, pois a maioria consiste em reembôlso postal (calçados, roupas, remédios e uma infinidade de coisas). Basta dizer que até enxadas e pás se viu em malas que se romperam ao embarcar.

Dessa forma quero, sem intuito de crítica, explicar uma situação que conheço bem de perto.

Além disso o Comandante do «Santarém» é um conterrâneo e sei que não se furtaria a conduzir malas, desde que fôsse uma quantidade razoável, mas cinco mil (é muito), não acha Sr. Redator?

Isso por ser navio de Turismo não importa, pois os navios chamados «paquetes», ou sejo os de passageiros, são os preferidos para condução de malas.

Espero que o pequeno artigo de crítica de vossa prezada Revista não passe de um mal entendido, pois sendo o Lóide um ramo do Govêrno, os seus navios têm que cooperar 100% nos transportes de malas do correio e em outros assuntos ligados ao mesmo Govêrno.

Não estou autorizado a esta defesa, mas sinto-me forçado a vos escrever, pensando que o artigo em causa possa passar sem um reparo da parte da nossa Emprêsa. — Atenciosamente. — (as.) Jovino S. Machado, Av. Capitão-Mor Aguiar n. 424, S. Vicente.»



Francisco Pabolassi (São Paulo) — O endereço que pede é o seguinte: Post Office Box 191. Papanga Canyon. California. U. S. A.

NOÇÃO DO TEMPO

(Continuação da pág. 35)

de mobílias. Enquanto lia, ia comendo balas que tirava de um saco de papel já muito amarrotado. Não poderia haver nada de mais sereno, pensava, do que aquela tarde. O relógio andava no seu leve tique-taque, as balas se dissolviam em minha bôca. O perfume das flores que a Sra. Vivaldi colhera começava a se misturar com o cheiro adocicado das flores do jardim. Do gramado de croquet chegavam uma ou outra palavra irritadas — quase sempre "parceiro" em tom de exortação ou desculpa — e as batidas sêcas na bola. Os últimos cheiros do almôço se haviam desvanecido, como o último ruído distante da lavagem de louça. Só na sala com a Sra. Vivaldi, eu gozava a modorrenta tarde com todos os meus sentidos, embebida em pacíficos sentimentos de devoção. Gostava de estar ali enquanto ela dormia. Assim eu gozava a presença dela sem ter necessidade de fazer com que ela me apreciasse, o que era cansativo.

Só a simples presença da Sra. Vivaldi era bastante, pois me lembro de me conservar de costas para ela, apenas uma ou duas vêzes voltando a cabeça para vê-la. O livro que eu lia tratava de um grande bando de crianças sem mãe. Eu não tinha nenhuma má-vontade contra as mães das crianças dos livros, mas me afligia o risco de que morressem. Era mais garantido quando a mãe já havia morrido antes do livro começar, com a dor dessa falta já amenizada, e eu sempre andava à cata de histórias nessas condições.

De quando em quando eu levantava o olhar do livro e caía em devaneio. Procurava imaginar minha mãe, que saíra para passear, sòzinha por entre os pés de cereja que desciam pela encosta até ao vale. Sua inquietação frequentemente a arrastava para longas caminhadas, demasiado longas para que eu as pudesse apreciar. Quando a acompanhava ia ficando sempre para trás, pensando no livro que estava lendo, e nas crianças órfãs. Por entre as cerejeiras estaria fazendo calor e um perfume forte pesaria no ar, com abelhas zumbindo nas flores e borboletas de um azul pálido esvoaçando por sôbre as chicórias e os heliotrópios. Mas descobri que não me era possível pensar em minha mãe passeando por lá, sòzinha: era um quadro incompleto, que não me incluía. Para mim a realidade estava ali naquela sala, com suas venezianas abaixadas, seu quadro em ponto de cruz representando um cavalheiro despedindo-se de sua dama. (Por trás dêle um soldado despedia-se de maneira menos afetada de uma criada). As cadeiras forradas de pelúcia, as urnas de Sèvres me eram tão familiares, de tanta presença, que jamais as poderia esquecer. Uma cena marcante, que ficou gravada na minha experiência, e não poderia ser igualada, ou deslocada, ou alterada. Como um sonho, destacava-se, inviolável, para ser preservada. Então, sùbitamente, pensei que não deveria ter deixado minha mãe sair sòzinha. Um pensamento subversivo, aquêle, que sugeria que as crianças pudessem oferecer alguma proteção às pessoas grandes. Não sabia contra que poderia protegê-la; talvez simplesmente de seu passeio solitário pela tarde. Constatei um indesejado sentimento de pesar. Até àquele instante acreditara que o fato das pessoas se tornarem adultas as colocasse acima da contingência humilhante de sugerir piedade.

Tentei voltar a me interessar pelo livro, reunir em volta de mim aquelas crianças num círculo que me isolasse, mas em meu espírito perturbado surgiu a suspeita de que a Sra. Vivaldi não dormia. Uma vespa ziguezagueava pela sala e escapou abruptamente, por acaso, pela janela. Não deixou atrás de si a mesma calma, mas inquietação. Eu podia me ver — com os olhos da Sra. Vivaldi — curvada sôbre o livro,

(Continua na pág. 54)

A VAIDADE

COMUNICAÇÃO DOUTRINÁRIA DADA EM SESSÃO PÚBLICA DO CENTRO ESPÍRITA REDENTOR EM JUNHO DE 1951

A vaidade, se não existisse, seria um bem para a humanidade. Não nos referimos à vaidade feminina provinda de adornos e de enfeites; referimo-nos àquela vaidade perniciosa que se fixa no espírito, de tal forma, que o torna orgulhoso e prepotente. O vaidoso só enxerga em si qualidades, julga-se inteligente, só êle sabe, só êle entende, só êle produz e, completamente dominado pela vaidade, não admite nem aceita observação nem conselhos de ninguém. Infelizmente, tem sido a vaidade que tem concorrido para muitas infelicidades no mundo, infelicidades nas famílias, trazendo a desarmonia e o desentendimento, infelicidades nas sociedades comerciais, nas indústrias, em tudo, enfim, onde existam homens e mulheres em pequeno ou grande número, uns porque não querem ser observados, porque se julgam competentes para tudo, outros porque não admitem conselhos e não admitem e nem concebem que os outros possuem mais inteligência do que êles.

Nas altas camadas sociais, e também entre o povo inculto, a vaidade prolifera. Não são só aquêles que possuem instrução, mentalidade e dinheiro que são vaidosos, há também quem não possua nada disso e tem a vaidade, a importância do ser mais do que o seu companheiro, de ser mais do que a sua companheira. E' a vaidade o maior mal da humanidade, porque ela não deixa que a criatura reconheça a sua ignorância, não deixa que ela se enxergue, não deixa que ela se corrija, alije de si os vícios, porque não os reconhece, não os pode corrigir.

Se todos fôssem comedidos e sensatos, não se julgariam nenhuns portentos, nenhumas inteligências, nenhuma perfeições. Seriam todos bons, porque seriam compreensíveis, seriam mais tolerantes, seriam enfim, criaturas mais humanas na forma e no fundo. Mesmo entre aquêles que frequentam as nossas Casas com assiduidade há os que se deixam levar pela vaidade; não devendo, não, podendo ter êsse defeito, porque quem conhece esta Doutrina, quem está senhor dos seus Princípios, não pode ser vaidoso, não pode se julgar mais importante do que os outros, nem tão pouco um ser perfeito.

Todos devem procurar aproximar-se da perfeição, mas para a tal chegar, é preciso que reconheçam que não são nenhumas perfeições, e assim, tornarem-se tolerantes, acessíveis, compreensíveis e humanos.

Muito temos falado sôbre êste ponto e muito ainda falaremos, porque a humanidade não quer esclarecer-se e ser modesta. Enquanto ela não se despojar dessa capa pesada da vaidade, ela não pode, absolutamente, corrigir-se, nem esclarecer-se.

Saibam ser almas superiores no sentir e no agir, saibam compreender as coisas como as coisas são, não se entreguem à vaidade, não fiquem cegos e surdos pela vaidade, procurem examinar as suas consciências para poderem fazer justiça a si próprios, e o fazendo, irão reconhecendo muitas falhas, muitos erros e nunca se julgarão ser importantes, que tudo sabem, que de tudo entendem.

Esclareçam-se, portanto, e sejam mais moderados e mais modestos.

LUIZ DE MATTOS

RIO, 11-5-1902

CRÔNICA

ENTRAMOS no tempo do frio, êsse frio lépido e balsâmico do Rio de Janeiro que traz consigo, no mês de maio, as flores e as idéias, a florescência dos roseirais e dos cérebros. Na minha banca de trabalho, no gabinete onde veio visitar-me, odo alegre do grande amor que lhe tenho, não me canso de afagá-lo, sorvendo-o, brindo-lhe de par em par os pulmões, sorrindo-lhe, dizendo-lhe coisas lindas, infan-ilidades carinhosas, que êle compreende e retribui dando-me a fôrça de trabalhar e roduzir. Por que te demoraste tanto êste ano, estação mil vêzes abençoada pelas rilhetas da idéia e do vocábulo? Não vês que, sem ti, tôdas as faculdades criadoras esfalecem e param, sufocadas, arquejantes, reduzidas a torresmos? Não sabes que tua volta é festejada com a mesma alacre superstição com que os europeus aguar-lam a revoada das andorinhas? Não sentes que tu és a única felicidade a que o pro-letariado mental pode aspirar: a felicidade do espírito na plena e radiante expansão las suas faculdades?

Homens das zonas temperadas, das zonas de onde irradia para o mundo o talento ivilizador, quanto vos invejo a benignidade privilegiada que convosco teve a natu-eza! Não vos queima a mão, não vos adormece a canícula, não se vos retraem as déias ao abrigo da sólida espessura das paredes celulares. Cada um de vós, ao er-uer-se, ouve a imaginação a cantar-lhe, como um rouxinol, árias inspiradas, sempre ovas. Os músculos distendem-se, retezam-se, ductilizam-se numa flexibilidade de molas e aço reluzentes e finamente temperadas. A pele tem a suavidade, a macieza, a ave-ludada frescura de uma pétala de camélia. As articulações jogam, prontas e obe-ientes, como engrenagens de relojoaria. E feitas as abluções matinais, recebida no orpo a ducha espertinha e travêssa, todo um sistema de fôrças ignotas e confusas, as invencíveis, nos arremessa para a banca de trabalho. Só lá, só lá, podem viver sses Príncipes da Grã-Ventura de que fala Eça de Queiroz, êsses que servem de pro-tagonistas ao formoso e final quadro de "A Cidade e as Serras": "A tarde adoçava o eu esplendor de estio. Uma aragem trazia, como ofertados, perfumes das flores sil-vestres. As ramagens moviam, com um acêno de doce acolhimento, as suas fôlhas vivas e reluzentes. Tôda a passarinhada cantava, num alvorôço de alegria e de louvor. s águas correntes, saltantes, luzidias, despediam um brilho mais vivo, numa pressa ais animada. Vidraças distantes da casas amáveis, flamejavam com um fulgor de uro. A serra tôda se ofertava, na sua beleza eterna e verdadeira. E, sempre adiante a nossa fila, por entre a verdura, flutuava no ar a bandeira branca, que o Jacinto ão largava, de dentro de seu cesto, com a haste bem segura na mão. Era a "ban-deira do Castelo", afirmara êle. E na verdade me parecia que, por aquêles caminhos, través da natureza campestre e mansa, — o meu Príncipe, atrigueirado nas soalhei-as e nos ventos da serra, a minha prima Joaninha, tão doce e risonha mãe, os dois rimeiros representantes da sua abençoada tribo, e eu — tão longe de amarguradas lusões e de falsas delícias, trilhando um solo eterno e de eterna solidez, com a alma ontente, e Deus contente de nós, serenamente e seguramente subíamos — para o astelo da Gran Ventura!"

Mas, em todo o caso, e já que o frio nos é tão esquivo, tratemos de gozar o mais ossível das suas carícias fugitivas. E' preciso aproveitar em seis meses o que os ou-tros levam um ano inteiro a degustar, aos goles, voluptuosamente. Que remédio! Nem empre se faz o que se quer: faz-se o que se pode.

JACQUES BONHOMME

OS TEATROS

A estas horas, Dias Braga deve ter-se onvencido de que o público do Rio de aneiro ainda é capaz de acoroçoar uma ntativa de certo valor artístico. Decor-ida a quadra tempestuosa, seis dias tre-endos de chuva impertinente e umidade entia, o público deu ao Recreio Dramá-ico receitas magníficas, ouvindo e aplau-indo "A Honra" com um entusiasmo além e tôda a expectativa. Se excetuarmos o cesso excepcional do "Quo Vadis", ne-uma outra peça deu à emprêsa os re-ltados práticos da obra-prima de Su-rmann, não se falando no crédito que companhia adveio com a correta inter-pretação dos artistas e a aprimorada *mise-en-scène* de Eduardo Vitorino.

O que é bom, é bom mesmo e acaba por triunfar. "A Honra", estudo profun-damente humano e verdadeiro, peça de grande alcance moral e social, além do re-sultado imediato que deu à emprêsa, fi-cará por muitos anos no repertório E' dêsses trabalhos que perduram, desafiando a caducidade, porque os defeitos e iniqui-dades que estuda e verbera hão de per-durar ainda por largo tempo, dando ori-gem a milhares de volumes e a uma co-piosa literatura dramática.

À emprêsa que montou e representou "A Honra" entregou Cunha e Costa uma comédia original, de costumes portuguêses, em um ato, com o título de "Natal na Al-deia". A peça é dedicada a Eduardo Vito-rino, a cena passa-se na Maia, arredores do Pôrto e os personagens da peça são os seguintes: *Maria do Amparo* e *João*, seu marido, os avòzinhos; *Maria do Céu*, *Luísa* e *Margarida*, suas netas; *Manuel*, seu neto; *Maria do Carmo*, irmã de *João*; *Rui*, o en-jeitado; *Maria de Jesus* e *Zé da Vinha*, criados.

A peça, por gentileza de Dias Braga, Eduardo Vitorino e de todos os artistas, será desempenhada pelos melhores ele-mentos da companhia.

★

Machado Correia tem quase concluída a tradução da "Vie de Bohéme", de Murger e Theodore Barriére, em que a inteligente Lucília Péres interpretará a protagonista, a doce e meiga Mimi.

★

Da peça de Batista Coelho e Julião Ma-chado — "Os Vencidos" — ouvi ler o se-gundo ato que tem qualidades dramáticas e literárias de primeira ordem. Deve ser um sucesso teatral e uma jóia a acrescentar ao repertório da emprêsa Dias Braga, a qual é destinada.

★

A companhia Tomba tem tido algumas casas magníficas. Em geral, desde que o tempo melhorou, a concorrência aos tea-tros da capital tem sido satisfatória, pro-vando que, com temporal, a melhor peça não resistirá no cartaz. A "Bohêmia" ob-teve um casão; "D. Pedro de Medina" a mesma coisa; "Elisir d'Amore", outro tanto. Matinées muito concorridas também.

Farfalla

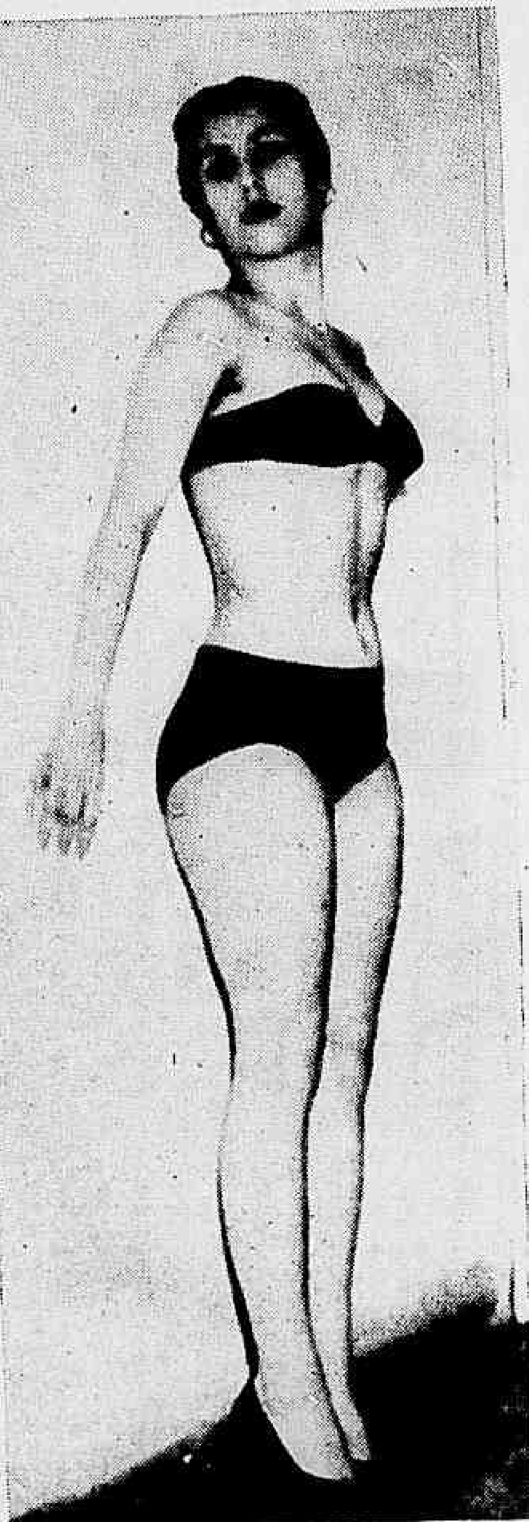

REVISTA DA SEMANA

A Neta de Um Conde



leva sua cruz, com tôda a compunção que o ato requer. Chama-se Felicity Elwes, com 25 anos de idade, muito religiosa. Mas não está, pròpriamente, a fazer penitências como nos tempos da idade média nos caminhos das Cruzadas. Ela toma parte numa procissão em memória da Paixão de Cristo, na Inglaterra. Êsses atos de finalidade religiosa estão hoje muito em moda naquele país, como que fazendo recordar aos homens que a doutrina de Cristo deve ser mantida, piedosamente.

★



Miss Grécia

Não sabemos ainda se esta linda concorrente grega ao título de miss Grécia, chegou a vencer o páreo lá em Atenas. Mas que todo mundo achou que merecia a láurea, isso é verdade. E ela está mesmo convicta de que não é apenas «a mais bela» de sua pátria, e sim, poderá vir a ser «a mais bela» do mundo. Para isso aguarda, apenas, sua viagem aos Estados Unidos, depois da consagração na Grécia. Não se trata pròpriamente, de um fato acontecido; mas que poderá acontecer, não se discute.

Tudo isto

Guerra à pinga



SABIA o leitor que, certo deputado, apresentou à Câmara um projeto de lei que manda proibir, terminantemente, a fabricação de aguardente no Brasil? Um jornalista foi procurar o Sr. Gileno di Carli, presidente do IAA (Instituto do Açúcar e do Alcóol) a fim de saber como encarava êle o assunto, tendo-lhe respondido o mesmo titular que nada tinha a ver com isso. O caso era da alçada do Ministério da Fazenda! Aí está uma coisa esquisita: a fabricação de aguardente é atribuição do Ministério da Fazenda. Naturalmente porque o sêlo é dessa Secretaria de Estado, com o que o Tesouro Público se enche todos os anos. Mexer com a cachaça é ferir profundamente o Ministério da Fazenda, retirando-lhe milhões de cruzeiros de renda. Logo, o Ministério da Fazenda deve olhar com o maior carinho a fabricação de cachaça. Deve ter mesmo certa "cachaça" pela sua renda... Mas, há umas considerações do Sr. Gileno di Carli, que merecem atenção, pela justeza de que se revestem. E' o caso da importação de uísque. Se há projetos proibindo a fabricação da jiribita, por que não se proibe a importação de uísque? O meio não é proibir a fabricação, é educar as gerações que vão surgindo no sentido do anti-alcoolismo. Assunto pedagógico.

Campeonato



DE quê? De cachaça. Onde? Na Paraíba. Dizem os telegramas vindos de João Pessoa, que o governador José Américo está sendo tormentado por centenas de telegramas, mensagens, cartas, apelos de tôda espécie, no sentido de que não permita o II Campeonato Internacional de Cachaça, que terá como palco a cidade portuária de Cabedelo. Não sabemos como irá decidir o autor de "A Paraíba e seus Problemas", e, se tiver de tirar nova edição da monumental obra, muito bem poderá incluir-lhe um capítulo sôbre o assunto. Mas, francamente, não há motivo para tanta celeuma. A cachaça é bebida nacional, e, segundo atestam os técnicos, não fica atrás do uísque e do conhaque, do gim e do rum. O que humilha a cachaça é ser po**pular e poder ser bebida até em moedas** mínimas. **Já** se vende **um vintém de "branquinha", embora hoje não** seja possível; ma **um bebedor amigo de tascas poderá pedir um tostão** dela e o ven**dedor serví-lo. Ora, há em vários paises campeonatos** semelhantes **de cerveja, de uísque, de qualquer outra bebida espirituosa** que tir **o juizo de quem bebe de mais. Se o Brasil quiser** realizar o se**u campeonato internacional de cachaça, que mal** há nisso?

O Êxodo



MINISTROS de Estado, legisladores, jornalistas, o próprio Presidente da República, estão alarmados com o êxodo que se processa incessantemente de populações do nordeste em direção ao sul, servindo-se do S. Francisco e da estrada Rio-Bahia. Segundo registram as estatisticas, que em 1951, mais de duzentos mil nordestinos, entre crianças e adultos de ambos os sexos, deixaram o nordeste brasileiro e viéram, rio acima, ou em caminhões pela Rio-Bahia, em busca das miragens de melhor vida no Rio, S. Paulo e Paraná. Diàriamente rodam por essa grande estrada, mais de 30 caminhões cheios de gente, do norte para o sul. Já dizem os registros policiais que, em certas cidades do nordeste há mais de dez mulheres para cada homem. S o fenômeno de demografia dinânima prosseguir na mesma razão co que o vemos agora, dentro de pouco tempo estaremos com o interi do nordeste completamente despovoado de homens, e as maiores c dades do sul, Rio e S. Paulo, com uma pletora de elementos mascu nos excessivamente elevada e sem recursos para dar trabalho a ta tos braços sem ofício. Não resta a menor dúvida: o govêrno atu tem diante dos olhos um dos mais sérios problemas a resolver, e o conseguirá, adotando uma política de fixação do homem ao seu mei

Aconteceu

Embriagados



A zona sul, apesar de suas vestes de seção grã-fina do Distrito Federal, possui considerável exército de gente amalandrada, que passa a vida em botequins, em namoros libertinos até mesmo nos bancos da Avenida Atlântica. Essa gente ginga de corpo e empretesse de alma. E' audaciosa e não se dá a respeito, nem respeita ninguém. Qualquer fato que, entre pessoas educadas séria até motivo para travar relações de amizade, entre êsses elementos dá motivo a conflitos, a descomposturas, a demonstrações de valentia. Nem todos, porém, residem na zona. Muita gente vem de outras partes da cidade para engrossar a desordem entre Leme e o Leblon. Mas acham no meio mais elegante do Rio **o clima necessário para suas badernas e falta** de compostura. **Veja o leitor o que acaba de acontecer com dois** camaradas que **se dão ao prazer de fazer farras em Copacabana,** vindos de Frei **Caneca e Engenho Novo. Andaram a beber e a fazer** misérias por alí. **Mas chegou a hora de voltar cada um para sua** casa. Ambos vão **a pé, altas horas da madrugada, atravessando o** túnel novo, quando **o fotógrafo teve a idéia louca de querer despir-se.** O bombeiro hidráulico, **apesar de "cheio", procurou impedir o ato de**satinado do amigo. **E os dois se atracaram em luta corporal.**

Surram as espôsas



"CADA terra tem seu uso, cada roca tem seu fuso". Isso é um ditado popular, que deve ser conhecido e usado em todos os paises do mundo. Mas, não sabemos se o leitor estava ciente de um costume bastante desagradável, pelo menos para as mulheres, em pleno vigor lá pela [ndia. Segundo telegrama publicado em nossos jornais, na cidade de Magherita, os maridos tinham o hábito pouco delicado de dar surra em suas queridas espôsas. Mas o mundo evolve a passos largos, e as mulheres de tais senhores se reuniram em assembléia e discutiram o assunto, com o maior entusiasmo. Já estavam cansadas de apanhar. Uma mulher é um ser humano com os mesmos direitos civis e divinos que enfeitam o homem. Êsse negócio de alegar que o homem foi feito por Deus, e que a mulher só o foi da cintura para cima, é sofisma de Santo Agostinho. Todos somos filhos do Pai Eterno, mesmo da cintura para baixo. Por isso, as mulheres de Margherita fundaram um Sindicato em cujos artigos há um dispositivo que diz: "Devemos punir todo o marido que surre sua mulher". Também não admitirão insultos e outras indignidades de seus esposos. Como vemos, êsse uso de meter a ripa na mulher é, lá em Margherita, uma coisa de amargar.

Historietas



A Câmara dos Deputados da Itália acaba de aprovar um projeto de lei, segundo o qual deve ser estabelecida a censura prévia de tôdas as historietas cômicas e literatura infantil em geral. O projeto de lei estipula a criação de uma comissão especial de três membros, — um sacerdote, uma mãe de família e um pai — para que aprove tais historietas e livros que possam ser postos a venda sem inconvenientes para a educação das crianças. O projeto de lei foi apresentado em setembro passado pela deputada Maria Federici, ex-professôra e filiada ao partido democrata cristão. A aprovação foi conseguida por 275 votos a favor, contra 34 negativos, devendo agora passar ao senado, **para a aprovação final. O assunto está despertando** muito interêsse **em todo o país, e a própria imprensa acolhe a lei** com simpatia. **O assunto envolve uma grande indústria, pois, sòmente** nos Estados Unidos **há centenas de pessoas que vivem disso, isto é,** de imaginar, desenhar **e vender historietas de quadrinhos. Mas os peda**gogos e seciólogos **encaram essa maneira sintética de ensinar coisas** à mocidade, **como veículo perigoso para a criançada, desde que o** assunto seja de **terror, de assassínios, de assaltos, de amôres sen**suais e libidinosos.

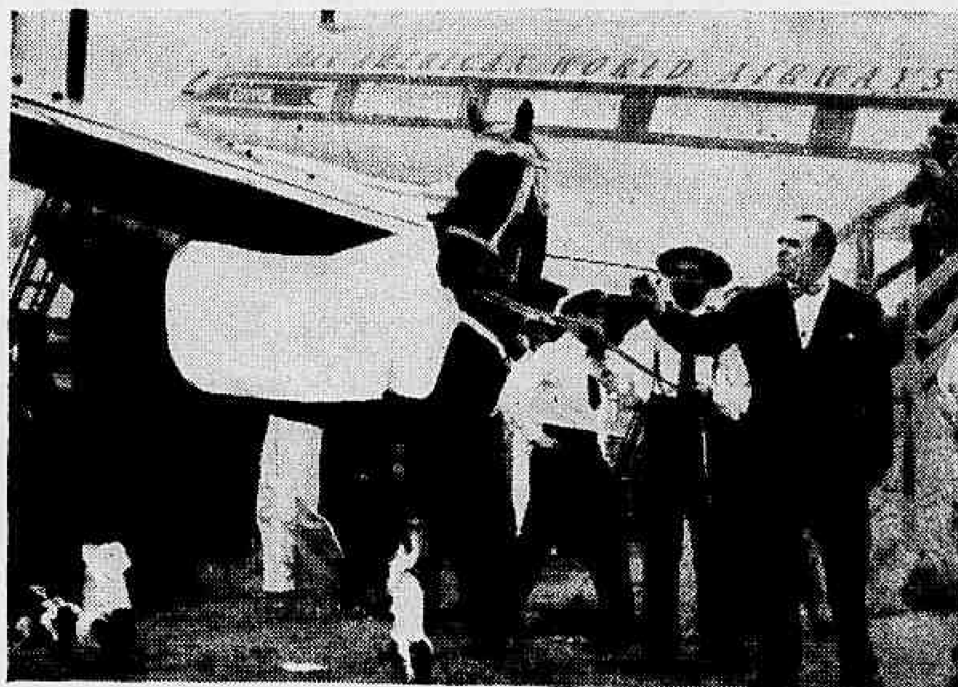
Dois cavalos marinhos



nas representações do Windmill Theatre de Londres. Não se pode, de maneira alguma, mudar o gênero dêsses animais, pelo simples fato de tratar-se de duas «girls» assim fantasiadas. Seria uma irreverência. O jeito é mesmo dizer que elas «são dois cavalinhos marinhos», numa cena muito bonita da «Valsa Submarina», fantasia de arranjo artístico do maior efeito teatral. E muito tubarão desejaria estar naquelas águas. Chamam-se Lorna Bayless e Margaret Cooper.

★

Yatasto no Brasil



O famoso cavalo uruguaio Yatasto, com destacadas atuações nas pistas argentinas, chegou a São Paulo a 23 de abril, viajando num clipper de carga da Pan American. Contando onze vitórias em outras tantas provas que disputou, Yatasto viajou com um seguro de 10 milhões de pesos (aproximadamente 8 milhões de cruzeiros) a fim de tomar parte no Grande Prêmio São Paulo.



MASSAS AYMORÉ

"A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE"



NOÇÃO DO TEMPO

(Cont. da pág. 50)

o vestido amarrotado pelo meu feio modo de sentar, interminàvelmente abrindo e fechando o saco de balas para escolher, hesitante, uma bala e saboreá-la. Sentia-me como intrusa, como se não mais fôsse natural que permanecesse dentro de casa num dia assim. Se a Sra. Vivaldi estava acordada, era necessário que eu me levantasse e lhe falasse.

Ela tinha a cabeça apoiada na mão, o cotovêlo branco fincado no braço de pelúcia da poltrona. Contra o fundo vermelho escuro ela tinha um ar muito branco e louro e eu notei suas longas veias azuis que se ramificavam pela parte de dentro do braço.

Enquanto me dirigia para ela, vi que suas pestanas se agitavam por entre os dedos entreabertos. Conservei-me em frente a ela, segurando o saco de balas, mas ela não se mexeu. No entanto, tinha uma tal certeza de que estava acordada que não conseguia me decidir a ir para fora e deixá-la. No momento em que esbocei com a mão um vago gesto, ela descobriu o rosto. Levantou as pálpebras e abriu ligeiramente a bôca, num movimento extremamente delicado para que se pudesse dizer que tinha bocejado. Sorriu. "Devo ter adormecido um pouco" — disse. Olhou para a cesta de flores, para o relógio, depois para o meu saco de balas.

— "Como você é gentil!" — murmurou, abanando a cabeça e aumentando a minha timidez. Dei uns passos para o lado, achando que estava me impondo a ela.

"Então, ficou aí todo o tempo?" — perguntou. "E eu dormindo. Como devia estar horrível". Ergueu a mão para as tranças do cabelo, na nuca. "Só os moços deveriam ser vistos dormindo".

Ela sempre ressaltava a minha mocidade em contraste com a idade dela. Eu gostaria de dizer: "A senhora estava linda", mas me sentia desajeitada e absurda. Sorri tòlamente e fui andando para o jardim, abandonando o livro. As bolas pintadas tinham ficado pelo gramado. Os lilazes sujavam o caminho com suas flores caídas. A tarde continuava para todos, menos para mim. Interrompida, não sabia como retomar o seu fio. Comecei a imaginar que idade teria a Sra. Vivaldi. Parei junto ao pé de budleia e fiquei observando as borboletas, bêbadas, sugando as flores, tropeçando pelos ramos. Para que fazia ela tanta fita? — perguntei a mim mesma. Sabia que não valia a pena fingir, representar para crianças. A gente grande não costuma tomar cuidado diante de nós, ficava natural, às vêzes de expressão reveladora. Não constituíamos platéia digna. Que a Sra. Vivaldi se desse ao trabalho de simular por minha causa deu-me grande tristeza e senso de responsabilidade. E me queimavam as palavras que eu não havia pronunciado para consolá-la.

Fiquei ali escondida sob a bludeia por muito tempo. Até que ouvi minha mãe se aproximando pela estrada, de volta de seu passeio. Temia, agora mais que nunca, que seus passos se arrastassem, como acontecia às vêzes, ou que ela suspirasse. Saí medrosamente de trás do tronco.

Minha mãe cantarolava baixinho, e quando me viu estendeu-me um ramo de morangos silvestres, com as hastes aquecidas por sua mão. Sentou-se na grama sob a árvore e, levantando os longos braços, alizou os cabelos, enfiando nêles com firmeza os grampos. Disse: "Então você afinal resolveu sair daquela sala abafada?"

Comi os morangos quentes e sujos de terra um a um, e meus pensamentos adejavam sôbre minha mãe como as borboletas sôbre a árvore. Minha sombra inclinava-se para ela, como o meu amor.

AQUILO QUE O VENTO...

(Cont. da pág. 26)

timentos de Eva. Sortilégios diabólicos, insinuações, veneno — apoderar-se-ia de tôda a sua alma!

....

..Um dia, aquêle diabinho resolveu apresentar-se à sua vítima. Seria nova forma de tortura?

— Sabes que sou? Sou teu deus ao qual diriges, diàriamente, tuas preces. Entrei em ti, captei teus pensamentos, teus sentimentos, tua alma enfim, e nunca mais te deixarei. Encontrei, em ti, esplêndido "habitat" e estarei sempre vicejante e florescente! Empregarei, então, em meus domínios, tôdas as minhas energias e sugarei, ainda, de ti mesma, tudo o que me aprouver — para desgraça do teu Adão! Sabes meu nome? Não? Pobrezinha! Chamo-me: VAIDADE...

....

Anos depois, uma fada bondosa chamada BOM-SENSO, de passagem por nosso planêta, travou conhecimento com os nossos amiguinhos, já cansados de viver. Aproximou-se-lhes. (Bom-senso ambienta-se bem entre aquêles em cujas veias não corre mais um sangue moço, quente e arisco. Bom-Senso teve pena da primeira mulher. Tanta inexperiência e ingenuidade jogadas ao vento, sôltas! E Bom-Senso tentou ajudá-la: Com sua varinha de condão, conseguiu expulsar o duende que habitava a alma de Eva. Mas a Gnômide, ao passar pelo coração, achando a porta mal fechada — enfraquecida já pelas constantes derrotas — lá se escondeu, em desespêro de causa. Penetrou, em seguida, através de suas veias e amalgamou-se a seu sangue de tal maneira que a fada Bom-Senso nada mais pôde fazer! O veneno fôra espalhado com ciência...

....

HOJE, passados tantos séculos, a primeira Eva já não existe. Mas existe, ainda, (aquilo que o vento não levou nem lavará...) a terrível Gnômide Vaidade, que continua, estuante de vitalidade, a viver do sangue de outras Evas para desgraça de muito Adão!...

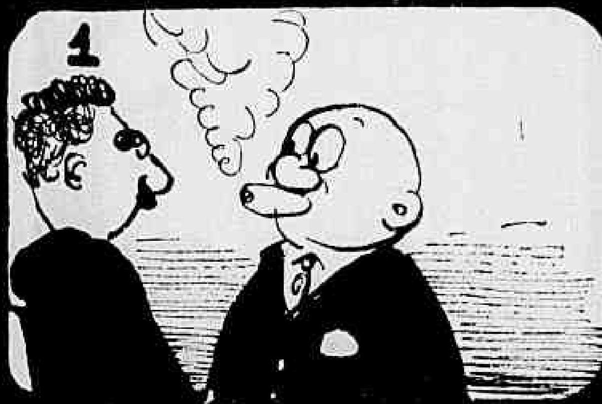
RESPOSTAS AO TESTE

1 — 218.
2 — Tiradentes.
3 — Domingos Fernandes Torneiro.
4 — No Rio.
5 — 41.
6 — Um pintor anônimo.
7 — A abóbora.
8 — Discóbolo.
9 — Enxugar mal a roupa.
10 — Ficiforme.
11 — Hiade.
12 — Animal ou pessoa que tem pescoço largo.
13 — Estudo das rochas.
14 — Ciência de navegar.
15 — Caiu num conto do vigário.

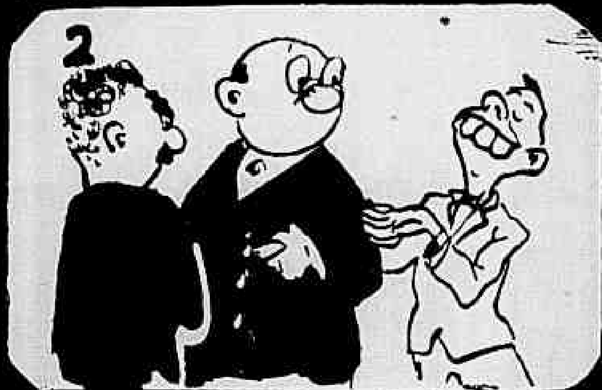
ÊSTE MUNDO E O OUTRO

Criação de DARCY

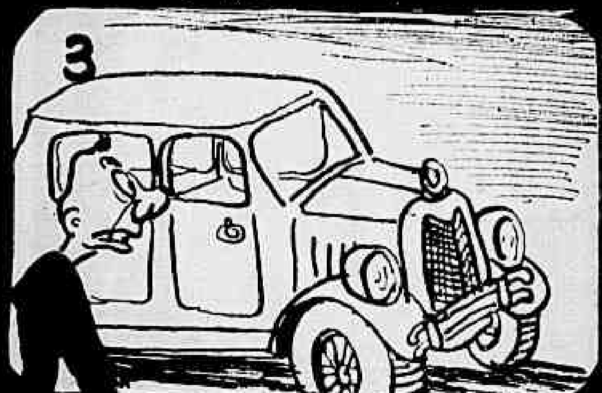
MANUAL PRÁTICO DO BAJULADOR



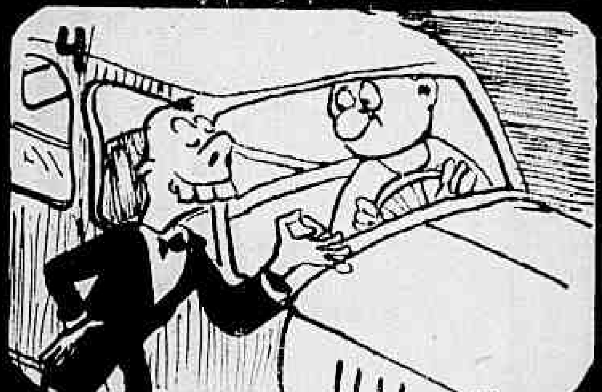
Quando o patrão estiver fumando e não houver cinzeiro por perto, diga:



— «Ponha a cinzinha do seu charuto aqui em minha mão... Ela já está suja, mesmo...»



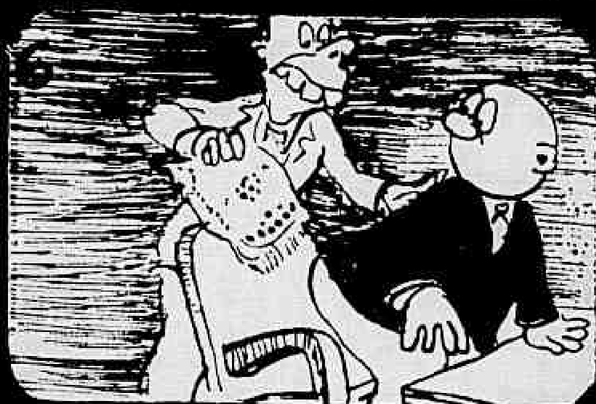
Lembre-se. A caranguejola do seu patrão é velha mas é dêle...



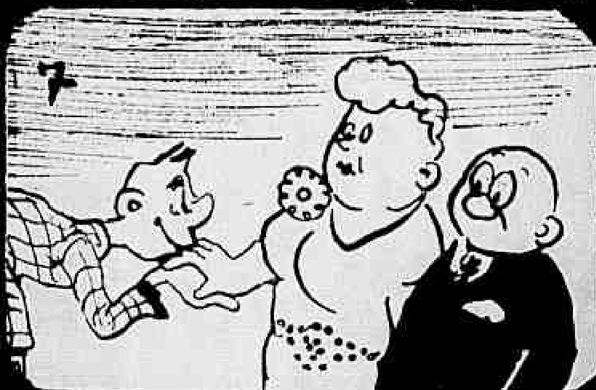
— «Ora, os autos modernos! Não há nada como a linha clássica dos carros antigos...»



A cadeira onde o patrão se senta deve merecer mil cuidados...



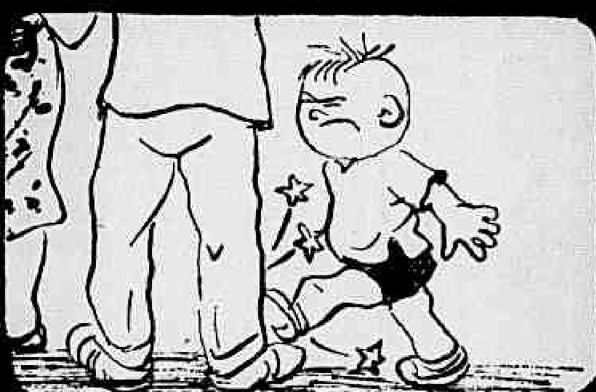
— «Um momento. Deixe-me pôr, antes, a almofada de sêda, bordada por minha espôsa...»



Conquiste a simpatia da senhora do patrão e terá conquistado 99% da situação:



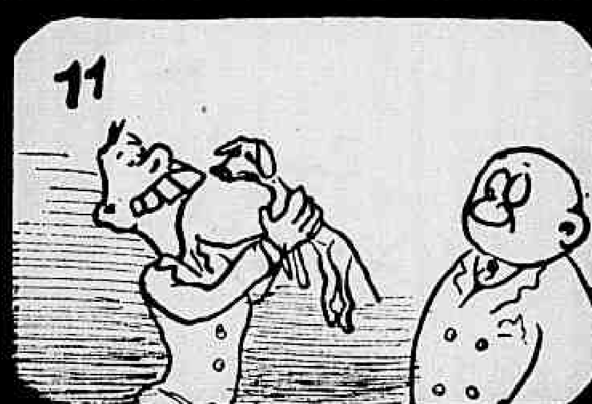
— «Mas que vestido lindo! Um encanto... E' modêlo especial de Dior, para a senhor?»



Ah, os filhos do patrão! Calma, presença de espírito e embotamento da sensibilidade...



— «Fazendo «cosquinhas» no «titio», hein, malandrinho? Tão engraçadinho, um amor!»



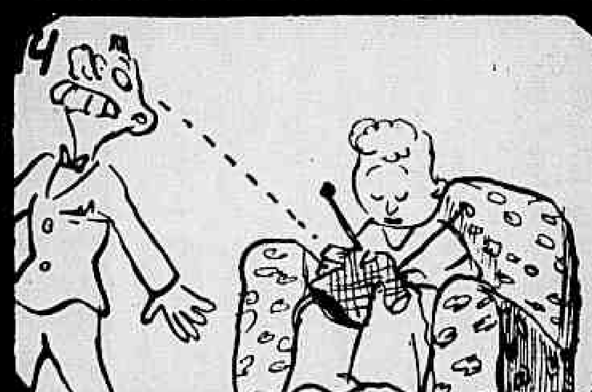
— «Não. Êste seu cão não pode ser vira-lata. Deve inscrevê-lo no Kennel Club...»



Aproveite a morte da tia-avó da espôsa do patrão (não havendo parente morto mais próximo):



— «Basta ser parente do meu queridíssimo para tôda a minha família sentir profundamente».



Sim. Não perca a oportunidade. Se a filha do patrão está esperando o primogênito, depressa:



— «Deixa disso, dona cegonha! Mas serei eu quem vai entregar o primeiro neto do patrão!...»

Foi preciso a ação da Polícia Civil, Polícia Especial, Fuzileiros Navais para conter a massa na ânsia de cumprimentar os campeões pan-americanos. Em baixo: Ademir e sua espôsa saindo do Aeroporto sob a proteção da Polícia; Castilho sendo abraçado pelo seu companheiro do Fluminense, Orlando; e mais uma vez o goleiro titular do selecionado saindo do Galeão entre as filas de policiais.







APESAR DA CONFUSÃO

ESTRONDOSA RECEPÇÃO AOS CAMPEÕES

Texto de LEVY KLEIMAN **Fotos de AIBERTO FERREIRA**

É um absurdo perturbar-se o tráfego de uma cidade para bater palmas a jogadores de futebol", lamentava sèriamente um cidadão que viajava no mesmo elevador que o repórter num edifício o centro da cidade. Eram 17 horas e a avenida Rio Branco, de ponta a ponta, com milhares de pesas dos dois lados aguardando a passagem dos campeões pan-americanos de futebol.

Era natural a revolta do circunspecto cidadão, irritado porque deveria ter gasto mais tempo que o ormal para se locomover pelas ruas do Rio, mas esqueceu-se que pela primeira vez na história esrtiva do Brasil, uma seleção brasileira de futebol conseguia conquistar no estrangeiro um campeonato ternacional contra uma série de fatôres adversos. Para uns pode parecer uma conquista fútil, banal, m nenhum proveito coletivo, mas para milhares e milhares de brasileiros dos mais humildes aos mais oderosos a conquista dêste título de campeão vem dar às nossas côres esportivas uma honra que há ntos anos persegue, que estêve tão perto na Copa do Mundo de 50, e que só agora em Santiago do hile foi possível alcançar, a consagração internacional do futebol brasileiro, hoje tão admirado em dos os países onde o "association" alcançou grande desenvolvimento, pelo seu alto padrão técnico, los seus valores individuais, assim como pelo senso criador dos nossos jogadores.

A alegria que não foi possível expandir naquela tarde de 16 de julho de 1950, quando o Brasil, com título de campeão mundial à mercê de um triunfo ou apenas um empate, perdeu surpreendentemente ra o Uruguai, num dêstes caprichos que tornam o futebol um esporte tão emocionante que chega é a matar do coração os torcedores, o povo guardou-a, avaramente, durante quase dois anos, para pandir-se na consagração aos campeões pan-americanos de futebol.

O engraçado é que êste é o terceiro campeonato que os chilenos já inventaram para ver se conseguem n título de campeão sul-americano, ou então pan-americano. Todos os três foram conquistados pelo asil. Em 48 a entidade do país andino organizou um torneio que reuniu os principais clubes cam-

peões de diversos países, e o Vasco, derrotando todos os campeões obteve, invicto, o título de campeão dos campeões da América do Sul, sob a direção de Flávio Costa. Em 1949 o Chile promoveu o Campeonato Sul-Americano da Juventude Amadorista, e mais uma vez o Brasil logrou o título de campeão, com um selecionado cuja maioria de jogadores pertencia ao quadro de juvenis do Fluminense, várias vêzes campeão carioca, equipe dirigida por Oto Viera. Agora o Chile quis ir mais longe, idealizou o Campeonato Pan-Americano de Futebol, do qual participaram representando a América do Sul, Brasil, Chile, Uruguai e Peru; a América Central, o Panamá, e a América do Norte, o México. Tudo indicava que os chilenos seriam os vencedores. Ninguém fazia fé com o time do Brasil, principalmente depois que empatou de 0x0 com o Peru. Os chilenos derrotaram os campeões do mundo, os uruguaios, e bastava empatar apenas com os brasileiros para alcançarem, invictos, o título que tanto cobiçavam. Mas o time brasileiro reagiu, venceu de 5x0 o Panamá, vingou-se do Uruguai ganhando de 4x2, e finalmente contra o Chile deu um passeio, vencendo de 3x0. Os andinos não esperavam tamanha demonstração de poder de reação e fibra dos rapazes que representavam o Brasil, tanto que caíram no mesmo êrro em que os nossos incidiram na Copa do Mundo: consideravam-se campeões de véspera, e o tiro saiu pela culatra.

Cinco jogos que mexeram com os nervos dos torcedores através das pormenorizadas irradiações do time de locutores que transmitiu do belo Estádio Nacional, de Santiago de Chile, que prepararam o ambiente para a ruidosa manifestação aos seus campeões.

Foi organizado um belo programa de recepção aos "cracks nacionais. O avião chegaria ao Galeão às 15,30, e após o cortejo pelas principais artérias da cidade, avenidas Presidente Vargas e Rio Branco, os campeões rumariam ao Palácio Guanabara onde seriam homenageados às 18 horas pelo Prefeito da Cidade. Acontece que o programa não pôde ser cumprido à risca, a passagem dos carros coincidiu com a hora do "rush" e sòmente alguns jogadores conseguiram chegar às Laranjeiras depois das 21 horas, ficando completamente transtornado o tráfego no centro da cidade, prejudicando sensivelmente os que se locomoviam para as suas residências em todos os quadrantes da metrópole. Justa a consagração pública aos "cracks", mas a chegada do avião deveria ter sido retardada pela Confederação Brasileira de Desportos para 24 horas mais tarde, ou seja, no sábado, quando devido à semana inglêsa diminui o tráfego no horário vespertino. A vida da cidade não seria perturbada de modo violento, todos poderiam ter ido aplaudir os campeões, e o programa de recepção seria cumprido à risca. Êste o eterno mal das improvizações, o mesmo mal que quase ia vitimando o selecionado nacional que foi disputar o torneio internacional com um ligeiro exercício de cónjunto na véspera do embarque.

A confusão foi tão grande que sòmente duas horas após a chegada do avião foi possível reunir os jogadores em plena Avenida Brasil para a devida organização do cortejo, tal o assalto do povo na ânsia de abraçar os seus "astros" preferidos. A manifestação atingiu ao auge quando os jogadores passaram pela Avenida Rio Branco, e uma chuva de serpentinas, confete, papel picado, emprestou um colorido diferente à recepção. Em frente à Câmara Municipal os campeões foram saudados pelo presidente Mourão Filho em nome dos legisladores cariocas. O segundo discurso que ouviam. O primeiro, escutaram da bôca de Vargas Neto, presidente do Conselho Nacional de Desportos, em nome do Govêrno Federal, mal desembarcaram no Galeão. Uma verdadeira maratona realizaram os campeões, que tiveram de ouvir muito discurso na Câmara Municipal, o que não estava no programa. Só às 22 horas chegaram os últimos jogadores ao Palácio Guanabara. O povo invadiu o recinto da homenagem, e o Prefeito João Carlos Vital falou aos trancos e barrancos. Só ouviram o seu discurso Bigode, Castilho, Pinheiro, Didi, Ademir, Osvaldo e Arati, além do médico Pais Barreto, do técnico Zezé Moreira, do massagista Mário Américo, e do dirigente Castelo Branco. Os paulistas do selecionado, Brandãozinho, Djalma, Santos, Baltasar, Pinga, Julinho, Cabeção e Rubens não resistiram às saudades dos seus e rumaram, às primeiras horas da noite, via aérea, para a capital bandeirante. Outros "cracks", como Bauer, Rodrigues, Santos (do Botafogo), Gerson, Ipajucan, Friaça, Eli e Ruarinho, sumiram na confusão do cortejo, preferindo escutar as homenagens pelas irradiações.

Ademir foi um dos "cracks" mais visados pelo contentamento popular. Cada um quis ficar com uma lembrança do seu terno, até parecia astro de Hollwood sofrendo a sanha dos caçadores de preciosidades, e chegou em casa com a roupa em frangalhos. Os caçadores de autógrafos perseguiram com os seus caderninhos os jogadores, até o Prefeito teve que apor a sua assinatura ao lado da dos "cracks". O Ministro da Educação fêz questão de cumprimentar um por um os jogadores campeões, manifestando-lhes o seu júbilo e o do Presidente da República pelo magnífico comportamento no certame de Santiago do Chile.

Uma grande demonstração de solidariedade foi o abraço que levaram a Zezé Moreira os seus companheiros de profissão, os técnicos Flávio Costa, Délio Neves e Gentil Cardoso.

Foi a mais entusiástica recepção que uma delegação esportiva já teve no Brasil, superando a que o público prestou em 1938 aos jogadores brasileiros que participaram da memorável Copa do Mundo conquistando um belo terceiro lugar.



Os campeões tiveram que aparecer na sacada da Câmara Municipal para agradecer as manifestações e os guardas fizeram muita fôrça para conter o povo na estrondosa manifestação.



O Prefeito João Carlos Vital fêz questão de abraçar todos os campeões. Ei-lo cumprimentando o técnico. Em baixo: no Palácio Guanabara, Zezé Moreira, Bigode e Castilho sorriem.





A Pergunta da Semana — Por SINIMBU

Que Estado poderá vir a concorrer



PERNAMBUCO?

O algodão, segundo produto da economia pernambucana, caiu de 25 milhões de quilos, produzidos em 1937, para 15 e 18 milhões, obrigando as fábricas de tecidos a importar 50% da matéria-prima a industrializar. O açúcar, principal riqueza do Estado, atravessa situação difícil. Dentro porém de um ano ou dois a energia de Paulo Afonso chegará ao Recife para movimentar as máquinas e possibilitar um ritmo uniforme ao crescimento das indústrias estaduais. Servido por energia elétrica farta e barata, e pela capacidade de iniciativa e trabalho de seus filhos, o Estado de Pernambuco virá a concorrer com S. Paulo.



BAHIA?



A Bahia vive de exportar cacau e fumo. Mas é em suas terras que o petróleo afirma a melhor das promessas no Brasil e a refinaria de Mataripe que produz 2.500 barris diários, tendendo a crescer sempre, revela uma auspiciosa perspectiva para futuro próximo. Graças ao petróleo a vida econômica da Bahia pode em poucos anos ser modificada radicalmente e um surto industrial pode sacudir a sugestiva paisagem do Recôncavo. A idade do petróleo, na Bahia, poderá transformar a Boa Terra — é de todo possível — num concorrente do Estado de São Paulo.

E. DO RIO?



A Velha Província, hoje decaída do antigo prestígio e esplendor, poderá renascer através de uma agricultura mecanizada, depois de saneadas as suas zonas insalubres, e das possibilidades que lhe serão abertas pela instalação de uma das nossas grandes refinarias de petróleo. Com efeito, o Estado do Rio não perdeu as esperanças de ver sediada em seu território uma das refinarias projetadas. Conseguirá êle reerguer-se da decadência a que atingiu, despertar e aproveitar as energias amortecidas, ameaçar como concorrente o Estado bandeirante?

PARANÁ?



O Paraná vai crescendo em progresso quase vertiginoso. Na esteira dos cafezais que hoje opulentam suas ferazes terras roxas levantam-se cidades (Londrina é um milagre em pleno sertão), montam-se serrarias (a madeira é ali mesmo industralizada em grande escala), e o movimento dos caminhões nas estradas mostra que o progresso tem um vigor de adolescência. O clima favorece a imigração estrangeira e a colaboração de energias novas de todo o mundo. Poderá portanto o Paraná, em rápido desenvolvimento, concorrer com São Paulo?

R. G. DO SUL?



Estado de pequena propriedade do solo e de já numerosas indústrias, servidas aquelas e estas pela técnica e o trabalho de imigrantes e seus filhos, o Rio Grande do Sul vai ràpidamente perdendo a antiga fisionomia campeira em favor duma expressão urbana que sempre mais se afirma em Pôrto Alegre, Pelotas, e outras cidades maiores. Seu desenvolvimento industrial, em ritmo constante, deixa prever que ali terão sede, dentro de alguns anos, muitas grandes indústrias do Brasil. Será então o Rio Grande capaz de concorrer com o Estado de São Paulo?

ANO LI ★ Nº 19 ★ 10-5-52

Redator-Chefe:
ALCEU MARINHO REGO

Redator-Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR



Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Desenhos de
ALBERTO LIMA

Diretor:
Gratuliano Brito

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na Capital a cargo da Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente. 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550



MÓVEIS e DECORAÇÕES

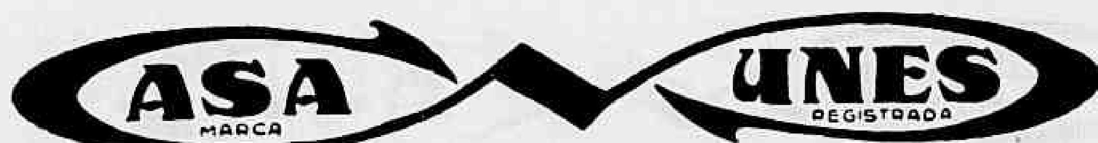
orçamentos executados por
técnicos-decoradores

TAPETES* e *PASSADEIRAS

de forração, de tôdas as
qualidades e dimensões



GRUPOS ESTOFADOS — uma especialidade de nossas oficinas



65, Rua da CARIOCA, 67 – Rio

eleito por você... preferido por milhares!





A consagração de que hoje goza Hollywood é resultado da preferência das pessoas de bom gosto — a sua preferência...

H-88.145

cigarros **Hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ